ANO 38.º SÁBADO, 13 DE SETEMBRO DE 1958 N.º 12.848

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O ministro da Saude presidiu

à sessão plenária de encerramento

dos VI Congressos de Medicina Tropical em que o Brasil foi escolhido

para organizar a próxima reunião da especialidade

Nove dias depois de principiarem, terminaram hoje os Sextos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo, que reuniram em Lisboa especialistas de 56 países, em numero superior a um milhar.

A sessão plenária de encerramento efectuou-se no salão nobre do novo Instituto de Medicina Tropical, principiando cerca de 11 horas, sob a presidência do sr. dr. Martins de Carvalho, ministro da Saude e Assistência.

Aberta a sessão, aquele membro do Governo deu a palavra ao presidente dos Congressos, prof. Fraga de Azevedo, que agradeceu a presença do dr. Martins de Carvalho, afirmando:

— Dignando-se V. Ex.ª presidir á sessão de encerramento dos nossos trabalhos, onde serão apurados e apreciados os resultados obtidos nesta importante reunião, significa que deseja estar atento ao que aqui se passou e, assim, exprimir o seu interesse pela nossa acção. Sentimo-nos, pois, particularmente desvanecidos com a superior atitude de V. Ex.ª, pelo estímulo que nos ttraz, pois nós, os que nos dedicamos desinteressadamente á cultura da ciência, precisamos de sentir apoio superior, para termos a sensação de que somos verdadeiramente compreendidos e que o nosso trabalho, tantas vezes feito com o maior sacrifício, é devidamente valorizado por quem de direito.

Os relatórios das comissões

Após estas palavras, o presidente dos Congressos anunciou que ia entrar-se na ordem do dia.

Em primeiro lugar foram apreciados os relatórios das comissões de credenciais, do regulamento e de resoluções, os quais a assembleia aprovou por unanimidade.

Nestes relatórios, a primeira daquelas comissões limitou-se a afirmar a legalidade das credenciais apresentadas pelos representantes dos vários países; e, a segunda, deu como cumpridas todas as formalidades regulamentares. Quanto á terceira, elaborou uma longa série de considerações sobre a maneira, como no futuro, deverão ser conduzidos os estudos referentes á medicina tropical e ao paludismo, indicando, em alguns casos, a maneira que se afigura mais eficaz para o combate ás doenças que afligem as populações das zonas tropicais. Todas as subsecções dos Congressos estão referidas nesse relatório, especialmente as de amebiases, leishemaniases, infecções gastro-intestinais e micóticas, ricketsioses, anemias e hemoglobinas anormais, zoonozis, estatística vital, erradicação da malária e nutrição. O relatório inclui ,ainda, notícia da criação do Comité Permanente de Documentação Microbiológica, que funciona em Estocolmo, recomendando que junto dele actuem cientistas de microbiologia tropical.

Ao apresentar o relatório da comissão a que preside, o prof. A. Dubois teve palavras amáveis para com o Governo e autoridades portuguesas, as quais os congressistas sublinharam com uma salva de palmas.

O Brasil organizará os próximos Congressos

Seguidamente, pela voz do cientista brasileiro dr. Nery Guimarães, a assembleia tomou conhecimento da oferta do Brasil para organizar os próximos congressos da especialidade. A proposta foi aceite com grande regozijo, pois aquele País figura entre os que despendem maior actividade no sentido de desenvolver a medicina tropical e obter meios de combate ao paludismo. Assim, dentro de 5 anos, os

(Continua na 3.ª página)

O ministro da Saude e Assistência discursando

Os Estados Unidos

vão construir

um foguetão-gigante para transportar tropas a longas distâncias

CAPE CANAVERAL, 13 — A Secretaria da Defesa dos Estados Unidos ordenou ontem que fosse dada «prioridade absoluta» á construção de um novo e poderoso foguetão — com uma força de impulso de 750 mil quilos — destinado a servir de veículo a um satélite artificial, capaz de transportar «enorme quantidade de carga util».

Até agora, todos os pequenos satélites norte-americanos têm sido colocados na órbita com o auxílio de foguetões dos tipos «Thor» e

(Continua na ultima página)

Um avião americano

interceptado por «caças» russos

caíu em território soviético

e morreram 6 tripulantes

WASHINGTON, 13. — A Secretaria de Estado informou hoje que, no dia 2 de Setembro, um avião de transporte norte-americano se despenhou na região Sudoeste da Russia, depois de haver sido interceptado por caças soviéticos. Morreram seis dos dezassete tripulantes.

A notícia foi ontem entregue ao encarregado de Negócios norte-americano em Moscovo, Richard Davies, e publicada esta manhã pela agência Tass.

Davies pediu imediatamente ao Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético informações sobre o destino dos outros 11 tripulantes que seguiam no aparelho sinistrado e cujo destino a nota do Governo russo não menciona. O encarregado de Negócios solicitou também autorização para que técnicos norte-americanos examinem os destroços do avião no local onde caiu.

A Secretaria de Estado disse não saber se o «C-130» tinha sido abatido pelos «caças» russos ou se caíra por qualquer outra razão. Apenas se sabe que o aparelho foi interceptado junto á fronteira turco-russa e que algum tempo depois se ouviu uma explosão. — (A. N. I.).

Não há notícias de mais onze tripulantes

WASHINGTON, 13. — A secretaria do Estado, depois de lembrar que o aparelho não possuia nenhuma espécie de armamento, pediu á U. R. S. S., no passado dia 6, que procedesse a um inquérito sobre a sorte deste avião. Moscovo alegou ter o avião violado intencionalmente o espaço aéreo soviético e a fronteira do país e não fala sequer dos 11 tripulantes dos quais não há notícias.

O encarregado de Negócios americano, ao solicitar também um inquérito mais minucioso para encontrar os desaparecidos, pediu que

(Continua na ultima página)

Nota do dia

Jogo franco

A uma já prevista substituição de pessoas, seguir-se-á, em certa medida, uma indispensável mudança de métodos. Foi sob esta impressão que nos deixaram as ultimas declarações produzidas por homens responsáveis deste País. Os quadros renovaram-se no mais alto nível. Aguardamos que os métodos se modifiquem no que for aconselhável e de harmonia com as aspirações e os interesses da grei, para empregar uma palavra grata a ouvidos saudosistas. Tudo contribui, afinal, para nos unir: a mesma lingua, a mesma raça, os mesmos interesses comunitários. E' muito pouco concorre para nos separar. Se por um lado se assentou em defender princípios e instituições que se consideram os mais convenientes, e manter posições que se reputam as mais adequadas, por outro reconheceu-se que nem os princípios eram tão firmes que não carecessem de sofrer correcções, nem as posições eram tão inabaláveis que não precisassem de ser reajustadas. É nessa obra de correcção e de reajustamento que põem as suas esperanças aqueles Portugueses que ainda não perderam as ilusões e que gostariam de mantê-las, apesar de tudo. Ninguém lhes negará o direito, que a todos deve ser facultado sem regateios, de participar activamente na vida publica, de criticar e de discordar quando a sua inteligência assim o entender. Impor-lhes apenas deveres sem lhes reconhecer alguns direitos essenciais é um princípio que não se recomenda como regra de jogo — pelo menos daquele jogo que os Ingleses denominam «fair play» e a que nós chamamos prosaicamente jogo franco e cartas na mesa.

POLÍTICA FRANCESA

A viagem do general

às colónias de Africa — 2

por ATTICUS

PARIS, Setembro.—A unica coisa segura que pode dizer-se a respeito da viagem do gen. de Gaulle a Africa é que ela não esclareceu as relações entre a França e as suas colónias, no quadro da nova Constituição da 5.º Republica. O problema essencial e fundamental é o da independência das ultimas, o qual apareceu resumido em termos categóricos nos disticos que o general pôde ler á sua passagem na Costa do Ouro: «General de Gaulle, sois pela nossa independência ou contra ela?». O chefe do Governo francês não estava, porém,

(Continua na página seguinte)

O ministro da Justiça perante a «maquette» do novo edifício da Polícia Judiciária e dos Serviços de Indentificação, dando explicações acerca das instalações que vão ser inauguradas depois de amanhã

(Ler notícia na página central)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

As radiações nucleares

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

Os principais centros científicos do Mundo mostram-se profundamente preocupados com os efeitos biológicos das radiações nucleares e procuram encontrar os meios necessários para proteger e defender o homem, isto é, as presentes e as futuras gerações. Os terríveis efeitos e os estragos causados pelas duas primeiras bombas atómi-

(Continua na 13.ª página)

Diario de Lisbôa publica hoje 32 páginas nas quais se inclui MAGAZINE

VISADO PELA CENSURA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A viagem do general de Gaulle

(Continuação da página anterior)

em condições de responder, como lhe pediam, á pergunta.

Uma tese curiosa

Mas se de Gaulle não deu a resposta que dele esperavam as populações africanas sobre a questão da independência, não foi por ser pessoalmente contra a sua concessão. Não respondeu porque se recusa admitir que essa questão seja o prólogo obrigatório do referendo marcado para 28 deste mês. Se as populações indígenas querem a independência, tal foi a sua afirmação categórica, não têm mais que tomá-la pelas próprias mãos nesse dia. A França não se oporá a que o façam. «A vossa independência, acrescentou o chefe do Governo, está desde já aceite».

A independência significará, porém, para as colónias a exclusão da Comunidade prevista no texto constitucional. Se essas populações respondessem negativamente ao referendo, conquistariam, implicitamente, a independência que desejam mas com a sucessão política cortariam os laços que as ligam á metrópole, para sempre. Os dirigentes dos movimentos nacionalistas africanos reivindicam a independência como ponto de partida para a sua inclusão na Comunidade franco-africana. De Gaulle propõe-lhes que ingressem, primeiro, na Comunidade para alcançarem em seguida a independência. De aí não ser esta formalmente reconhecida no projecto de Constituição que vai ser submetido ao referendo, embora o projecto seja sujeito a revisão na qual a independência das colónias seja formalmente reconhecida.

Uma especulação perigosa

Não faltou quem perguntasse por que razão o chefe do Governo francês se recusava a inscrever categóricamente o princípio da independência das colónias — uma vez que está disposto a concedê-la — no projecto de Constituição elaborado por inspiração sua, preferindo a via desviada da concessão da mesma independência se as populações responderem «não» ao referendo. Fazendo-o o general de Gaulle resolveu correr um grave risco.

Que disse ele em resumo ás populações das colónias? Votai a nova Constituição tal como está redigida, mesmo sem o reconhecimento no seu texto, do princípio da independência. Não acrescentarei a esse texto uma palavra. Se quereis a independência bastar-vos-á responder «não». No fundo do seu pensamento tratava-se de invocar mais um argumento a favor da Constituição, pois a liberdade que ele oferecia ás colónias para alcançarem imediatamente essa independência era acompanhada de uma ameaça concreta: «se fizerdes, sabei que também nós faremos o que mais nos convier». «Se as colónias quiserem dizer «não» ao referendo, tais foram as suas palavras, a França tirará dessa atitude as conclusões indispensáveis».

Em que se resumem essas conclusões? Está a França disposta a recorrer nas colónias, como na Argélia a uma solução de força? De forma alguma. Em França ninguém, sériamente, pensa nisso. Da resposta negativa ao referendo o general de Gaulle concluirá que a metrópole fica com o direito de por sua vez romper, também os laços que actualmente ligam a metrópole francesa ás colónias africanas. Estas não devem mais contar com o seu auxílio económico, com a sua colaboração financeira e com a sua assistência técnica, vantagens de que continuarão a beneficiar apenas desde que se conservem na Comunidade de que a nova Constituição prevê.

Trata-se de saber se a ameaça é de molde a levar os dirigentes dos movimentos nacionalistas africanos a arripiar caminho ou hesitar nas decisões a tomar. As colónias sabem que a França hesitará antes de tomar uma tal decisão e não ignoram que, mesmo que a metrópole lhes negue os benefícios que actualmente usufruem, haverá outros para a substituir. De tal maneira isto é assim, que bem pode acontecer que a ameaça do general de Gaulle acabe por se voltar contra ele.

A confusão na metropole

O que complica e agrava esta situação é a confusão que reina na metrópole sobre o futuro das suas relações com as colónias africanas, pois a política africana do general de Gaulle é apoiada quase exclusivamente pelos partidos da esquerda que combatem a sua política interna e fazem campanha contra a nova Constituição. Quanto aos partidos da direita que apoiam a política interna do general e estão dispostos a votar a Constituição, não ocultam a sua reprovação pela política colonial que ele se propõe seguir, considerando que ela é extremamente arriscada.

Os dirigentes nacionalistas africanos não ignoram este facto. Para eles o general recusa-se a inscrever no texto que vai ser submetido a referendo o princípio da independência para corresponder aos desejos dos partidos da direita e contar com os seus votos. De aí a concluirem que as promessas do general quanto ao futuro não serão cumpridas vai um passo que muitos dales já deram.

Trata-se por enquanto de uma suspeita mas de uma suspeita que pode confirmar-se no dia em que os partidos da direita, sem excepção, anunciarem que apoiarão o general e a sua Constituição. Nesse dia os dirigentes africanos concluirão que as garantias prometidas pelo general de Gaulle sobre a independência que reivindicam não valem mais do que o papel em que foram escritas.

Tal é o fundo do equívoco que falseia a vida política da França e que a viagem do general de Gaulle, longe de esclarecer, adensou singularmente. Esse equívoco pesará sobre as relações da metrópole com as colónias até 28 de Setembro, data em que os Franceses, da metrópole e das colónias, terão de decidir sobre o futuro de uma e de outras.

ATTICUS

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

O problema da localização do futuro aeroporto de Lisboa

O artigo que publicámos, acerca da conveniência de construir fora da cidade de Lisboa o Aeroporto destinado a ser utilizado pelos grandes aviões a jacto que a partir de 1960, constituirão as frotas das Companhias de Aviação Comercial tem merecido numerosos aplausos. De entre eles, queremos destacar o que se contém nesta carta do dr. Aníbal Caeiro, assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa:

«Acabo de ler no «Diário de Lisboa» sob o título de «Um problema que se põe á cidade», um angustioso apelo ao sr. ministro das Comunicações, para que resolva transferir, para área mais apropriada, as instalações do Aeroporto de Lisboa, que deverão ser ampliadas para receber os grandes e ruidosos aviões comerciais a jacto.

A extensa zona actualmente submetida ás exigências do aeroporto, onde vivem já ou projectam viver, muitos milhares de famílias, oferece magníficas condições para urbanização, pela sua situação privilegiada e desafogada, sobranceira ao Tejo, pelo seu clima e regime de ventos e pela facilidade de transportes. Creio bem poder vir a constituir a expansão lógica da cidade, o nucleo onde muitos trabalhadores poderiam aproveitar as facilidades que lhes são oferecidas pela política habitacional do Governo, ainda recentemente impulsionada por tão notável diploma do sr. ministro das Corporações.

Além das bem deduzidas razões expostas pelos signatários do apelo a que o jornal de V. fez referência, não posso esquecer que, em todo o Mundo, se valorizam os ruidos como factores indiscutíveis de doença, sobretudo na Medicina do Trabalho: — criou-se até a «Patologia dos ruídos».

Não parece, porém, razoável que os volumosos aviões comerciais a jacto, extremamente ruidosos, levantem ou poisem sobre nucleos habitacionais que são contíguos ao Aeroporto actual, não permitindo o indispensável repouso, com todos os inconvenientes que a Medicina reconhece. Estão nestas condições, por exemplo, os bairros económico da Encarnação, do Alvalade, da Charneca, de Camarate.

Em todas as grandes cidades de que tenho tido conhecimento, o problema foi ponderado, e os aeroportos estão afastados das zonas residenciais. Mesmo em algumas — Paris, por exemplo — para evitar maiores demoras e incómodos, o transporte dos passageiros das carreiras aéreas faz-se por pequenos e silenciosos helicópteros desde o aeroporto ao centro da cidade.

Se persistem as razões que determinaram que se constituisse o Aeroporto de Lisboa fora da zona habitacional, e a cidade o envolveu progressivamente, já, pela sua expansão natural, ¿será ainda lógico ampliá-lo agora numa solução «necessariamente precária» que «custaria ao Estado mais de 500 mil contos»?

Sinais da Lua captados na Terra?

Uma entidade que nos merece todo o crédito, revelou-nos terem sido captados sinais vindos da Lua. Depois de grandes esforços, apenas se conseguiu decifrar oito desses sinais, que dizem: Primeiro habitante Terra vir Lua traga café Mariazinha...

O novo director do Colégio Militar

Cor. P. de Castro

Foi nomeado director do Colégio Militar o sr. coronel tirocinado Raul Pereira de Castro, que recentemente terminou os Altos Estudos Militares e foi um dos componentes do curso que obteve mais elevada classificação. No referido e modelar estabelecimento de ensino, realizou-se a cerimónia da apresentação do novo director, perante os professores e oficiais reunidos na sala da biblioteca.

O sr. tenente-coronel Canto e Castro Serrano, subdirector do Colégio Militar, deu as boas-vindas, em nome de toda a corporação, e destacou em termos elogiosos a acção exercida pelo ilustre oficial não só na Escola do Exército, como na Mocidade Portuguesa, onde a sua saída ficou bem assinalada pelos altos serviços prestados a bem daquela patriótica organização, e ainda no Estado da India, onde o seu patriotismo, aliado ás suas altas qualidades de militar, de carácter e coração, deixou um sem-numero de amizades e de saudade.

O sr. coronel Pereira de Castro agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas, disse da sua emoção ao regressar ao Colégio Militar de que fora aluno e do qual se orgulhava, e afirmou que, tendo sempre seguido de perto e interessadamente a vida da prestigiosa instituição, sabia poder contar com a leal e dedicada colaboração de quantos têm a seu cargo a missão educativa que lhe incumbe resolver.

O novo director do Colégio Militar recebeu os cumprimentos de todos os presentes.

Dr. Augusto d'Esaguy

Vai deixar, a seu pedido, a presidência da Junta de Turismo da Costa do Sol o nosso prezado colaborador, e conhecido médico e escritor, dr. Augusto d'Esaguy. Durante dois anos dedicou ao progresso e desenvolvimento da Costa do Sol o melhor da sua actividade e inteligência. Sob a sua activa presidência, devido ao dinamismo que o caracteriza, homem desempoeirado e febril, além da visão acertada dos problemas, ainda os mais complicados, o dr. Augusto d'Esaguy deu uma orientação diferente àquele importante organismo.

O nosso prezado colaborador actualizou os serviços, tornando-os dignos da nossa primeira zona de turismo, tendo publicado dois volumosos relatórios e estabelecido ligações com o estrangeiro, mercê das suas relações pessoais, contando-se por centenas os artigos editados nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Suíça e Alemanha sobre a zona dos Estoris e Cascais.

A passagem do dr. Augusto d'Esaguy pela Junta de Turismo da Costa do Sol fica, assim, assinalada por altos serviços prestados ao turismo português.

Procurando sempre valorizar os nossos artistas plásticos, deu a conhecer aos estrangeiros que nos visitam os melhores valores das novas gerações e a riqueza inesgotável do folclore português, melhorando, gráfica e literàriamente, a bela revista daquela Junta: «Cascais e seus Lugares».

Lar dos Pequeninos

Campo Grande, 167-169 — Telef. 774193

Ensino infantil e primário, masculino e feminino (secções separadas)

OPTIMOS RESULTADOS NOS EXAMES OFICIAIS

Ensino diário de francês em todas as classes, inglês, piano, «ballet», ginástica

ASSISTENCIA MÉDICA

Transporte nas camionetas privativas da Escola

MATRICULAS SEM MULTA ATÉ 15 DO CORRENTE

A secretaria está aberta em todos os dias uteis, das 15 ás 19 horas

De ontem para hoje

ENSINO

OS temas do ensino estão na ordem do dia. Outubro está á porta e com ele regressam problemas de mestres e de alunos. Onde exercer, porém, esse mister? Por muito que se alarguem antigas construções está provado que não é este o caminho da solução. Ainda este ano, muitos alunos sentirão a instabilidade das aulas em instalações precárias, irão por aí fora, em casa estranha, buscar ensinamentos que deviam ficar-lhes gravados na memória sob o influxo de uma vida segura e sereníssima. Tudo reclama plano e execução amadurecidos de uma rede de escolas que abranja todos os graus de ensino. Faltam liceus. Dêm-se liceus a todos que os reclamam.

FEIXE DE IMAGENS

EM resposta a um protesto do nosso prezado colega «O Século», referente ás práticas vandálicas de criminosos pescadores das águas fluviais, o S. N. I. aplaudiu e informou. Está elaborado um projecto da nova lei da pesca e um regulamento especial sobre actividades piscatórias no rio Minho. Seria caso para perguntar porque se espera, não é verdade?

✱ Ponta Delgada recordou o 61.º aniversário da morte de «Santo Antero». Houve romagem ao seu tumulo, recitativos. Mas a obra, de uma forma e conceito supremos, parece, com a chegada das ultimas gerações, postergada para a vala comum da poesia.

✱ O Conselho da Inspecção de Jogos apontou providências contra a crescente instalação e exploração de máquinas automáticas em tabernas e casas similares. Assim, o Ministério do Interior determinou que não se passem mais licenças de exploração e que só a partir dos 21 anos se possa entrar na prática do jogo. Este, porém, pode ser de tamanha repercussão social que deve ficar longe do eficiente o que se determina agora.

✱ Soajo, a das terras glabras, motivo perturbante do turismo, quer deizar as suas vestes bisonhas e vestir-se de progresso. Pede, assim, estradas que lhe abram pulmões para o resto do País. E depois delas, carreiras de camionetas.

✱ A embaixada académica de Coimbra que anda por terras de Africa cantando e rindo, foi ao deserto onde morreu o prof. Luís Carriço, seu mestre, ler mensagens, descerrar uma placa, orar e lançar flores sobre o local onde o sábio botanico pereceu. Lição de estudo e sacrifício foi a sua obra que nenhuma homenagem póstuma compensa. Mas lembrá-lo não será afinal prolongar essa obra, actualizá-la?

✱ Lisboa, Santarém e Setubal vão ter mais vinte e dois edifícios escolares para o ensino primário (49 salas). Custarão cerca de 4 mil contos mas não houve para todos os casos quem se interessasse pela sua construção. Ficaram desertos alguns dos concursos abertos.

✱ Em Coimbra, está a funcionar um curso agrícola para professores primários. Frequentam-no aqueles que se destinam ás escolas de meios rurais e ninguém dirá que não seria ensinamento proveitoso, se a prática se aliasse á teoria. E' que, como prolongamento da escola primária, todas deviam ter a porta, no quintal ou no quinteiro, um palmo de terra para ser cultivado por alunos.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o subsecretário de Estado da Aeronáutica; no seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o dr. Miguel de Almeida Melo, eng.º João Pedro Neves Clara, dr. Albano Ribeiro, eng.º João C. de Korth, prof. dr. Costa Sacadura e prof. dr. Jaime Eduardo Rios de Sousa. ✱ Reuniu-se, no Ministério das Corporações, uma larga comissão de técnicos — médicos, funcionários e especialistas de Direito — para tratar das novas tabelas de valorizações por acidentes de trabalho, medidas de protecção do trabalhador, contra riscos no local de trabalho e outros temas referentes ao assunto. ✱ Ao dr. D. Miguel Junquera, adido cultural á Embaixada de Espanha, foram entregues, pelo ministro da Educação as insígnias do oficialato da Ordem Militar de Santiago. ✱ Tomou posse do cargo de director do Colégio Militar o coronel Raul Pereira de Castro. ✱ Sessenta e oito comerciantes suíços, do Clube de Eficiência, estão em Lisboa a estudar problemas referentes á industria de conservas de peixe. ✱ O Convento de Lorvão vai ser adaptado a hospital de alienados. O respectivo decreto veio já na folha oficial. ✱ Em Santiago de Litém, foi mortalmente colhido por um automóvel o ciclista Manuel Lopes da Silva (Vila Chã). ✱ Ficou soterrado numa ribeira Américo Monteiro (Barreiro de Besteiros).

Tágide

UM VERDADEIRO PROGRAMA DE MUSIC-HALL

GEORGES BLANÈS
RAUL ROBY
BARBARA DOUMER
HELENA TAVARES
REY & MONTESAN
TONY & IDALECIA
PATRICIA

Adultos (Maiores de 17 anos)

Palm-Beach

Leiam o jornal humorístico sempre fixe

O encerramento dos Congressos de Medicina Tropical e de Paludismo

(Continuação da 1.ª página)

Sétimos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo, realizar-se-ão no Brasil, possivelmente já na futura capital do país irmão.

Aceite a proposta do Brasil (tendo o dr. Candido de Oliveira, em nome dos congressistas, afirmado a satisfação que todos sentiam por os próximos Congressos se efectuarem naquele país), o prof. Fraga de Azevedo procedeu á entrega do martelo simbólico que fica na posse dos presidentes destes Congressos e que, por sua vez, será entregue pelo dr. Nery Guimarães ao presidente brasileiro.

Foi depois tornada publica a nova comissão internacional interina, a que preside o dr. M. Pinotti (Brasil), e de que fazem parte os drs. Fraga de Azevedo (Portugal), J. Ford (Austrália), M. Vaucel (França), W. Wolff (Holanda), B. Maegraith (Inglaterra), P. Sergiev (Russia), G. Nauck (Alemanha), Janssens (Bélgica), A. Gabaldon (Venezuela), Patino Camargo (Colombia), E. de Bustamante (México), J. Andrews (Estados Unidos), G. Basnuevo (Cuba), A. Neghme (Chile), M. Elbitash (Republica Arabe Unida), N. Togha (Libéria), M. Satti (Sudão), R. Chandhuri (India), Afridi (Paquistão), Lie-Injo (Indonésia), C. Harinasuta (Tailandia) e M. Kitacka (Japão).

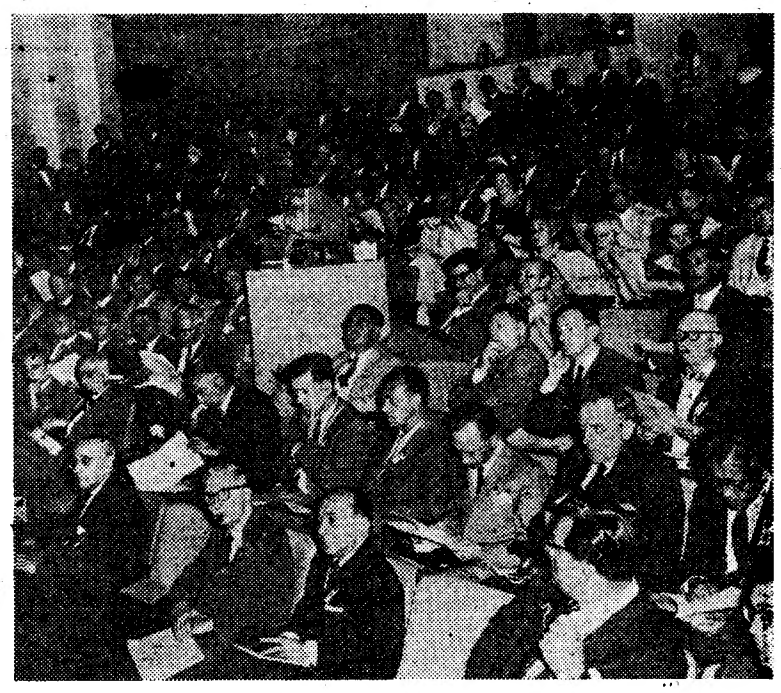
Já depois de terminada a ordem do dia, usaram da palavra os profs. Francisco Cambournac (Portugal), que referiu o brilho com que decorreram os Sextos Congressos, «os quais muito conttribuirão para melhorar as condições de vida de três quartas partes da população mundial»; e J. Andrews, que agradeceu ao Governo e ás autoridades portuguesas todo o cuidado que puseram na organização destas reuniões científicas.

Fala o ministro da Saude

Por ultimo, usou da palavra o sr. dr. Martins de Carvalho, que afirmou:

«Na verdade, está tudo dito. De tal forma que, com o recebimento do martelo simbólico por quem representa, nesta sessão, o País que, de todos, está mais perto dos nossos corações de portugueses, com essa entrega simbólica se iniciaram, os trabalhos preparatórios dos Congressos seguintes. E, porque está tudo dito, só me cumpre recordar e repetir palavras que já ouviram em outras ocasiões.

Começarei por um facto citado na sessão inaugural, pelo sr. ministro do Ultramar: — a satisfação e o orgulho com que recebeu a vossa visita o País que, com vastas províncias espalhadas pelo Além-Mar, desde sempre dedicou atenção particular aos assuntos que foram tratados nestas reuniões. E cabe recordar, de novo, os relatos antiquíssimos, feitos por portugueses, sobre doenças tropicais; ou a data recuada em que foi instituida a Escola de Medicina Tropical, em cujo novo edifício os Congressos tiveram lugar.



Aspecto da sessão de encerramento dos congressos no Instituto de Medicina Tropical

Recordarei o que foram os trabalhos realizados nas onze secções, permitindo-me salientar os estudos levados a efeito na 4.ª secção da Divisão B, acerca da erradicação da malária, apenas porque, dentro de breves dias, vai realizar-se em Lisboa, sob a égide da O. M. S., uma nova e importante reunião internacional sobre o assunto. E não posso deixar de aludir ao numero e alto nível científico das comunicações apresentadas por congressistas representando 56 nações. Estou certo que, em todas elas, se encontram contribuições de relevo para a realização do fim ultimo destes trabalhos, tal como o prof. Maegraith luminosamente indicou.

Na verdade, quando se entra no caminho, a certos aspectos imprecíso, da medicina tropical, o bom médico deve ser também um bom sociólogo. De certo isso lhe é sempre necessário, e tal facto ilustra uma profissão particularmente nobre, que cada vez alcança maior relevo entre as profissões de escol; mas, nas zonas tropicais, é sem duvida mais saliente ainda a necessidade de integrar os progressos realizados num plano geral de melhoramento humano, que — como aqui foi afirmado — pressupõe estreito contacto pelo menos com os que trabalham na agricultura e no ensino.

Permitam-me agora que aluda a um acontecimento que profundamente sensibilizou os médicos e todos os investigadores do meu País: a presença de V. Ex.as na inauguração do monumento a Garcia da Orta. E que me refira a outro acontecimento, que igualmente nos desvaneceu: a escolha da velha Universidade de Coimbra para a entrega do Prémio Laveran. Poderia, ainda, citar as exposições científicas realizadas, as reuniões de especialistas que tiveram lugar (desde o *meeting* de peritos da O. M. S. em assuntos de malária até á reunião da Sociedade Internacional de Micologia Humana e Animal) e muito, muito mais. Mas V. Ex.as, senhores congressistas, é que deram brilho a estas reuniões e cerimónias — e, por isso mesmo, estão bem mais indicados do que eu para sobre elas se pronunciarem.

Agradeço ao dr. Andrews, e com ele a todos os outros ilustres congressisats que usaram da palavra, as amáveis referências feitas ao meu país. E, também, os comentários feitos pelo delegado da O. M. S., prof. Cambournac, que neste Instituto decerto se sente particularmente em sua casa.

Aos profs. Fraga de Azevedo e Manuel Pinto endereço, igualmente, uma saudação particular; tal como aos congressistas brasileiros e ao seu grande país, onde terão lugar os próximos Congressos, que por isso mesmo serão para nós, Portugueses, não apenas por motivos científicos mas também por motivos nacionais, um verdadeiro prolongamento dos presentes trabalhos. Talvez vos pareça que ainda haveria mais coisas a dizer. Mas, no fundo, seria apenas continuar a repetir factos já conhecidos. Por isso eu comecei por afirmar que estava tudo dito. E tinha razão».

As últimas sessões científicas

Antes da sessão plenária de encerramento, das 9 ás 10 e 30, quer no Instituto de Medicina Tropical, quer na Feira das Indústrias Portuguesas, efectuaram-se reuniões científicas sobre estatística vital, presidida pelo dr. Van Thiel (Holanda), secretariado pelo dr. Alexandre Sarmento; e sobre erradicação da malária, presidida pelos drs. Arnoldo Gabalton (Venezuela) e T. Chen (Taiti). Houve, ainda, duas outras reuniões, em que foram apresentadas comunicações livres.

A' noite, na Feira das Industrias Portuguesas, os congressistas que ainda se encontrarem em Lisboa — pois muitos partem esta tarde para os seus países — reunir-se-ão num banquete, a que presidirá o ministro do Ultramar.

ESCOLA DE ENFERMAGEM DO HOSPITAL DE S.TA MARIA

UMA ESCOLA MODERNA NO MAIS MODERNO HOSPITAL DE PORTUGAL

Matrículas abertas até 30 de Setembro

Avenida 28 de Maio - Lote 3 – Telefone 77 40 22

O «DANCING» DA MELHOR SOCIEDADE

Casapoga

TELEF. 23584
AV. LIBERDADE, 137
(ADULTOS M. DE 17 ANOS)

A esbelta bailarina
CHIQUI RODRI
em vibrantes sapateados

A formosa cantora
TONI RODRI
em melodias modernas

E AINDA
O ESCULTURAL
Ballet ROSALIN ROY

2.ª FEIRA — EM ESTREIA — DOIS
SENSACIONAIS «BALLETS»

Permanente musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Há dias que se encontram em Madrid os artistas empresários Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro.

—Consta que a reaparição do actor João Villaret se fará num recital de poesias que se realizará oportunamente.

—Intitula-se «Três caminhos», o novo original do escritor Fernando Santos, que deverá ser estreado na próxima época.

—Depois de amanhã termina, em Castelo Branco, a digressão da companhia do Teatro de Gerifalto, á província.

—Foram marcadas para o dia 22 do corrente as primeiras rodagens do novo filme português «A costureirinha da Sé».

—Na segunda-feira, está marcada a ultima reunião do conselho do Fundo de Teatro, para atribuição de subsídios a companhias teatrais.

—Amanhã, o cantor Odyr Odilon actua, á tarde, no Coliseu do Porto, integrado no programa «Comboio-Foguete», e, á noite, no Casino de Espinho.

—São os seguintes os títulos dos quadros do 1.º acto da revista «Por causa delas», em ensaios no Teatro Maria Vitória: 1.º, «Conferência da Imprensa»; 2.º, «Salão de chá»; 3.º, Largo do Chiado»; 4.º, «Este é o meu programa»; 5.º, «Sapatos e botas...»; 6.º, «Sim ou não?»; 7.º, «Um problema complicado»; 8.º, «O sonho da costureira»; 9.º, «Dois berços»; 10.º, «S. Bento dá porta aberta»; 11.º, «Fronteira luso-espanhola»; 12.º, «O meu bairro está em festa»; 13.º, «Cantando e rindo» (final).

Laura e Assis

na «Rainha do Ferro-Velho»

Comemorando o terceiro mês de representações de «A Rainha do Ferro-Velho», Vasco Morgado promoveu um concurso para atribuição de três prémios de 1.000$, 500$ e 300$, destinados ás três melhores respostas á pergunta «Qual a razão do êxito da peça «A Rainha do Ferro-Velho» ?

Para este concurso, chegaram ao Teatro Monumental centenas de cartas contendo opiniões muito interessantes e que vão ser classificadas. Interpretam-na Laura Alves e Assis Pacheco, ao lado de Maria Helena, Artur Semedo, Luís Filipe, Henrique Santana, Henrique Santos, Alberto Ghira, Joaquim Miranda, Maria Luizette, e Maria Natália. «A Rainha do Ferro-Velho», em cena no Teatro Monumental, há três meses, representa-se todas as noites, ás 21 e 45 horas, para adultos maiores de 17 anos, a preços de Verão. No domingo, espectáculo ás 16 horas.

Primeiras exibições

«Rainha até ao fim», no Eden

Há muito, sinceramente, desejamos que o cinema alemão do pós-guerra, encontre o seu rumo, que o emancipe não só das recordações da escola pabstiana, mas ainda que concorra com a produção mundial, ocupando um lugar de primeiro plano. O filme que, ontem, se estreou no Eden marca uma etapa decisiva. Trata-se de um excepcional espectáculo, em que as sombras da história não são tão recuadas como parecem. Pertencem ao século passado, evocando essa figura admirável de rainha, Luísa da Prussia, que viu o seu reino ocupado pelas tropas napoleónicas e que encarnou, tanto pelo heroismo como pelo seu extremo patriotismo, o espírito de resistência de todo um povo. Mas pergunta-se: não quis de certo modo o realizador, Wolfang Liebeneimer, que se pode considerar um autêntico criador, dar-nos um paralelo entre o que se passou na Alemanha nos princípios do século XIX e o que ali ocorreu após a queda de Hitler? Receamos, no entanto, que isso seja mais impressão subjectiva que, propriamente, intencionalidade manifesta.

Seja como for, construido em imagens vigorosas, com ambientes sumptuosos, frisos de batalhas, personalidades autênticas como Napoleão, Alexandre da Russia, Frederico Guilherme da Prussia e servido por uma interpretação perfeita — «Rainha até ao fim» é um belo, um denso, um emocionante conflito, o qual tendo por pano de fundo a realidade histórica se deve considerar um dos melhores romances projectados na tela. Sentimos, amamos aquela rainha, que tudo fez para minorar as desgraças da pátria. E' a sua alma, o seu coração, a sua inteligência que dominam os protagonistas desta obra tão movimentada, como espectacular. Os imbroglios da política internacional, os costumes da época, o esplendor da corte rodeiam essa figura excepcional de mulher, protótipo de graça, de formosura e também de ternura, cujo destino foi excepcional. Sofreu sorrindo e morreu vencendo porque encontrou nos derradeiros instantes, as palavras nobres — «sursum corda» de esperança do seu povo. O filme, a cores, é altamente classificado. Basta dizer que representou a Alemanha condignamente em festivais internacionais e foi escolhido por Filmes Luso-Mundo para solenizar o V aniversário. No desempenho há que mencionar Ruth Leuwerik, tiara de beleza, alma de alta tensão, sensibilidade apurada de multiplos registos, que é extraordinária. E ainda: Dieter Barsche e René Deltgen. Nos complementos, um documentário de Miguel Spiguel, em tecnicolor, sobre «Café de Angola». — **Visor 25.**

No Monumental

continua o êxito de «A Rainha do Ferro-Velho»

No Teatro Monumental entra hoje em 11.ª semana a peça «A Rainha do Ferro-Velho», que tem despertado o maior interesse do publico. E' digno de assinalar-se o êxito desta extraordinária peça americana de Gorson Kanin e Ruth Gordon, versão de Armando Cortês, e com um notável elenco em que se destacam Laura Alves e Assis Pacheco, secundados por um categorizado grupo de artistas.

Todas as noites, ás 21 e 45 horas, para maiores de 17 anos, e, amanhã, espectáculo ás 16 horas, a preços populares desde 5$00.

No Teatro ABC

Entra hoje em segunda semana, a revista «Vira o Disco»

Entra hoje triunfalmente em segunda semana, no ABC, a engraçada revista «Vira o Disco», que é o grande espectáculo alegre do momento. Inteiramente musical, com algumas das mais lindas canções portuguesas dos ultimos anos, «Vira o Disco» oferece todas as condições de atracção. O elenco, que conta cerca de quarenta lindíssimas mulheres, contribui para o êxito desta alegre revista. Amanhã, ás 16 horas, «matinée».

No Monumental

«O arrombador de cofres»

No Monumental continua em exibição uma das grandes produções da M. G. M. para a época de 1958-59. Por especial deferência para com o publico, o Monumental chegou a acordo com a Metro, a fim de exibir ainda no mês de Setembro uma película desta categoria. Dirige-a Ray Milland que é também o protagonista de «O arrombador de cofres», interessante história de acção agitada e grande poder emocional, cuja acção se desenrola na ultima guerra.

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Tauromaquia

Na Nazaré

Na corrida de ontem na Nazaré obteve ruidoso triunfo o matador de touros António dos Santos, com quatro voltas á arena e saída em ombros.

António volta a tourear hoje na Nazaré com o novilheiro Armando Soares, sendo cavaleiros Manuel Conde, ontem muito ovacionado, e D. José Ataíde.

Na Moita

Na Moita inicia-se na próxima segunda-feira, 15, ás 17 e 15, uma série de três espectáculos tauromáquicos com a lide de touros da Azinhaga pelos cavaleiros D. Francisco de Mascarenhas e José Mestre Baptista e pelos novilheiros Amadeu dos Anjos e Manuel Rodrigues. Terça-feira, 16, á mesma hora, touros de Fontainhas, para os cavaleiros João Nuncio e David Ribeiro Teles e para os matadores Diamantino Viseu e Pepe Caceres, com os Forcados-Amadores de Santarém; e quarta-feira, 17, festival, com touros de Isidro de Oliveira, e os Forcados da Estremadura.

Rojoneadores filantropos

CORDOVA, 13 — O rojoneador Salvador Guardiola, que é advogado e também ganadeiro, destina os proventos das corridas que toureia para obras de caridade nesta cidade, para as quais em vida contribuiu também D. António Cañero ao dar terrenos para a construção de um bairro de casas pobres. Recorda-se que D. Alvaro Domecq rojoneava igualmente a benefício dos pobres. — (Efe).

Cinco orquestras

no arraial do Sporting Clube de Cascais

Está a despertar o maior interesse o arraial que se efectua hoje e amanhã a favor de diversas obras de beneficência do concelho de Cascais, nos jardins do Sporting Clube daquela vila (Parada).

Todas as atracções que habitualmente preenchem um programa de festejos deste género estarão presentes. A partir das 21 horas, haverá um serviço de jantares num óptimo restaurante. No entanto, o maior centro de interesse, porém, é a «boite» Pagode», que oferece o desfile sensacional de cinco orquestras famosas: Ray Martino e Helder Martins, da «Canoa», Ferrer Trindade, do Casino do Estoril, Jorge Brandão, do «Palm Beach» e Conjunto Ronda, da mesma «boite».

VIDA MUSICAL

Uma série de concertos promovidos pela F. N. A. T.

Dentro do programa comemorativo das «bodas de prata» da promulgação do Estatuto Nacional e do primeiro aniversário da criação das primeiras corporações, a F. N. A. T., de colaboração com a Junta da Acção Social, promove um ciclo de recitais de elevado nivel cultural e artístico, dedicado aos trabalhadores portugueses. Nos programas já elaborados e continuar em 25 do corrente e 1 de Outubro, incluem-se recitais de violino e piano, canto, conferências e recitações. Neles participam, entre outros, o maestro e violinista Silva Pereira, as pianistas Nina Marques Pereira e Leonor Fernandes, a cantora Maria Amélia de Abreu e o poeta Miguel Trigueiros.

Silva Pereira, acompanhado por Nina Marques Pereira ao piano, far-se-á auvir em obras de Brahms, Haendel, Debussy, Benetó e Falla-Kreisler, a pianista Nina Marques Pereira executará um programa totalmente preenchido com obras de Chopin; a cantora Maria Amélia de Abreu interpretará «lieder» e canções populares de autores nacionais e estrangeiros; e a pianista Leonor Fernandes terá a seu cargo a interpretação de obras de Mignone, Vila-Lobos e Chopin; o poeta Miguel Trigueiros fará uma conferência e recitará composições da sua autoria e outras.

IX Semana Gregoriana de Fátima

A IX Semana Gregoriana de Fátima vai inserir algumas conferências, estando inscritos como oradores o padre Manuel Ferreira Faria, professor do Seminário de S. Pedro e S. Paulo, de Braga, que dissertará sobre «O ensino musical nos Seminários» e sobre «Mozart, compositor católico, e o padre Manuel Ferreira Faria, diplomado pelo Pontifício Instituto de Musica Sacra, de Roma.

Festival Sibelius de 1958

A Emissora Nacional trasmite, amanhã, ás 22 e 45 horas, por Lisboa 2 e Modulação de Frequência, o 6.º programa deste festival, inteiramente preenchido com a Sinfonia n.º 3 «Heroica», de Beethoven, tocada pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Finlandesa, sob a direcção do maestro Paul Kletzki.

Centro de Estudos Gregorianos

No Centro de Estudos Gregorianos, está aberta a matricula para os cursos de canto gregoriano, solfejo, análise modal, direcção coral, harmonia, paleografia musical e órgão, bem como a inscrição para um curso de iniciação musical infantil pelo método Ward, a crianças de 6 a 8 anos.

As informações são prestadas das 14 ás 18 roras, no Campo dos Mártires da Pátria, 96, 2.º Lisboa, telefone 58228.

FESTAS E ROMARIAS

Em Fronteira

FRONTEIRA, 13. — Começaram hoje, nesta vila, as festas em honra de Nossa Senhora da Vila Velha. Do programa, além das cerimónias religiosas do costume, constarão hoje, uma procissão; e amanhã e depois, vários concertos pela Banda Municipal de Estremoz, fogo preso e arraial, quermesse, barracas de chá, leilão de fogaças, garraiadas á alentejana, e provas desportivas, com corridas de bicicleta simples e motorizada.

Em Vila Pouca de Aguiar

VILA POUCA DE AGUIAR, 13.— Hoje e amanhã esta vila estará em festa, em honra da sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição.

Em Ilhavo

Nos dias 27, 28 e 29 do corrente efectuam-se na praia da Costa Nova ás festas em honra de Nossa Senhora da Saude.

No dia 27, chegarão os barcos moliceiros. No dia 28, haverá missa solene, sermão e procissão e um concerto por duas bandas de musica, e á noite será queimado fogo de artifício. No dia 29, terminarão os festejos, com a tradicional entrega dos ramos aos novos mordomos.

REDeX ECONOMIA SEGURANÇA FORÇA PROTECÇÃO SERVICE

PARA IR LONGE...
REDeX
...O SEU MOTOR

Estações de Serviço REDeX em Portugal Continental e Insular

ABRANTES	— AUTO REPARADORA ABRANTINA
CASTELO BRANCO	— J. VALENTE & IRMÃOS, LDA.
CERCAL ALENTEJO	— JOSÉ MARQUES DE OLIVEIRA MIM
FUNDÃO	— ADRIÃO ANTUNES BARROCAS
GUARDA	— MANUEL CONDE & CIA. Est. Serv. Oficial de A. C. P.
LEIRIA	— JOÃO CAETANO FILIPE
ODEMIRA	— COELHO BRAGANÇA & LOBO
OLHÃO	— AMÉRICO GUALBERTO MATIAS
PORTO	— AUTO ALIADOS (A. VIEIRA)
SANTARÉM	— AUTO PALACE (Cypriano Flores)
SANTIAGO DO CACÉM	— BOTELHO & IRMÃOS, LDA.
SERPA	— MANUEL DE ALMEIDA
SETUBAL	— AUTO AVENIDA
SILVES	— AUTO JARDIM, LDA.
VIANA DO CASTELO	— Sde. VIENENSE DE PETRÓLEOS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO	— AUTO AVENIDA ACESSORIOS, LDA.
LISBOA	— CONDE BARÃO, LDA. Av. 24 de Julho, 64
LISBOA	— AUTO RALI, LDA. Rua General Sinel de Cordes, 13-C
AÇORES	— A. VIVEIROS PONTA DELGADA-S. MIGUEL
MADEIRA	— GABRIEL FREITAS GOUVEIA, Funchal

No São Jorge

«Assim Morrem os Valentes»

O extraordinário filme de acção que o São Jorge apresenta mostra-nos um impressionante conflito humano, forte e vigoroso, em que um pai violento enfrenta um filho violento, com paixões bravias que se chocam. Ao mesmo tempo, inclui todas as «nuances» de uma história de amor, com aventura e emoção. Van Heflin tem uma interpretação magnifica, assim como Tab Hunter e Kathryn Grant, na grandiosa realização de Phil Karlson em cinemascópio e technicolor que é uma produção Columbia, para maiores de 17 anos.

RITZ CLUB

Adultos — Maiores de 17 anos

MUSICA DE BAILE POR
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TIPICO:
NOTÁVEL SERVIÇO DE CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

CASAS A' CINHA!... EIS O SUPREMO ORGULHO DO DANCING DOS MULTIDÕES!

HOJE

ADORACION y JOSÉ LUIZ

EM BAILADOS QUE O PUBLICO APLAUDE COM LOUCO ENTUSIASMO

TRIO BRISAS — HERMANOS SACROMONTE

E, AINDA, TODO O ELENCO DE OURO DO «RITZ-CLUB»

ABC

E. Teatral ABC
Tel. 366783

ADULTOS
Maiores 17 anos
HOJE e TODAS AS NOITES
às 20.45 e 22.45

Maria de Fátima Bravo

Aida Baptista

UM GRANDIOSO ÊXITO de gargalhada

VIRA O DISCO

A revista do momento
Alvaro Pereira-Carlos Alves
e um extraordinário conjunto de
LINDAS MULHERES

AMANHÃ: MATINÉE, ÀS 16 H.

NO **COLISEU**

EM 2 SESSÕES — A's 20,30 e 22,45
GIUSEPPE BASTOS apresenta em pleno triunfo!
A alegre companhia brasileira de revistas na grande e alegre
REVISTA

AI, MEXE E... REMEXE!

UM PRODIGIO DE ALEGRIA E BOM GOSTO!
PREÇOS POPULARES
GERAL a 7$50
AMANHÃ Às 16 H. espectáculo á tarde!
A espectacular vedeta *Neyde Landi*
17 anos

SOLAR DA HERMINIA

Largo Trindade Coelho—Tel. 26164
BANQUETES
Jantares e Ceias
Fados e Guitarradas
com
HERMINIA SILVA
e o seu elenco privativo
(Maiores de 17 anos)

No PRAGAL o «Diário de Lisboa» é vendido por João António Tavares

HOJE, ás 22 h. e ás 23 horas, a preços reduzidos
SOM E LUZ no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos
«NOITE DO TEJO»
(Maiores de 12 anos — Sábados, maiores de 6 anos)

CAVALHEIRO

V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão — Inconfundivel —
UMA PEGA 6$50 no
BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D.

2 autenticos e indiscutíveis êxitos!

MAXIME Dancing

PARA ADULTOS — MAIORES 17 ANOS

Duas atracções de classe incomparável!

THE BONNY SISTERS

TRIO DE BAILARINAS ACROBÁTICAS DE UMA «SOUPLESSE» INEXCEDIVEL

DROSSOS AND TANTA

EXTRAORDINÁRIA PARELHA DE BAILE DE RENOME INTERNACIONAL

E, AINDA, TODO O NOTÁVEL ELENCO ARTISTICO DESTE «DANCING»
MUSICA DE BAILE POR
ESTEVÃO e sua orquestra, com o cantor A. ALVARINHO e Conjunto BLUE STAR, com o vocalista C. NUNES

OS GRANDES EXITOS VOLTARAM AO "MAXIME"

Laura Alves

★ TEATRO ★ MONUMENTAL
Emp. LAURA ALVES
T. 55133
ADULTOS (M/17 anos)
HOJE ás 21.45 h.

Assis Pacheco

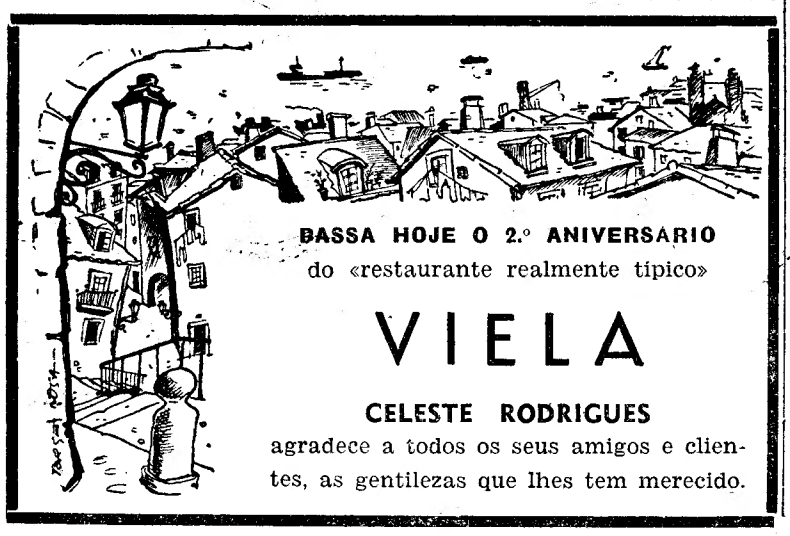
11.ª SEMANA TRIUNFAL

A JÁ CÉLEBRE PEÇA
A RAINHA DO FERRO-VELHO

Quer GANHAR 1.000$ — 500$ — 300$, responda num postal para Vasco Morgado — Teatro Monumental a esta pergunta QUAL A RAZÃO DO EXITO DA PEÇA A RAINHA DO FERRO-VELHO?

Para este sensacional concurso já foram recebidas 4886 respostas, o postal que atingir os 5.000, receberá um prémio extraordinário de 500$00

● UMA GRANDE COMPANHIA ●
AMANHÃ, ESP. À TARDE ÀS 16 H. — A SEGUIR: «GIGI», de Colette
● Rigorosamente suspensas as entradas de favor ●



BASSA HOJE O 2.º ANIVERSARIO
do «restaurante realmente típico»
VIELA
CELESTE RODRIGUES
agradece a todos os seus amigos e clientes, as gentilezas que lhes tem merecido.

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
A vida e o amor sacrificados á mais alta missão que o homem pode exercer
SER MÉDICO
com O. W. Fisher e Elizabeth Müller
Uma obra invulgar do cinema alemão

EDEN — TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30
O filme colorido por «Agfacolor»
RAINHA ATÉ AO FIM
em «écran» panoramico
com Ruth Levwerick e Dieter Borsche
O destino de uma mulher entre o trono e o amor.
Maiores de 12 anos

CONDES — TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Em 2.ª semana de graça... e de raparigas irresistíveis!
O SOLTEIRÃO
com Alberto Sordi, Madeleine Fisher e Xavier Cugat e sua orquestra

ALVALADE — Telefone 763080
A's 15.45 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Um filme de eleição pela sua profunda humanidade
SER MÉDICO
com O. W. Fisher e Nadja Tiller
Uma obra aplaudida em todo o Mundo

AVIS — Telefone 47163
15.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Diabos turbulentos e almas penadas deliciosas
TOTÓ NO INFERNO
com Maria Frau e Dante Maggio

GERRASSE — TEL. 20917
A's 21 (M/12 anos)
ADÃO TEVE A CULPA
O ultimo apache

TIVOLI — TEL. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
SAMBA FANTÁSTICO
O testemunho dum grande povo, o Brasil, numa obra-prima maravilhosa
(M/17 anos)
No prog.: Uma noite no Moulin Rouge

POLITEAMA — TEL. 26301
15.15 - 18.15 e 21.30
Grande êxito do corajoso filme sobre as liberdades perigosas dos meios mundanos
PRAZERES PROIBIDOS
com Anna Neagle e Sylvia Sims
(Adultos — M. de 17 anos)

ROMA — Telefone 727778
A's 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
A ciência, o amor, a magia e a comicidade confundem-se em
O MÉDICO E O CHARLATÃO
com Vittorio de Sica e Marisa Merlini

CAPITÓLIO — TEL. 27493
21.15 (M/17 anos)
Cinemascope col.
PAIXÕES SEM FREIO
c/ Charles Boyer
CAMINHOS DA NOITE
com Peter Lawford

ESPLANADA PORTUGÁLIA — Telefone 56146
21.30 (M/17 anos)
Cinemascope Tech.
ASSIM NASCE UMA ESTRELA
Vento selvagem

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
Cinemascope
A CASACA VERMELHA
Uma rapariga da província

ROYAL — Telefone 845057
A's 21 (M/12 anos)
O RESGATE
A actriz

IMPÉRIO — Tel.: 551344-5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Uma obra impressionante que atinge a mais alta violência espectacular
ATAQUE
com Jack Palance, Lee Marvin e R. Jaechel
O famoso filme de Robert Aldrich

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Cinemascope Tech.
Como um pai violento... enfrenta um filho violento!
ASSIM MORREM OS VALENTES
com Van Heflin e Tab Hunter
Temperatura primaveril—Ar refrigerado

MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Tiraram-no da prisão para uma missão de guerra
O ARROMBADOR DE COFRES
com Ray Milland e Barry Jones

LIZ — TEL. 48560
A's 21 (M/17 anos)
UMA MULHER DIABÓLICA
Átila

PAVILHÃO PORTUGUÊS — (Parque Mayer) Tel. 366783
21.15 (M/17 anos)
Technicolor
ELENA E OS HOMENS
Estão a topar?

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Cinemascope Tech.
MILAGRE DE AMOR
com Lauren Bacall

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
A ESCADA DE CARACOL
c/ Dorothy McGuire

O PORTO pelo telefone

Secretário de Estado da Agricultura

PORTO, 13 — Para efectuar uma série de visitas, inaugurações e reuniões com individualidades ligadas ás actividades do departamento que lhe está confiado, chegou ontem á noite a esta cidade o sr. eng. Quartin Graça, secretário de Estado da Agricultura. Hoje, de manhã, aquele membro do Governo teve uma reunião com técnicos e representantes da lavoura nortenha, na nova sede da Estação Agrária do Norte. Estavam tambem presentes os directores-gerais dos Serviços Agrícolas, dr. França e Silva, eng. Frazão, dos Serviços Florestais; Botelho da Costa, dos Serviços Agrícolas; eng. Vasco Leonidas, presidente da Junta de Colonização Interna; eng. Armando Gaiano, director da Estação Agrária; eng. Augusto Machado, dos Serviços Florestais, Correia da Costa, da Pecuária, etc.

Dirigindo-se aos técnicos e lavradores de Entre-Douro e Minho, aquele membro do Governo teve palavras de reconhecimento e incitamento á mais íntima colaboração, pois os problemas agrários, mais talvez que outros, necessitam, para ser bem resolvidos, de ser bem debatidos e tratados entre técnicos e lavradores — disse e acrescentou — que a lavoura, em geral, sinta que não há diferenciações entre grandes ou pequenos lavradores, mas que se sinta um grande e efectivo convívio entre todos, missão de que se hão-de ocupar as novas comissões de estudos regionais. O Governo necessita, por seu lado, de sentir apoio, o que não quer dizer incensar. E' preciso para a valorização da causa agrícola que se auxilie o Governo no desempenho da sua missão.

O sr. eng. Quartin Graça prometeu voltar ao Porto, com mais vagar, e recordou o início da sua carreira de engenheiro agrário nesta região de Entre-Douro e Minho, passando em revista as figuras de mais alta projecção que estiveram á frente dos serviços, tais como os engenheiros Palma de Vilhena, Artur Castilho, Augusto Ruela e Trigo de Abreu. Acrescentou ainda ser-lhe muito grato referir-se elogiosamente ao actual director da Estação Agrária, eng. Armando Galhamo, para quem teve palavras de muito louvor, pois se tem votado intensamente aos problemas agrícolas. Louvou igualmente a acção dos directores da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, Florestais e da Junta de Colonização Interna, e terminou saudando os lavradores nortenhos presentes.

Após um almoço na Ordem dos Engenheiros, o secretário de Estado da Agricultura seguiu para Braga, onde vai visitar a Adega Cooperativa, em vias de ser inaugurada; os terrenos onde vai construir-se a de Felgueiras e, às 17 horas, presidirá á inauguração da primeira fase da Adega Cooperativa Regional de Lousada.

Amanhã, o sr. eng. Quartin Graça visitará, pela manhã, as obras do Nucleo de Armazenagem da F. N. P. T. em Viana do Castelo e os perímetros florestais daquele distrito, inaugurando um celeiro em Paredes de Coura, outro nos Arcos de Valdevez, pernoitando no Hotel de Santa Luzia.

Cartaz do Porto

Para amanhã dia 14

COLISEU — Às 21 e 30 — «O Pinga Amor».

SA' DA BANDEIRA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Fronteiras de orgulho».

BATALHA — A's 21 e 30 — «Um homem tem 2 metros de altura».

TRINDADE — A's 21 e 30 — «Postal de Paris».

OLIMPIA — Às 15 e 30 18 h. e 23 e 30 — «O ultimo couplet».

NUN'ALVARES — A's 21 e 30 — «Os náufragos do autocarro».

VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Os Irmãos Corsos».

AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Dez segundos de silêncio».

S. JOÃO — A's 21 e 30 — «Meia-luz».

TEMAS DE PINTURA

Um quadro de Zurbarán

Em 1913, na Primavera, quase menino e moço ainda, uma fantasia me levara, com alguns amigos, á minha primeira excursão fora do nosso País — aqui á vizinha Espanha... E, por um acidente... atmosférico, vindo Cádis a incluir-se no nosso itinerário, recordo-me de que em Cádis (que achara insonsa, em comparação com o panorama unico do meu Olhão), comprara um volume de poesias do Góngora e fora visitar o Museu. Aqui, porém, sim, grande fora a minha surpresa diante de uma série de quadros, figuras de frades, em corpo inteiro, tamanho natural, admiráveis... que me vêm agora á memória, embora vagamente como imagem, mas firmemente como certeza de facto, tendo tido que ocupar-me de Zurbarán e da sua obra um pouco a fundo.

Se os grandes quadros dos frades me haviam então impressionado, detenho-me agora, mais impressionado ainda, perante um pequeno quadro que o meu gosto preferiria a todos, no conjunto da obra formidável do genial artista, como a sua obra-prima mais deliciosa. Não mete frades nem santos, nem contrastes tenebrosos á Caravaggio, nem religiosidade austera, nem misticismo extremo; porque é um quadro, tudo quanto há de mais realista e comezinho, simplesmente admirável, pintura autêntica, sem aldrabices de arte abstracta, mas com a precisão nitidissima de uma fotografia — uma menina que é uma menina, uma tesoura que é uma tesoura, uma céstinha que é uma cestinha, uma jarra com flores que são as flores tais e tais, um bordadinho que é um bordadinho interrompido com a sua linha na agulha fina espetada na almofada que é uma almofada, e não espectros de coisas, apontamentos de coisas que podem ser outras; e tudo isso como ambiente á menina que está rezando antes de retomar o seu trabalho...

Quadro maravilhoso, de Zurbarán sem duvida, — mas de que data? — da sua incipiência, genial? da sua maturidade plena? do seu periodo derradeiro em que Murillo o forçava a ser seu émulo? *That is the question...*

Tem o quadro por titulo, num livro que o reproduz, *La Virgen niña em oracion;* noutro, *La Virgen niña simplesmente.* E no volume XII da *História del Arte (Labor)*, o douto Enrique Lafuente Ferrari refere-se-lhe, nestes termos, no catálogo critico final:

—«*La Virgen niña. Antes em Madrid. Coleccion Beruete. 118×95 cm. Para Mayer es obra de la juventud del artista*». E no texto (a pag. 106): «Este pintor de la devocion masculina y monacal se nos da a conocer en la primera obra fechada que de él se conserva con una representacion de la Virgen niña: su Concepción de 1616, ejecutada dos años despues de ser puesto en el taller de Pedro Diaz de Villanueva»... Pensar-se-ia, em face disto que fosse esta a dita *Virgen niña*... Porém não; porque *a Concepcion de 1616* é, de facto outra coisa, e se o douto Ferrari não a reproduz ali entre a vintena de estampas que dá de Zurbarán encontro-a, como a estampa II das 64 ilustrações que dá Bernardino de Pantorba no seu excelente *Ensayo biográfico y critico sobre Francisco de Zurbarán*, — a estampa do quadro ao qual chama *La Inmaculada, niña* e do qual diz em nota que está em Sevilha sendo *propriedad de los herederos del Sr. López Cepero*, com a data de *1616*. Nenhuma duvida pois de que é esta, e não a outra *Virgen niña*, a primeira obra referida por Ferrari. De resto, Pantorba explica: «*Un quadro pintado y fechado en 1616 (a los dieciocho años del autor) que representa a una* Purissima, niña, *con un grupo de ángeles, da cumplida fe de sus progresos. Poseen la obra en Sevilla... los herederos del conocido coleccionista de arte don Manuel López Cepero. Es la primera de Zurbarán que hasta ahora tenemos*» E descreve-a assim: «Ingenua, desde luego y dura; pero ya con trozos ricamente prometedores».

Ora Ferrari na sua resenha passava logo a tratar do quadro datado de 1620, o *Cristo á coluna*, de Hamburgo, de que Mayer dera notícia. Pantorba porém, prosseguia dizendo: «*Poco posterior ha de ser el cuadro de la* Virgen niña en oración, *obra de muy simpatico candor, que perteneció a don Aureliano de Beruete*». E acrescenta em comentário: «*La cabeza, al parecer, esta hecha con el mismo modelo de la* Purissima *citada, y los cortinajes del fundo, de pliegues recortados en la violencia del claroscuro, anuncian ya lo que pronto seria una de las más firmes caracteristicas del arte de Zurbarán: la pintura de los paños*».

Ora na minha ignorancia, tendo eu seguido como Ferrari «a vida de Zurbaran e as obras datadas conhecidas para assentar de um modo firme o processo da sua pintura» encontro agora que nesta sua obra, o douto Ferrari dá a entender (pág. 163) que a obra datada de 1616 a que antes se referira, como vimos, é «la *Inmaculadita con niños*» que esteve na colecção Cepero, e que antes designara por «*Concepción* de 1616». E mais adiante (páginas 172/173) notando que «la niñez fué tema que abordó Zubarán... en sus imagenes de la infancia de la Virgen, deliciosamente devotas y caseras» menciona as seguintes: da «col. Gomez Moreno, otra en Leninegrado *y la que estuvo en poder de Beruete*», esta ultima pois a *Virgen niña, en oración*, que no volume da «Arte Labor», indicara como sendo para Mayer obra da juventude do artista. Ora, indo ver o que Mayer teria dito a tal respeito, encontro isto (a pág. 242 da sua *Historia de la Pintura Española*, (2.ª ed. Madrid, 1942): «*Son lindisimos diversos cuadros de Zurbarán que, en pintura de género, pero en hondo sentido alegorico, representan escenas de la vida de Maria y del redentor.. Así, la* Virgen niña *que reza su oración ante la mesa de costura antes de ponerse a trabajar, de la confeción Beruete, de Madrid; un cuadrito que sin duda proviene de los primeros años de la actividade artistica de Zurbarán*». Pelo visto, Ferrari não parece seguir esta opinião que Pantorba adoptou, como vimos. Na minha incompetência inclino-me a julgar que Mayer erra, devendo o quadro em questão ser da sua plena maturidade ou do período final.

Seja-me licito acrescentar que do periodo de início, e pouco posterior, ou da mesma data, seria porém uma outra imagem que Pantorba teria confundido com a *niña en oracion;* a que dá como estampa XLIII — *La Inmaculada Concepción* da *coleccion Lazaro* de Madrid, como indica. Essa sim, cuja cabeça estaria feita com o mesmo modelo da *Purissima* de 1616, e até, como ela, teria o pormenor de um grupo de cabeças de anjos sob os seus pés... Mais perfeita todavia de traços, no que se pode apreciar pela gravura, tem as mãos postas e a atitude de estar rezando. Ferrari não encontro que se haja referido, a esta em parte alguma, nem no grupo das madonas que mencionou a página 171. Não deixarei de notar todavia que se assemelha estranhamente á *Inmaculada Concepción*, do Museu de Budapeste (que também assenta os pés sobre um grupo de cabeças de anjos), obra assinada e datada de 1661, uma das suas ultimas produções, «obra caracteristica da la ultima epoca del artista, con su tecnica vaporosa, muy distinta de la de sus comienzos» segundo o comentário de Ferrari (a pág. 690), á imagem que reproduz no citado volume da «Arte Labor» designando-a por *La Concepción niña*, e sobre a qual dissera no texto, ser esta *Concepción niña*, e sobre a qual dissera no texto, ser esta *Concepción niña, del Museo de Budapest (fig. 501), el mismo tema de feminilidad infantil con que le vemos comenzar su carrera cerca de cincuenta años antes*», — obra que foi no dizer de Elias Tormo, «o seu canto de cisne» — esta por outro nome chamada *La Inmaculada Concepción*, de Budapeste» de novo tão menina, tão unica, de inspiração tão feliz, com os braços abertos, criação não menos devota, não menos inspirada do que... outras obras suas que se consideram páginas superiores na arte católica dos tempos modernos» (E. Tormo)

Em face de toda esta barafunda quanto á maravilhosa *Niña*, em oração diante da sua almofada com o bordadinho, resolvi, devido ao obséquio do excelente amigo sr. dr. João Couto, escrever a D. Maria Luísa Caturla que há meia duzia de anos viera ao Museu Nacional de Arte Antiga realizar uma conferência dedicada á análise de *o estilo e a evolução de Zurbarán*, e que, segundo leio num recorte de Imprensa de então, preparava um livro definitivo sobre o grande pintor — livro em que, segundo uma informação recente, continuava ainda trabalhando. Da carta que há dias tive a honra e o gosto de receber da sua amabilidade, fico a saber que a *Virgen niña en oración* ou *Virgencita costurera*, como D. Luísa me diz que lhe chama, devia ter sido muito popular, e por isso, o original «fizeram Zubarán repeti-lo várias vezes, o que ele realizaria por meio dos seus discípulos, como sucede frequentemente» na sua obra. «*Eu dataria, o original perdido, de cerca de 1632*» — acrescenta a ilustre investigadora — ou seja, como eu, pela sua perfeição me afigurara, da sua maturidade já. Acerca do seu livro, diz-me D. Luísa que conta publicá-lo no próximo ano ou talvez ainda em fins deste.

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Festival de equitação

a favor da Colónia Balnear do jornal «O Século»

No campo de obstáculos da Escola de Equitação do Estoril efectua-se, amanhã, um festival hípico, cuja receita reverterá para a Colónia Balnear Infantil do nosso prezado colega «O Século».

Esta iniciativa, que teve o melhor acolhimento por parte da Camara Municipal de Cascais, da Junta de Turismo, do S. N. I. e da Sociedade Hípica Portuguesa, está a despertar grande interesse entre cavaleiros e amazonas de todas as idades.

As provas começarão ás 9 e 30, com as gincanas para crianças, e terminarão com a Taça de Honra, oferecida pelo principe das Asturias, que assim demonstrou a sua simpatia pela iniciativa da Escola de que foi aluno.

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

LXIII — SCHWALBACH

Esse encantador Schwalbach que atravessou uma longa vida, sempre com inegável bom humor, é impossível que não esteja na eternidade escrevendo novas peças e gozando novos triunfos.

O teatro foi a sua grande paixão. «A Bisbilhoteira», obra curiosa que ainda de vez em quando renasce nos nossos palcos, foi escrita em três noites. Das dez da noite ás dez da manhã, nascia um acto.

Um dia, Albino Forjaz de Sampaio entrevistou-o no gabinete do Conservatório, onde foi director; e ficou pasmado com a desordem da sua mesa de trabalho. Relatou: «Montes de papeis empilhados, brigando uns com os outros e onde a confusão é extraordinária. Originais em papeis de todos os tamanhos, com letras de todos os feitios, uma confusão diabólica!»

Era este o método de trabalho do grande autor dos «Postiços».

*

Escreveu o seu primeiro artigo, animado por Gervásio Lobato. E conta que nesse dia saiu de casa, ás oito da manhã, ansioso por comprar o jornal. Lá estava na ultima coluna, na primeira página; e Schwalbach exultou. A' tarde, calcurriou o Chiado, sôfrego de receber parabens que ninguém lhe deu. Os amigos do Martinho igualmente se calaram. E no Rossio, deu de cara com Gervásio que igualmente se calou. Ele então, ofegante, investigou:

— Então? Que tal achou o folhetim?

— Sabes, diz-lhe o bondoso Gervásio. Quando to ouvi, pareceu-me melhor que ao lê-lo. — Conta o incipiente jornalista que nessa noite não dormiu. E mais tarde concordou que Gervásio tinha razão.

*

Schwalbach andou na Escola do Exército. Um seu colega do curso de Cavalaria era mestre a tocar trompa. Ele, entusiasmado, tentou aprender também; mas o seu ouvido sempre o traiu. Dizia Filipe Duarte que ele era incapaz de diferençar, pelo som, se um balde estava cheio ou vazio. E a trompa padecia tormentos na sua boca. O mestre olhava-o piedosamente, até que um dia, ouvindo-o tirar do instrumento um som irritante, tirou-lhe a trompa da mão, dizendo:

— Agora é que acertaste! Zurraste como quem és! Essa é que é a tua vocação!

E tudo ficou por ali...

*

Schwalbach nem sempre teve uma existência de rosas:

Um dia, não havia dinheiro para comprar papel para o seu jornal, porque o fornecedor fechara o crédito. De repente, olhou para um dos redactores que escrevia, tendo á frente o seu magnifico relógio. Traçou um plano maquiavélico. Mandou-o fazer a reportagem «de um crime em Alcantara».

Santonillo — que assim se chamava o redactor — aprestou-se para partir, metendo o relógio on bolso, mas Schwalbach pediu-lhe, carinhosamente:

— Não leves o relógio que não há cá outro. Por onde nos havemos de guiar, para a saida do jornal?

Santonillo acedeu e seguiu para Alcantara. Logo que ele saiu, o relógio foi empenhado, para comprar papel para o jornal. Mas o redactor regressou desolado, porque em Alcantara não se dera nenhum crime:

— Tens razão, disse-lhe um colega que estava dentro do «complot». Enganaram-me. Não foi em Alcantara. Foi no Lumiar.

O pobre rapaz lá marchou para o Lumiar, e, no regresso, já o jornal se apregoava na rua. A venda dera para tudo e o relógio voltara ao bolso do seu possuidor. Boémios de outros tempos!

*

Schwalbach estava no «Jornal do Comércio» quando forjou uma diabrura que deu brado em Lisboa. Entrou na redacção, um proprietário de um «atelier» de modas, homem ridiculo e jactancioso. Ia casar uma sua filha, e o pai pedia a publicação de uma notícia farfalhuda, em que se dava nota do nome dos padrinhos, do ministro da Marinha. Era tudo fantasia. A vaidade do pai ia ao ponto de pedir autorização a pessoas de destaque, para publicar os seus nomes nos jornais. A redacção riu-se, e, ao mesmo tempo, caiu na mesa a notícia de uma tentativa de agressão; um homem quisera agredir a sua vitima com uma vetruma, etc.

E Schwalbach disse para o Cristovão Aires:

— O' Cristovão, se nós forjassemos uma troca de graneis?

Cristovão Aires não concordou, mas fingiu não saber de nada. Schwalbach saiu radiante para a tipografia, e em poucos minutos, entrava na máquina, a notícia com os graneis misturados. No dia seguinte, o jornal lá noticiava o pomposo casamento, dizendo: «Da parte do noivo, foi padrinho o sr. ministro da Marinha, munido de uma verruma que lhe queria arrombar a porta. Apareceu a Polícia que o prendeu».

«Tableau»!

L. R.

A febre aftosa

impede o mercado bovino da Feira de S. Mateus

VISEU, 12. — Desvaneceram-se as esperanças, que ainda se alimentavam, de ver a Feira Franca de São Mateus, nos dias 15 a 17, como seu anual e tão forte mercado de gado bovino. Os srs. governador civil e presidente da Camara, de colaboração com as autoridades veterinárias, estavam esperançados em conseguir, se a epidemia da chamada febre aftosa tendesse para diminuir e não invadisse o concelho de Viseu por forma alarmante, que se efectuasse a feira do gado. Mas com as más notícias que há, principalmente de casos ocorridos na região de Calde, não é possível pensar na autorização indispensável.

Os prejuizos que advêm para a Feira e para Viseu são enormes e fáceis de calcular.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: *máxima, 25°,5; mínima, 16°,2.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 24°,4; mínima, 14°,6.*

— As temperaturas registadas roje, ás 10 horas, na Costa do Sol, foram as seguintes: no ar, 19°; na água do mar, 18°,6.

DESPORTOS

Um «novo» campeonato nacional

que promete emoção e interesse

tem amanhã a sua primeira jornada

Dos 14 clubes concorrentes ao «Nacional» da 1.ª Divisão, dois, no final da prova, descerão á 2.ª Divisão, enquanto que os 11.º e 12.º terão de decidir a sua permanência, disputando um torneio em «poule» com os 2.os classificados de cada uma das zonas do agrupamento secundário. Tudo isto equivale, práticamente, a um «novo» campeonato, o que garante, pelo menos, muita emoção e redobrado interesse. Mais do que nunca, a luta pelos pontos assumirá uma feição invulgar e talvez na segunda jornada, se os árbitros forem débeis na autoridade, a expressão adquira aspectos porventura desagradáveis. Mas se tal não acontecer, ficará a esperança de boas partidas através de despiques vibrantes de entusiasmo. Quanto ao capítulo da técnica, o problema constitui uma grande incógnita, não obstante o publico ter direito a presenciar bons espectáculos.

A primeira jornada, marcada para amanhã, engloba os seguintes jogos:

Barreirense-Sporting
Belenenses-C. U. F.
Spt. de Braga-Lusitano
Sporting da Covilhã-Caldas
Benfica-Vitória de Guimarães
Torriense-Académica
F. C. Porto-Vitória de Setubal

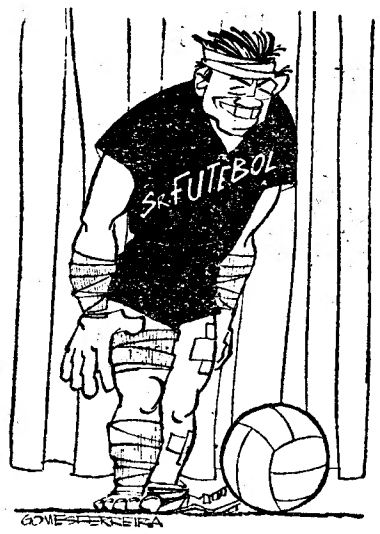
Práticamente, todas as equipas estão rodadas. Umas foram a Espanha, mais ou menos em jeito de aventura; outras estiveram em África; e as restantes entretiveram-se com encontros disputados no ambiente continental. Quer dizer, amanhã não haverá uma estreia absoluta; quando muito, uns tantos reforços (caras novas ou caras velhas com outras camisolas) poderão despertar uma curiosidade especial.

Temos, pois, uma jornada interessante, com acasalamentos que prometem despique muito mexido.

Duas cidades regressam ao grande campeonato, Guimarães e Covilhã, por intermédio do Vitória e do Sporting, respectivamente. Qualquer delas reforçou-se convenientemente pelo que se aguarda uma presença definida, de aspirações sólidas, que os titulares da época passada terão que ter na devida conta.

Este «novo» campeonato proporcionará ainda a alguns técnicos o ensejo da reabilitação, revelação ou confirmação.

Enfim, o conjunto dos factores atrás apontados, e outros que necessáriamente a eles estão ligados intimamente, conferem ao 21.º Campeonato Nacional da 1 Divisão um relativo atestado de maioridade. Que os vícios tradicionais acabem, é o que se deseja, acima de tudo.



Aí está ele em cena! Traz um fato novo — A nova organica — mas mostra na mesma as antigas mazelas — Estatuto do jogador, campos por arrelvar, arbitragens, clubite, etc. etc., etc....

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Nas pistas do Estádio Nacional prosseguem amanhã as provas do Decatlo Nacional, sendo o programa constituído pelas competições de 110 m. barreiras, lançamento de disco, salto á vara, lançamento de dardo e 1.500 metros.

HÓQUEI EM PATINS — Prossegue amanhã o campeonato do Sul, de hóquei em patins, da 1.ª Divisão, jogando o Sintra contra o Futebol Benfica, no «rink» do primeiro, ás 17 e 18 horas, respectivamente em reservas e 1.as categorias.

Também foi marcado para amanhã o encontro Física-Algés, do campeonato do Sul, da 2.ª Divisão, que esteve marcado para o dia 28 do mês findo.

CICLISMO — A Figueira da Foz vai estar amanhã em festa, por motivo de duas competições de ciclismo: a «Volta dos Campeões», em 23.ª «edição», e o «Circuito das Libras em Ouro», com o nome de Arnaldo Sobral ligado a uma outra.

O Circuito disputa-se ás 11 horas, constituindo uma prova de eliminação, em 30 voltas: a «Volta» principia ás 15 horas, no percurso de 54 quilómetros, em 60 voltas, com pontuação de 10 em 10 voltas.

Estão inscritos os melhores corredores do Benfica, F. C. Porto, Sangalhos e Sporting.

*

Em Alcabideche corre-se amanhã ás 14.30 horas, o 3.º «Circuito para Populares», numa organização da Associação dos Bombeiros Voluntários de Alcabideche, que tem o patrocínio do Grupo Sportivo de Carcavelos. A partida e a chegada são na Rua dos Bombeiros e o percurso inclui 12 voltas, num total de 55 quilómetros.

PESCA DESPORTIVA — Sob a organização do Sporting Clube de Tomar, realiza-se amanhã, nas margens do Rio Nabão, naquela cidade, o 3.º Concurso Nacional de Pesca Desportiva, Especializado (0,12). O certame está a ser aguardado com o maior interesse e,

(Continua na 10.ª página)

FUTEBOL INTERNACIONAL

No Estádio do Benfica

S. L. BENFICA - GRANADA C. F.

em 16 de Setembro às 22 horas

BILHETES À VENDA

NA COMISSÃO CENTRAL

Dia 16: das 18 às 20 horas.

Na R. DA MISERICÓRDIA, 14

Dias 13 e 15: das 18 às 20 e das 22 às 24 horas.

Nas agências ABEP, ABELHA, DAVILA e ABC

PREÇOS DOS BILHETES

Sócios	Esc.	7$50
Cabeceiras	»	12$50
Bancada Lateral	»	25$00
Bancada Central	»	35$00

ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 12 ANOS

HÓQUEI EM PATINS

Os Sintrenses venceram justamente

mas um «penalty» fantasma lesou a «équipe» do Sporting

O jogo marcado para a Travessa do Cabo, entre o Sporting e o Sintra tinha grande importancia para ambas as equipas, aliás, como têm todos os encontros até ao fim da competição para o que faltam a umas equipas três desafios e a outras, quatro.

«Leões» e Sintrenses fizeram uma partida de fraco nível técnico. No entanto, a supremacia que se podia aguardar por parte dos «azuis» não chegou a fazer-se sentir de forma agastadora para os apaniguados dos «verde-brancos».

Diremos que, até aos 17 minutos, da primeira parte, o Sporting actuou de igual para igual. Todavia, nesse momento, o árbitro assinalou um «penalty» «fantasma» aos leões, que permitiu aos forasteiros igualarem (2-2) e o jogo passou a ter, imediatamente, outro sinal bem diferente do até aí observado. Foi pena que o juiz de campo houvesse contribuido, com o seu erro, involuntário, claramente, para a desmoralização dos Sportinguès, os quais só em determinado momento da segunda parte, voltaram a marcar presença positiva. Nessa altura, porém, por culpa da sua defesa, onde Luís Reis esteve aquém do que seria para desejar deixaram os Sintrenses afastar-se de novo e o resultado acabou por ser excessivamente pesado para os cores «leoninas».

O Sintra, como dissemos, não conseguiu atingir a sua craveira habitual. Está, efectivamente, a equipa de Cipriano Santos a atravessar crise nitida de forma. Neste sprint final com o Paço de Arcos o facto não pode deixar de constituir mau prenuncio...

Os «azuis», no entanto, ganharam com merecimento, porque não obstante terem dado rendimento inferior, ainda foram os que melhor ordenaram os seus esquemas ofensivos. A sua defesa, porém, teve alguns deslizes que lhes custou dois tentos, pelo menos...

Sob a arbitragem de Manuel Henriques, as equipas alinharam e marcaram:

Sporting — *Luís Reis, Eugénio Reis (2), Aires, Cascais (2), Gonzaga, Gonçalves e Angelo.*

Sintra — *Alvaro Rodrigues, Vieira, Edgar (3), Pompilio (2) e Rui Faria (1).*

*

Nos outros resafios de ontem, os resultados foram os seguintes: Parede, 3-Paço de Arcos, 5; Futebol Benfica, 2-Benfica, 3; Mundet, 0-Oeiras, 3.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
P. Arcos... ...	14	11	1	2	77-34	37
Sintra	14	11	1	2	86-49	37
Cascais... ...	14	9	3	2	54-35	35
Benfica	15	8	2	5	66-47	33
C. Ourique ...	12	7	—	5	43-35	26
Oeiras	15	5	1	9	47-66	26
Parede	15	4	1	10	46-57	24
Sporting... ...	15	4	1	10	47-59	24
F. Benfica ...	14	2	5	7	33-56	23
Mundet	14	2	1	11	36-83	19

TORNEIOS DE FUTEBOL

Em Marvila e em Faro

os desafios mais importantes do «Nacional» da 2.ª Divisão (Zona Sul)

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão prossegue amanhã, com os encontros correspondentes á 2.ª jornada. Em 14 campos joga-se pela primeira vez, o que equivale a dizer que todos os grupos visitantes na 1.ª jornada da prova são amanhã visitados.

Servindo para rectificação ou confirmação das impressões colhidas no domingo passado, os desafios revestem-se de especial interesse.

Na Zona Norte, o programa apresenta-se assim:

Vianense-Leixões
Gil Vicente-Espinho
Boavista-Vila Real
Oliveirense-Sanjoanense
Chaves-Salgueiros
Tirsense-Portalegrense
Peniche-Marinhense

Revestem-se de especial interesse os desafios de Viana do Castelo e de Oliveira de Azemeis, pois defrontam-se, nesses campos, equipas que venceram no domingo passado, além de que as suas primeiras vitórias foram de valia.

Em Barcelos e em Santo Tirso, ao invés, estão em campo quatro equipas vencidas na 1.ª jornada — todas com o interesse de não cairem na cauda da tabela.

No campo do Bessa e em Peniche, os visitados procurarão desfazer a má impressão deixada no ultimo domingo, enquanto em Chaves é o visitante que terá esse empenho.

*

O programa da Zona Sul é o seguinte:

Farense-Olhanense
Serpa-Atlético
Arroios-Estoril
Sacavenense-Montijo
Almada-Beja
Oriental-Portimonense
Coruchense-Juventude

A circunstancia de há uma semana todos os desafios terem sido ganhos por equipas visitadas faz com que amanhã em todos os campos se defronte um grupo vencedor com um vencido, da 1.ª jornada Se o facto «casa» não perder a sua importancia poderá acontecer estabelecer-se uma igualdade entre os 14 concorrentes. E aqui está uma perspectiva que valoriza a jornada. Todos os desafios têm interesse, mas o «derby» algarvio e o Oriental-Portimonense podem situar-se em primeiro plano.

18 desafios da A. F. L.

A actividade da Associação de Futebol de Lisboa, intensa como se apresenta com vista á época ora iniciada, não podia retardar o seu começo.

Assim, começam já amanhã duas das competições mais importantes: os campeonatos distritais da 1.ª Divisão de seniores e juniores.

A prova dos seniores, abrindo novos horizontes a 10 clubes (ingresso na 3.ª Divisão Nacional) fornece amanhã os seguintes desafios:

Casa Pia-Futebol Benfica, em «Pina Manique»; Alhandra-Operário, em Alhandra; Vitória-Desp. Olivais, na Picheleira; Sintrense-Alverca, em Sintra; U. Vilafranquense-S. L. Olivais, em Vila Franca — todos ás 16 horas, em «honra», e ás 14 horas, em «reservas», excepto em «Pina Manique» e Alhandra.

O torneio de juniores, despertando, como sempre, desmedido interesse, com o aliciante de se conhecerem as novas formações das equipas, tem como estreantes o Unidos de Algés e o Charneca Eis os encontros previstos:

Série A — Belenenses-U. Algés, no Restelo; Sporting-Belenenses, em Alvalade (treinos); Atlético-Estoril, na Tapadinha; Cascalheira-Arroios, em Palma. Os três primeiros ás 10 e 30 horas e o ultimo, ás 11 horas.

Série B — Torriense-S. L. Olivais, em Torres Vedras; Charneca-Oriental, na Charneca; Vialonga-Povoense, em Vialonga; Alhandra-Benfica, em Alhandra. O primeiro ás 10 h. e os restantes ás 10 e 30 h

HOJE, À NOITE

HÓQUEI EM PATINS — No rinque de Algés, ás 21 e 30 horas, para o Campeonato da 2.ª Divisão, defrontam-se as equipas do Lisgás e do Recreios de Algés.

O dr. Mário Torres

desistiu de ingressar no Bétis de Sevilha

Afinal, não se concretizou a transferência do dr. Mário Torres para o Bétis de Sevilha. Após a reunião, ontem efectuada, os dirigentes da Académica, chegaram a acordo com o jogador o qual assegurou a possibilidade de se especializar como médico obstetra e ginecologista, igualando assim a proposta do clube sevilhano.

O internacional coimbrão alinhará, portanto, amanhã, contra o Torriense.

ATLETISMO

O Decatlo

disputa-se na pista do Estádio Nacional

As provas do calendário oficial, Decatlo e Pentatlo Feminino, disputam-se nas pistas do Estádio Nacional. O programa de hoje, que principia ás 17 horas, é o seguinte:

100 metros; peso (Pentatlo); comprimento; altura (Pentatlo); peso; 100 jardas (Extra); altura; 200 metros (Pentatlo) e 400 metros.

Amanhã, ás 15 horas, as provas são as seguintes:

110 metros, barreiras; 80 m. bar. (Pentatlo); Disco; comprimento (Pentatlo); 500 metros (Extra); Vara; Milha (Extra); Dardo e 1.500 metros.

Uma senhora portuguesa

médica em Lourenço Marques está a aplicar um método original na solução dos problemas de nutrição

Está em Lisboa e vai partir para Moçambique a dr.ª Deolinda Martins, médica pediatra pela Faculdade de Medicina de Coimbra e que, se não foi moçambicana por nascimento foi talvez por acidente que nasceu em Lisboa, três meses antes de partir para a capital da província. Esta senhora é um raro, arguto e inteligente espírito de mulher, votada, por paixão dos problemas sociais, a um belo e fecundo sacerdócio de Medicina. Tem o seu nome ligado a muitos e sérios estudos de problemas da saude publica e um método, uma disciplina e como que uma antevisão de resultados são nela talvez a resultante dos seus largos contactos com as universidades americanas, pois, na da Califórnia esteve como bolseira da Organização Mundial de Saude a cursar Saude Publica. Hoje, a dr.ª Deolinda Martins, que chegou a exercer clínica em Coimbra, está em Lisboa e tomou parte nos trabalhos dos VI Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo.

Ao referir-se a este e á sua organização, poderia dizer-nos esta manhã:

— É estupenda. Tudo está impecávelmente previsto e no seu lugar. E os congressistas podem verificar — e confessar — que em nenhuma parte do Mundo terão sido recebidos melhor que em Lisboa.

Não é, porém, a organização do Congresso, onde acorreram as mais altas autoridades mundiais da especialidade — entre elas está um Prémio Nobel — o verdadeiro tema deste rápido diálogo travado no decorrer de um almoço ligeiro. Do que realmente interessa falar é desse ramo novo de Medicina que parece ainda estranho á nossa sociedade metropolitana e que se chama educação sanitária. Muitos se confundem, aliás. Porque uma coisa é o educador sanitário, ou seja, o técnico que orienta programas de educação sanitária, outra o conhecimento e divulgação de regras gerais de sanidade.

— As nossas Faculdades, infelizmente, têm apenas funções curativas. Falta-lhes o espírito dessa medicina nova que é a saude publica ou de medicina preventiva e que devia ser igualmente ministrado nas escolas de enfermagem, nas escolas normais e em todos os centros, enfim, donde o homem deve sair esclarecido para tomar contacto com certos densos e renovados aglomerados de futuros cidadãos. Já reparou que em Portugal não temos sequer a especialização da medicina escolar? Pois, nos Estados Unidos, logo no 4.º ano, os estudantes de Medicina começam a ir às escolas tomar contacto e estudar problemas relacionados com os problemas da saude publica.

E porque, falando-se de medicina curativa e preventiva vem a propósito falar de dispensários de assistência á criança, a dr.ª Deolinda Martins lembra que a função destes não deve ser apenas a de curar crianças doentes — e quantas vezes estas não adquirem lá mesmo, por contágio, outras doenças! — mas sobretudo a de esclarecer as mães, para que os seus filhos não adoeçam. Normalmente, todas as crianças deviam, por princípio imposto ou sugerido ás mães, ser levadas periódicamente ao dispensário. Assim seriam racionalmente alimentadas, assim seriam periódicamente pesadas e medidas, para que em função de dados certos se observassem regras de crescimento.

— Somos um País pobre, sem grandes quadros de pessoal especializado e diz-se que se o dinheiro não chega para remediar, muito menos chega para prevenir...

Alegamos, por alegar, com este princípio absurdo, tão absurdo que a dr.ª Deolinda Martins logo discorda:

— O que falta, em muitos casos, é espírito preventivo, compreensão da função da educação sanitária. Repare nos efeitos que se recolhem junto de uma pobre mulher cujo filho apanhou uma indigestão e vai com ele a correr ao dispensário! Se o médico e as enfermeiras não tiveram noção do calor do espírito preventivo e da educação sanitária

DR.ª DEOLINDA MARTINS

(Continua na 11.ª página)

O edifício onde vão ficar a Polícia Judiciária e os Serviços de é uma bela obra em que se evidencia

Constitui um verdadeiro monumento ao trabalho prisional, pois é a maior obra até agora levada a cabo, em Portugal, por presos, com a colaboração, muito restrita, de alguns operários livres especializados — o imponente, elegante e moderno edifício da Rua Gomes Freire, destinado á Polícia Judiciária, que o Chefe do Estado inaugurará, ás 17 horas de segunda-feira, e que desde o dia seguinte abrirá as suas portas ao publico.

Para que os representantes da Imprensa, da Rádio e da Radiotelevisão pudessem fazer uma ideia mais completa do que aquela construção representa, não só como realização arquitectónica — o projecto é de Rodrigues Lima — mas como concentração de serviços afins, até agora lamentávelmente dispersos, o professor João Antunes Varela convidou-os hoje para uma demorada visita.

Afirmações do ministro da Justiça

Aquele membro do Governo que estava acompanhado pelo referido arquitecto, pelos drs. Francisco Lopes Moreira e António Machado, directores da Polícia Judiciária e dos Serviços de Identificação, dr. Roberto Pinto, director da Penitenciária de Lisboa e das Brigadas de Trabalho Prisional; engenheiro António Sangalho Junior, director das obras, e dr. Tavares de Almeida, chefe dos Serviços de Imprensa do S. N. I. — depois de saudar e de agradecer a presença dos seus convidados e de pedir que transmitissem as saudações e os agradecimentos aos directores e ás empresas, explicou-lhes largamente os objectivos da construção do grande imóvel e a organização dos serviços que ali foram instalados:

—A inauguração deste melhoramento representa para todos nós, e para o publico em geral, a satisfação duma grande necessidade. Daí resulta a nossa alegria, por vermos resolvidos dois gravíssimos problemas: o da instalação da Polícia Judiciária, até agora no Torel — que me deixou uma impressão confrangedora, com os seus corredores, estreitos, sem salas de espera, com interrogatórios, na mesma secção, simultaneamente, de diversas testemunhas sobre os mais variados assuntos, não permitindo uma investigação conveniente — e o dos Serviços de Identificação — até agora de difícil e incómodo acesso ao publico e cuja dispersão tornava teórica a concentração já determinada pela legislação publicada.

Efectivamente, até agora, e com as consequentes demoras, despesas e perdas de tempo, para o publico, os serviços relativos a bilhetes de identidade e certificados de registo criminal e de registo policial, estavam dispersos por quatro locais: Rua de São Paulo (antiga Casa da Moeda); tribunal da Boa-Hora; Penitenciária; e Governo Civil.

—No edifício da Rua de São Paulo, não havia possibilidade de instalar qualquer organização racional, nem podíamos exigir aos funcionários mais do que, eles podiam fazer, em tais condições. Daí constantes reclamações, a que procurámos atender, permitindo que os pedidos de passagem de bilhetes de identidade pudessem ser passados nas Conservatórias do Registo Civil — solução incompleta e provisória. E, como a Imprensa, com toda a razão, se fez frequentemente éco de tais reclamações, ela sentirá, certamente, tanta alegria como nós, que pudemos aproveitar o ensejo para introduzir algumas condições de progresso.

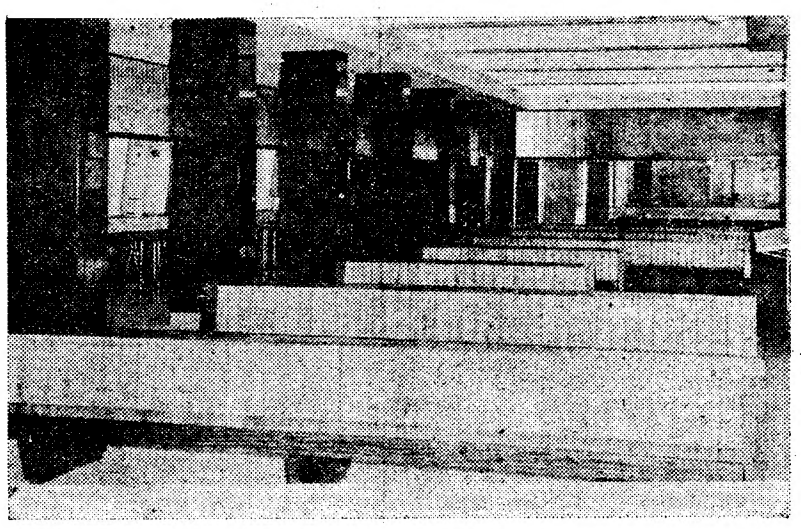
As principais inovações

O ministro passou a descrever o que há de novo no grandioso edifício:

Ele divide-se, fundamentalmente em duas partes: a da Polícia Judiciária e a dos Serviços de Identificação, havendo ainda, nas traseiras, a Escola Prática de Ciências Criminais, a parte prisional, o bar e o refeitório para o pessoal.

Merece uma referência especial o sistema dos blocos das brigadas: Enquanto no Torel, os serviços de cada brigada eram dispersos, houve a preocupação de criar séries de três compartimentos, os laterais para os agentes e o do centro para o chefe da brigada que assim pode acompanhar sempre os interrogatórios, evitando os graves inconvenientes que até agora se registavam. E um serviço de intercomunicações permite ao inspector estabelecer contacto imediato com qualquer brigada. Muitas vezes, os chefes sabem melhor como devem conduzir os interrogatórios; mas é conveniente que os inspectores acompanhem os trabalhos.

Na Directoria, há a destacar vários melhoramentos: um serviço que pôde ser montado de maneira eficiente — o do Arquivo e Registo de Informações, chave importantíssima para a facilidade de identificação de delinquentes especialistas, devido á existência dum ficheiro por especialidades; um Arquivo Dactiloscópico, montado pelo competente técnico espanhol Santa Maria Beltran, e que já permitiu um avanço sensível no nível da nossa investigação policial, visto que o sistema usado na Identificação é decadactilar e o daquele Arquivo é monodactilar; a organização de brigadas externas, com a função de combater a dlinquencia habitual, percorrendo, sistemáticamente as



A sala de espera dos Serviços de Identificação que vão passar a funcionar no novo edifício da Rua Gomes Freire

Apareceu mais um cadáver

das vítimas do desastre no Tejo

Em Paço de Arcos e defronte do Terreiro do Paço apareceram hoje dois cadáveres e logo se admitiu que se tratava das vítimas do trágico acidente ocorrido, no passado dia 7, no Tejo, em frente de Xabregas.

De manhã, foi encontrado na doca da Marinha, no Terreiro do Paço, o cadáver do sr. Rogério Pereira Parente e, algum tempo depois, em Paço de Arcos, foi visto a flutuar um corpo que, pelas indicações fornecidas á Polícia Marítima, se julgou tratar-se de José Clemente da Cruz. Um agente daquela corporação seguiu para o local, a fim de o remover para o Instituto de Medicina Legal e ser identificado, mas a família não o reconheceu como sendo o seu parente.

Relativamente ás investigações a que o agente Cerqueira da referida corporação está a proceder, há pormenores que as autoridades marítimas pretendem esclarecer, como por exemplo, se o sr. Manuel José Ferreira, que morreu no naufrágio, possuia, na verdade, uma carta de principiante, com o numero 3.262, concedida pela Secção de Desportos Náuticos da Brigada Naval, no dia 5 de Agosto de 1957. Nessas condições, estava autorizado a govérnar barcos com aquela tonelagem.

Sabe-se que o «Lua Nova» tinha 4,63 metros de comprimento, 2,10, de boca e 0,70 de pontal; deslocava 1.070 quilos de tonelagem, portanto em condições de transportar oito pessoas, quantas, na verdade, levava no trágico passeio. As autoridades pretendem ainda esclarecer quais os meios de salvação de que o barco estava munido, ao que parece apetrechado com cintos de salvação para cada pessoa.

De quem é o cadáver?

Mais tarde, no Instituto de Medicina Legal, em presença de dados fornecidos por ocasião do acidente, chegou-se á conclusão de que o cadáver encontrado defronte de Paço de Arcos é do marinheiro americano que caiu ao Tejo, quando da visita do ultimo porta-aviões da mesma nacionalidade.

Mas será de facto? Um mês depois, as autoridades competentes anunciaram que o cadáver desse mesmo marinheiro fora encontrado.

As manobras navais da N. A. T. O. em que participa Portugal

LONDRES, 13. — Navios e aviões de Portugal, da Holanda, da Bélgica, da França, da Alemanha e da Grã-Bretanha tomam parte nos exercícios navais da N. A. T. O., que principiam na próxima quinta-feira.

O almirantado anunciou que os submarinos britanicos que tomam parte nas manobras — designadas por «Ship-Shape» — «actuarão como se estivessem equipados com projécteis teleguiados, em missão de ataque á Inglaterra».

O comodoro Robertson, chefe do Estado-Maior das forças aliadas no Canal da Mancha, acrescentou que estes exercícios servirão para pôr à prova, pela primeira vez, as defesas britanicas contra submarinos equipados com projécteis teleguiados. — (A. N. I.).

Num desastre de automóvel morreu um sacerdote

VISEU, 13. — (Pelo telefone). — Pouco antes das 7 horas da manhã, caiu da altura de 2 metros, da Estrada da Meia Laranja, sobre a da que seguia o rev. padre José de Oliveira, de 74 anos, de Moire de Carvalhal, e que faleceu pouco depois de dar entrada no hospital. Também ali ficou internada Maria Anastácia, de 72 anos, viuva, que seguia no automóvel e sofreu fracturas e contusões graves. A causa do desastre foi o condutor do automóvel, aAgostinho de Oliveira, sobrinho do sacerdote, não ter visto o sinal indicativo de que a estrada estava cortada naquele ponto. O condutor, que nada sofreu, apresentou-se ás autoridades locais.

Fim de um episódio da «guerra do bacalhau»

LONDRES, 13. — O Almirantado britanico anunciou que, ás primeiras horas de hoje, a fragata inglesa «Eastbourne» desembarcou na Islandia os nove tripulantes de um patrulheiro islandês que subiram a bordo de um arrastão britanico e, mais tarde, foram transferidos para a fragata, onde permaneceram, até esta manhã, sob custódia.

O comandante da «Eastbourne» comunicou ter desembarcado os nove homens na aldeia de Keflavik, ao sul de Reykjavik, aproveitando a escuridão. — (A. N. I.).

Em Viana do Castelo um banheiro salvou dois menores

VIANA DO CASTELO, 12. — Mais uma vez o banheiro Horácio Alves Novo, da praia de Cabedelo, salvou dois rapazes de perecerem afogados.

Os dois rapazes, Bastos de Sousa e Alves Ferreira, aventuraram-se despreocupadamente pelo mar e quando quiseram regressar a terra, notaram que a força da corrente os arrastava mais para o largo e lhes impedia o regresso. Aflitos, gritaram por socorro. Acorreu logo o banheiro Horácio Alves Novo que chegou até junto dos banhistas e os trouxe até á praia.

CARREIRAS AÉREAS

Serviço especial para o Porto

Por motivo da afluência de tráfego, a T. A. P. efectuará amanhã, um serviço especial ao Porto, em quadrimotor, com o seguinte horário: partida de Lisboa ás 11 e 30 horas; regresso do Porto ás 13 e 15 horas.

As suas joias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

OURIVESARIA
Santa Filomena
Pratas — Antiguidades
(frente porta Jardim Zoológico)

Dinh
LISBOA
Rossio, 3
Tel. 21391
30257
EMPREST
s/ automóveis
2 E 24 HORAS
MÁXIMO
AVALIA
GRÁT
A CONF
a maior organi

car instalados

os de Investigação

dencia o trabalho prisional

várias zonas em que a cidade é dividida especialmente as mais frequentadas pelos criminosos e recolhendo informações — que são, em toda a parte a base principal da investigação policial, dispondo, nos seus carros, de emissores e receptores de rádio, que vão ser também instalados nas capitais dos distritos e noutras cidades: um Laboratório de Polícia Científica, cuja falta, numerosas vezes apontada, tanto se fazia sentir, dada a impossibilidade de os Institutos de Medicina legal, apesar de toda a sua boa vontade, corresponderem ás necessidades da Polícia Judiciária, e que é dirigido pelo dr. Alberto Ralha, técnico competentíssimo, que, como os seus dois adjuntos, se especializou no Laboratório de Polícia de Wiesbaden, na Alemanha; ao lado, o Laboratório Fotográfico, completamente equipado e montado, com algumas inovações interessantes que vão permitir que, com o outro Laboratório, se liberte a Polícia duma orientação até agora seguida (a preocupação exclusiva de conseguir a confissão do arguido, muitas vezes depois por ele desmentida em tribunal), completando a prova da confissão com outros meios que po-

(Continua na 11.ª página)

Portugal participa

na Conferência

Internacional da Agricultura

VIENA, 13.— Delegados portugueses tomam parte na Conferência Internacional de Agricultura que se realiza aqui na próxima semana com a participação de mais de 650 técnicos agrícolas da Alemanha, da Argélia, da Austria, da Bélgica, da Finlandia, da Grã-Bretanha, da Espanha, da Grécia, da Itália, do Líbano, do Luxemburgo, da Holanda, do Marrocos, da Suiça, da Tunisia e da Turquia.

A conferência é patrocinada pela Confederação Europeia de Agricultura (C. E. A.) e tem como principal objectivo a discussão de uma colaboração mais estreita entre a industria e a agricultura.

Andreas Hermes, secretário-geral da C. E. A., declarou numa conferência de Imprensa que «a unificação dos mercados europeus afectará, naturalmente, a agricultura, que, na devida altura, deverá ser encarada no seu aspecto europeu, como um todo, e não separadamente, de país para país». — (A. N. I.).

Encontrado a tempo!

LAJES, 13.—Um bimotor americano que se dirigia dos Estados Unidos para os Açores deixou, repentinamente, de comunicar com a torre de «contrôle». Imediatamente foram postos em acção os meios dos Serviços de Busca e Salvamento que o conseguiram localizar, ajudando-o a seguir o rumo das Lajes. O avião poisou com combustível apenas para mais 10 minutos de voo. O piloto que nele viajava sòzinho explicou, a sorrir, serenamente, que adormecera de cansaço, motivo por que se interromperam as comunicações com a torre de «contrôle».—(Lusitania).

nheiro

APRESTAMOS
omóveis e prédios
HORAS - JURO DE LEI
IMO SIGILO
VALIAÇÕES
GRÁTIS

PORTO
R. P. Manuel
14 Tel.
27011 28721

NFIDENTE
rganização do país

O ministro e o subsecretário de Estado da Educação Nacional ao receberem os cumprimentos dos directores e inspectores escolares

A taxa da escolaridade atingiu 99 %

— declarou hoje o prof. Leite Pinto

perante os directores e inspectores escolares

Os directores e os inspectores escolares do continente e das ilhas adjacentes que tomaram parte na reunião anual dos funcionários superiores do Ensino Primário, estiveram hoje no Ministério da Educação Nacional, acompanhados pelos srs. drs. Gomes Belo, director-geral interino daquele ensino e Pinho Leonidas, chefe da repartição pedagógica da Direcção-Geral do Ensino Primário, onde foram apresentar cumprimentos ao titular daquela pasta, prof. Leite Pinto.

Estava também presente o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário da Educação Nacional.

Usou da palavra o sr. dr. Gomes Belo, que se referiu á viva simpatia que o sr. prof. Leite Pinto desfruta nos que de perto ou de longe trabalham sob a sua direcção, saudando-o por fim em nome de todos os professores primários ali representados.

Falou depois o inspector Meneses Mendes, em nome dos inspectores e directores escolares e dos professores do País: louvou a obra dos srs. ministro e subsecretário de Estado da Educação.

Por ultimo destacou a figura do sr. Presidente da Republica e pediu ao ministro que tivesse a gentileza de entregar ao sr. almirante Américo Tomás uma mensagem de congratulação por ter sido investido nas altas funções da mais alta magistratura portuguesa — mensagem que leu.

A seguir falou o sr. ministro da Educação Nacional, para agradecer em seu nome e do sr. dr. Baltasar de Sousa os cumprimentos apresentados. Salientou o grande interesse da reunião que findara, que constituiu mais uma conferência de trabalhos de flagrante proveito da série iniciada pelos seus antecessores.

Fez depois largas e judiciosas considerações acerca da missão dos servidores do Estado. Esclareceu o verdadeiro sentido da burocracia, aliás existente tanto nas actividades oficiais como nas empresas privadas, pondo em evidência as responsabilidades e o constante esforço do funcionalismo ao serviço da Nação.

O sr. prof. Leite Pinto prosseguindo disse: Constituem V. Ex.ª o estado-maior do mais importante dos serviços publicos em qualquer país — o ensino primário.

E' principalmente através dele que se inicia a integração da criança na cultura dos nossos maiores. Constitui ele — concentrado em torno da transmissão da língua — a base comum de compreensão e sociabilidade de todos aqueles que formam a Nação. Na exposição ontem feita pelo sr. subsecretário de Estado encontraram sobejos motivos de orgulho. Conseguiu-se atingir uma taxa de escolaridade altamente honrosa — 99 %.

«Em breve teremos a generalização do ensino da 4.ª classe atingindo o sexo feminino. Depois e, em breve também, teremos esboçado o ensino obrigatório das seis classes. E' este o meu objectivo principal, o qual não se poderá alcançar sem a colaboração de todos — sem a colaboração de todos os Portugueses.

Por fim, o sr. prof. eng.º Leite Pinto agradeceu o honroso encargo de entregar a mensagem do professorado ao sr. Presidente da Republica, o primeiro frisou, dos servidores do Estado e o primeiro dos portugueses.

Ao fazê-lo juntava ás dos professores as suas homenagens ao sr. almirante Américo Tomás.

Terminados os cumprimentos os srs. ministro e subsecretário ofereceram um almoço a todos os participantes da reunião anual do ensino primário.

Este bébé de quatro meses ficou, há dias, retido em Londres, quando viajava sózinho de Atenas para Nova York. Para os oficiais de bordo era simplesmente Wendy Margaret Brennet, que ia dirigida ao sr. Arthur Brennet, morador na West End Avenue, da grande metrópole americana. Mas as autoridades britanicas não consideraram suficiente essa indicação e impediram que a criança seguisse viagem até ser apresentada toda a documentação que identifique o pequeno viajante, que, segundo parece, se destina a ser adoptado pelo citado neorquino. Carinhosamente instalado num hospital de Middlesex, o bébé não mostra, claro, a menor impaciência pelo cumprimento das formalidades legais, e apenas se interessará pela boa regularidade das horas do seu «biberon»

PRATAS EM 2.ª MÃO
Grande variedade — Bons preços
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 24564

COLÓNIA DE FÉRIAS

Dr. Mário Madeira

Chegaram hoje da Colónia de Férias dr. Mário Madeira, em S. João da Ericeira, 350 crianças do sexo masculino que ali estiveram a estagiar durante 20 dias. As crianças faziam parte das Juntas de Freguesia de Lisboa e de Alenquer.

No próximo dia 16, parte o ultimo turno desta época com crianças de ambos os sexos.

O auxílio económico — (6)

O Ocidente sofreu no Médio Oriente, do ponto de vista da influência económica e da penetração comercial, um revés tão grande como aquele que resultou, nos planos estratégico, político e diplomático da acção das grandes potências cuja rivalidade se tornou um elemento fundamental da vida daquela região ao longo de quarenta anos—a Grã-Bretanha eliminando a influência francesa, os Estados Unidos fazendo tudo para eliminar a influência britanica. Antes do americano Loy Henderson, houve o inglês Spears. Os nomes de ambos simbolizam uma lamentável incompreensão dos verdadeiros interesses dos seus paises que estavam encarregados de acautelar e comprometeram irremediávelmente.

Depois da aventura do Suez, no Outono de 1956, a curva descendente da influência económica do Ocidente, acentuou-se catastróficamente. Com o auxílio soviético, «sem obrigações», coincidiu a conquista dos mercados dos paises árabes pelos produtores do bloco comunista. O lançamento dos «sputniks» soviéticos reflectiu-se em todos os dominios e o declinio do prestigio ocidental acentuou-se á medida que se refazia o consumo de artigos fabricados no Ocidente, os quais tinham uma clientela tradicionalmente assegurada naquela região.

Com este fenómeno registou-se outro de incalculáveis consequências a distancia. Nos paises árabes, com o tempo, as antigas classes dirigentes foram afastadas dos postos de direcção e como era entre elas que se recrutavam os mais categorizados elementos pró-ocidentais — situação que se justificava por ligações de velha data e afinidades de cultura seculares — esse facto pesou finalmente na balança da competição com o bloco comunista, a qual se desiquilibrou mais rápidamente do que deveria esperar-se a favor do ultimo.

Depois de uma fase de incerteza, de erros e de acomodação, a qual se prolongou entre 1953 e 1956, os paises comunistas organizaram eficazmente o seu comércio com o Médio Oriente. A segunda fase desse intercambio (1956-1958) foi ordenada em obediência a planos concebidos a distancia de acordo com os métodos tradicionais da planificação soviética, servidos por técnicos que, em pouco tempo, se adaptaram ás exigências e caracteristicas peculiares de economia local. De maneira especial esta evolução foi decisiva no Egipto e na Síria paises onde a influência económica das grandes potências do Ocidente foi drásticamente reduzida e em alguns casos completamente eliminada.

Em execução ou elaboração ha dezanove planos industriais de envergadura para levar a cabo na Republica Árabe Unida, resultante da federação daqueles dois paises árabes. Entre eles destacam-se os da construção do canal do Eufrates de duas grandes centrais eléctricas próximo daquele rio, do caminho de ferro da Latdaquie a Djasoreh, de uma grande fábrica de adubos e da carta geológica, na Síria. No Egipto estão em execução ou preparação planos para as seguintes obras: um estaleiro naval em Alexandria (obra a executar pelos técnicos e operários polacos); uma fábrica de automóveis também em Alexandria (confiada a engenheiros e operários da Alemanha Oriental); outras obras de menor importancia. A construção da barragem de Assuan é objecto de negociações entre os Governos de Moscovo e do Cairo, pois este não deixou de ter em conta a importancia que dela resultaria para a transformação da economia nacional. Ainda no Egipto os técnicos checoslovacos encarregaram-se da construção de um potente emissor de rádio de Kw, e na Síria o Governo da Checoslováquia fez um contrato para a construção de uma grande refinaria de açúcar.

Nos ultimos quatro anos o Ocidente, simultaneamente com a série de desaires politicos e diplomáticos que sofreu no Médio Oriente, perdeu a quase totalidade do comércio com o mundo árabe onde se recrutava uma parte da sua clientela e com ele a decisiva influência económica e financeira que ali exercia e em parte justificava o seu predominio. Se juntarmos a isto a boicotagem sistemática das manifestações da cultura ocidental em alguns paises como o Egipto, a Síria e o Líbano, teremos um balanço catastrófico para o qual dificilmente se encontrará paralelo na História. Que esse resultado fosse conseguido em tão pouco tempo, eis o que causará o espanto dos vindouros que para ele dificilmente encontrarão explicação plausível se não entrarem em conta com a enormidade das faltas praticadas e a grandeza dos erros acumulados pelo «diplomacia á beira do abismo».

Marrocos

ameaça levar às Nações Unidas

a questão das bases militares

RABAT, (Marrocos), 13. — As negociações entre o Marrocos e os Estados Unidos, para a solução do problema das bases militares estratégicas norte-americanas no território marroquino, estão a ser aceleradas, na esperança de se poder chegar a um acordo, em data breve — segundo declararam hoje circulos autorizados, em Rabat.

Os mesmos circulos disseram que o rei Mohameth V e o seu Conselho de ministros estão a estudar a nota do Governo de Washington entregue há dias pelo embaixador dos Estados Unidos, a fim de tomarem uma decisão acerca das «propostas norte-americanas».

Um informador oficial do Governo marroquino declarou que «o Marrocos será obrigado a apelar para as Nações Unidas, a não ser que a França, a Espanha e os Estados Unidos estejam dispostos a solucionar a questão da presença das suas forças armadas, satisfazendo inteiramente as reivindicações marroquinas.

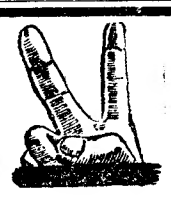
Sabe-se que o chefe do Governo marroquino tenciona assistir pessoalmente á próxima sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, a fim de «prestar quaisquer esclarecimentos julgados necessários», relativamente á questão das bases militares estrangeiras no Marrocos. — (A. N. I.).

A presidência da Assembleia continua a ser um problema

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 13. — O grupo latino-americano de 20 nações, depois de uma reunião hoje realizada, decidiu votar a favor do dr. Charles Malik, para a presidência da Assembleia Geral da O. N. U.

O dr. Pacífico Montero de Vargas, que presidiu á reunião, declarou aos jornalistas que Malik obterá uma maioria de 15 votos. O outro candidato é o ministro dos Negócios Estrangeiros do Sudão, Ahmed Maghoube.

Na sessão de terça-feira, da Assembleia Geral, estarão presentes dois chefes de Governo, 42 ministros dos Negócios Estrangeiros e mais cinco titulares de outras pastas ministeriais — foi hoje anunciado oficialmente. — (A. N. I.).



Pasta Medicinal Couto
TRATA — Gengivas descarnadas ou sangrentas
EVITA — Estomatites mercuriais ou bismuticas
MATA — Os micróbios da boca

DESPORTOS

(Continuação da 7.ª página)

pelo esmero da organização e valia dos prémios deve atrair inumeros pescadores e decorrer com a maior animação.

*

Também em Vila Franca de Xira se realiza amanhã, das 8 ás 15 horas, na Vala da Caneja, um torneio de pesca desportiva, denominado «I Concurso Interclubes do União Vilafranquense».

A prova tem classificações individual e colectiva e está a despertar muito entusiasmo.

XADREZ

Uma simultânea-gigante por Durão, Oliveira e Ribeiro

Os campeões nacionais de xadrez, mestres Joaquim Durão, Daniel de Oliveira e João Mário Ribeiro, conduzem hoje, nos salões do Ateneu, 60 partidas simultaneas. Cada um participa em 20 partidas, independentemente, mas no mesmo local, pelo que constitui um espectáculo inédito em Portugal.

Os jogadores adversários podem ser filiados ou não na Federação Portuguesa de Xadrez, aceitando-se inscrições pouco antes do começo das provas.

Esta simultanea-gigante visa a propaganda da modalidade e a obtenção de fundos para a deslocação da equipa nacional ao campeonato do Mundo, que se celebra em Munique de 30 do corrente a 23 de Outubro. A entrada, grátis, é livre.

NATAÇÃO

Uma alemã bateu o «record» mundial dos 100 metros bruços

LEIPZIG, 13.—A nadadora alemã, Karin Bayer, de Halle, estabeleceu ontem um novo «record» do Mundo, dos 100 metros, em 1 m. 19 s. e 6/10, melhorando assim de 7/10 o precedente «record» mundial que estebelecera em 20 de Julho, em Berlim.—(F. P.).

Um campeão olímpico morreu num desastre

MELBOURNE, 13.—Russel Mockridge, campeão ciclista olímpico do quilómetro em Helsinquia, nos Jogos de 1952, teve um desastre mortal quando disputava uma corrida, ontem, nos arredores de Melbourne. Contava 30 anos.

A 3 kms. da partida, num percurso de 220 kms. depois de ultrapasar um automóvel Mokridge foi de encontro a um autocarro; uma das rodas deste veículo esmagou-lhe a cabeça. A mulher e uma filha de dois anos assistiram ao acidente.

O conhecido corredor tinha ganho ainda há poucas semanas o Campeonato dos Estradistas da Austrália, pela terceira vez consecutiva.—(F. P.).

Melhoramentos locais

Novo mercado de Vila Real

VILA REAL, 11 — A Camara Municipal de Vila Real foi informada que, por despacho do sr. ministro das Obras Publicas, foi concedido um reforço de comparticipação, no valor de 150.000$00, para continuação das obras de construção do novo mercado municipal desta cidade.

Em Chaves o «Diário de Lisboa» vende-se na Casa Plastic, Rua Direita, 71.

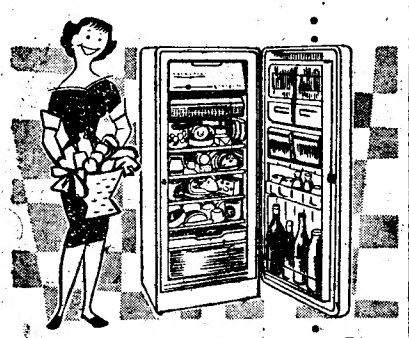
Publicações

«Guias» de Caminhos de Ferro e Camionagem

Recebemos o «Guia Geral de Caminhos de Ferro, etc.» e o «Guia Geral de Camionagem», publicações que a Financial da R. Passos Manuel, 134-1.º, Porto, mensalmente edita. De fácil consulta, são da máxima utilidade para quem viaja; e aquela casa, para que todos possam beneficiar das suas informações, manda o «Guia Geral de Caminhos de Ferro, etc.» ás pessoas que enviem 1$00 em selos, para despesas de expediente e porte.

«Cadernos de psicologia e pedagogia»

Recebemos o primeiro exemplar, abrangendo dois numeros, dos «Cadernos de Psicologia e Pedagogia», dirigidos pelo dr. João António Nabais. E' uma revista, impar no seu género, que reune assuntos de actual importancia.



FRIMATIC

Um frigorífico tão económico com uma máquina tão universalmente famosa. E equipado com o grupo compressor hermético americano «Tecumseh» de grande rendimento, com 5 anos de garantia.

Linhas elegantes. Acabamento perfeito. Bom aproveitamento do espaço: grande capacidade em pequena área. Congelador a toda largura com equitativa distribuição de frio. Produção rápida de sorvetes e gelo. Funcionamento automático e silencioso. Consumo económico.

- LUXO
- ELEGÂNCIA
- QUALIDADE
- CONFORTO
- ECONOMIA

ILE-DE-FRANCE	4.500$00
CHAMPAGNE	5.500$00
AQUITAINE	6.500$00
ARMAGNAC	7.500$00
CHATELAINE	8.500$00

ADQUIRA UM BOM FRIGORÍFICO COM 130$00 POR MÊS

25 MILHÕES DE MÁQUINAS TECUMSEH ESPALHADAS PELO MUNDO ASSEGURAM A QUALIDADE DESTE FRIGORÍFICO

FOGÁS, L.DA

Av. 5 de Outubro, 84

Telef. 764081 LISBOA

A SIMPATIA DO PUBLICO PELO SERVIÇO DE «TARIFAS»

Em cada mês transporta a C. P. cerca de 3 milhões de quilogramas de «tarifas» em volumes de 5, de 10, de 20 e de 30 quilogramas.

E' uma prova da eficiência e perfeição deste serviço.

OFERTA COLOSSAL!

UM GIGANTE ALGUIDAR PLÁSTICO

CAPACIDADE 14 LITROS

Comece hoje mesmo a juntar as suas tampas TIDE para beneficiar desta maravilhosa oferta.

Este alguidar pode ser seu sòmente por 19$50 e 3 tampas de caixas grandes ou 19$50 e 6 tampas de caixas médias.

USE TIDE...

Uma fotografia do magnífico Alguidar Plástico fabricado por Nobre & Silva, Lda.

A MESMA ALTA QUALIDADE - PREÇO MAIS BAIXO

A dr.ª Deolinda Martins

fala dos problemas da saúde pública

(Continuação da página central)

limitar-se-ão a curar a criança que logo daí a meses pode ser de novo vítima de segunda indigestão. Mas se, a propósito, lhe disserem por que foi que o filho adoeceu e de que modo podia tê-lo evitado, é quase certo que a criança não voltará a sofrer de indigestão... Quem diz indigestão diz pneumonia, otite...

A dr. Deolinda Martins sabe — talvez o tenha aprendido com os Americanos, «esses que têm o segredo do aproveitamento do tempo...» — que, só se atingem resultados uteis se dentro de uma especialização se tomar um tema para desenvolvimento e aplicação. Foi por isso que da sua especialização em Saude Publica, partiu para a saude escolar e desta para os problemas da nutrição, até há pouco um tema completamente ignorado em África. Assim, dividiu o seu trabalho em três partes para desenvolver ao cabo de três anos: no primeiro colheu informações, junto das populações escolares, por intermédio dos mestres; no segundo, fez a prospecção dos hábitos alimentares; no terceiro, fará a aplicação de normas e princípios, se lhe não faltar a colaboração dos mesmos professores nem a dos poderes publicos de modo que os seus serviços sejam dotados dos meios de funcionamento indispensáveis.

Hoje, mercê dessa investigação meticulosa sabe-se o que a criança de Lourenço Marques não come — foram mais de 6 mil as auscultadas — e isto que é muito importante, completar-se-á, mais tarde, com a orientação da aculturação. O vocábulo, de formação recente, exprime o conhecimento e respeito pelos hábitos das populações subdesenvolvidas, aproveitando-os para lhes dar noções novas de vida, sem alteração da que faziam...

Pela primeira vez, vai fazer-se nas escolas de L. Marques a aplicação de um método original, por processos originais. Outros países e territórios têm os olhos postos nos trabalhos da dr.ª Deolinda Martins. Se derem os resultados que se esperam, seguir-se-lhes-á a experiência tão aliciante, se consideradas em sua essência e teoria. É isto, em muito boa medida, o que credita a carreira da dr.ª Deolinda Martins.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

ENTRE CUNHADOS — No Hospital de S. José deu entrada, com uma facada na barriga, Francisco Martins Cordeiro, de 32 anos, jornaleiro, de Cabeça Gorda, Beja, onde se envolveu em desordem com um cunhado, de nome José António.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, haverá bailes na Sociedade Guilherme Cossoul, com a presença do conjunto «Tony e companheiros» e na Sociedade Alunos de Apolo, com o conjunto «Os Conquistadores».

Amanhã, na Liga Regional Cojense, os «Loucos da Melodia» animarão uma «matinée» dançante; na Sociedade União do Beato efectuar-se-á, ás 17 e 30, um concerto pela banda da colectividade. Á noite, na Malveira, o Atlético Clube da Malveira organiza um programa de variedades e baile que será apresentado no Cine-Teatro «Beatriz Costa» e no qual colaboram Irene Isidro, Herminia Silva e Maria José Valério.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): dois cães, dois porta-moedas, três fascículos de musica, um cartão sindical, um tampão para roda de automóvel, um casaco, uma mala, uma cautela de penhor, uma luva, um manípulo para porta de automóvel, uma tampa para farolim de motocicleta, um aro de borracha para farol de automóvel, um capuz, diversas chaves, uma carteira e um embrulho.

— Também se encontram, no Sindicato Nacional dos Motoristas, um saco, um sapato, uma sombrinha, uns óculos graduados, uma argola com oito chaves e um casaco.

DE LUTO

René Jean-Baptiste Lestouquet

Faleceu o sr. René Jean Baptiste Lestouquet, de 60 anos, director administrativo da Societé L'Air Liquide e subdirector da Sociedade Portuguesa do Ar Liquido, natural de Tarbes, França, e casado com a sr.ª D. Maria Helena Quintela Maia Lestouquet.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 11 e 15, da igreja de S. Louis dos Franceses para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

Capitão dr. José Maria de Miranda Pinto Portugal

VISEU, 12. — Faleceu em Santar, com 72 anos, o capitão-veterinário, sr. dr. José Maria de Miranda Pinto Portugal, casado com D. Maria Eduarda Pinto Portugal, pai da sr.ª D. Maria Adelaide Portugal e sogro do sr. dr. Eduardo Leal Loureiro, distinto médico e presidente do Clube de Viseu.

O Palácio da Justiça de Lisboa

ocupará os terrenos da actual Penitenciária e do antigo quartel de Metralhadoras 1

(Continuação da página central)

nham a Polícia a coberto de tais percalços, permitindo obter muitos elementos e suprir deficiências.

Os serviços de identificação civil estão racionalmente escalonados, para o requerimento e a passagem dos bilhetes de identidade e dos certificados de registo criminal e de registo policial, com um serviço interino de monta-papeis ligando os vários serviços, tudo de forma a dar o melhor rendimento. As condições de acesso do publico — que eram deploráveis, demoradas, custosas e incómodas — melhoram muito, acabando as «bichas» na rua, pois, além duma vasta sala, há ainda um grande pátio interior. A montagem do Arquivo Dactiloscópico Central era absolutamente necessária para o rigor da identificação; mas, para maior rapidez da passagem dos documentos, o confronto das impressões monodigitais não é prévio. Pela primeira vez se conseguem reunir os Arquivos e os Registos Criminal e Policial, o que tem muitas vantagens, entre as quais a da possibilidade de deslocar pessoal, duma secção para outra, em períodos de movimento extraordinário. A concentração do Registo Criminal, até agora disperso pelas comarcas, vem satisfazer uma grande aspiração do saudoso ministro da Justiça, professor Manuel Rodrigues.

Quanto ao «bar» e ao refeitório, em condições económicas, vêm resolver o problema da alimentação do pessoal que até agora se fazia em condições impróprias e incomportáveis para as suas possibilidades monetárias.

1.000 contos para as famílias dos presos

A terminar a sua interessante exposição, o ministro salientou:

—Trata-se duma realização do trabalho prisional. Foi feita por presos, do princípio até ao fim. Muitos aprenderam aqui uma profissão; outros aperfeiçoaram os seus conhecimentos profissionais; e são numerosos os que passaram a ser uteis á sociedade e á família. Mas é de justiça acentuar que, com pessoal assim recrutado, esta grande obra só pôde ser um facto, graças aos esforços enormes dos encarregados cutantes: 1.000 contos de parte dos salários destes foram entregues ás suas famílias.

O destino do Torel e o Palácio da Justiça

E, ainda antes de se retirar, o professor João Antunes Varela, deu duas informações de interesse publico:

No antigo edifício da Polícia Judiciária, no Torel, não será instalado qualquer tribunal pensa-se sim, caso o projecto vá por diante adaptá-lo, a fim de passar a funcionar ali a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Quanto ao Palácio da Justiça, pensa-se instalá-lo — e o assunto está pendente de negociações entre os Ministérios da Justiça, das Obras Publicas e do Exército, o Departamento da Defesa Nacional e a Camara Municipal de Lisboa — no local onde existe hoje a Penitenciária, e nos terrenos contíguos onde esteve aquartelado o batalhão de

Dizem os leitores...

As avaliações de rendas

Dando complemento á exposição dos diversos aspectos de um problema que encontrou expressão no nosso jornal, escreve-nos o sr. A de Oliveira:

«Publicou há tempo o seu apreciado jornal um oportuno e judicioso artigo sobre as novas avaliações de estabelecimentos comerciais no qual se preconizava a cessação imediata destas até que fosse revista a lei que as permitiu, como era de justiça. A doutrina que o «Diário de Lisboa» então formulou foi desde logo perfilhada pelo Grémio dos Lojistas de Lisboa, que fez inserir na íntegra, no seu Boletim o referido artigo. Também o vereador sr. Aníbal David desassombradamente levou até aos Paços do concelho a sumula das reclamações que lhe chegavam aos ouvidos. E deste modo nasceu uma esperança na alma de centenas de vítimas imoladas á ganancia de alguns senhorios.

Mas, coitados dos pobres inquilinos! As palavras sensatas e os apelos piedosos não encontraram abrigo nas consciências de quem, duma penada, dependia o remédio para o mal.

De maneira que, ultimamente, tem continuado a sanha devoradora do pedido de aumento das rendas, que chega a atingir 150 %, mesmo sobre as que já foram avaliadas. Isto chega a ser inconcebível, mas é a pura realidade. Falo com conhecimento de causa, porque faço parte de uma sociedade comercial de fracos recursos, cujo ramo de negócio mal tem dado, desde há uns anos a esta parte, para as despesas obrigatórias e inadiáveis. Mas se me dá licença eu conto. Quando a lei 2030 saíu modificada, foi-nos logo notificada a avaliação da loja com o pedido de aumento de renda de cerca de 300% sobre a renda antiga.

A avaliação, porém, foi um tanto ou quanto equitativa e reduziu a pretensão do senhorio para 130%, aproximadamente, com o que nos conformámos. Pois agora, porque a lei ainda lho permite e a ganancia não abandonou o senhorio, este, requerendo nova avaliação pediu um aumento sobre o de há cerca de sete anos, o que dá mais 150%!

Nada justifica uma barbaridade desta natureza; e se quem de direito não toma imediatas providências no sentido de refrear os apetites daqueles que julgam o Mundo só para eles, a ruína será nievitável para centenas de comerciantes».

Pocilgas da Costa da Caparica

Escreve-nos o nosso leitor, sr. J. Ramos, residente na Costa da Caparica, pedindo-nos a publicação da parte fundamental da carta que abaixo inserimos e que diz respeito a uma anómala situação sanitária que já devia ter merecido uma solução das entidades competentes.

«E' quase inacreditável que na Quinta de Santo António—hoje bastante populosa e em expansão constante — se permita a existência de pocilgas da mais repugnante falta de higiene, com todos os malefícios para os habitantes da localidade.

Um grupo de moradores expôs já em devida altura — há quase dois meses! — ao sr. delegado de Saúde de Almada o perigo e incómodo existentes, apontando locais exactos e mencionando os proprietários responsáveis.

Até hoje, porém, nada feito! Não será a lei igual em todo o País? Haverá necessidade de se recorrer ao sr. director-geral de Saúde para dar remédio a um caso tão banal de sanidade?».

OS AUTOMÓVEIS «MERCEDES - BENZ» 220 S PODEM AGORA SER TAMBÉM EQUIPADOS COM MOTOR COM INJECÇÃO DE GASOLINA

A marca «Mercedes-Benz», sempre animada de espírito progressivo no que respeita á perfeita técnica dos seus automóveis, vai apresentar em Portugal cerca do fim do ano corrente uma nova versão do seu modelo 220 S, dotado com motor com injecção de gasolina.

Os bons resultados obtidos com os motores com injecção de gasolina, dos seus tipos 300 SL, 300 S e 300, levaram agora aquela acreditada marca alemã a equipar á opção os Sedans 220 S com aquele moderno sistema de alimentação de gasolina, utilizando básicamente o mesmo motor de 6 cilindros e 2195 cm3 de cilindrada, com válvula e árvore de cames na cabeça, que tão boas provas tem dado nos automóveis «Mercedes-Benz» 220 S.

O actual modelo 220 S com motor com alimentação de gasolina por meio de carburadores continuará portanto a ser produzido com as mesmas características observadas até agora.

Nesta versão normal, com carburadores, o motor apresenta a potência de 120 HP enquanto que na versão opcional com injecção de gasolina a potência máxima será de 130 HP. As velocidades máximas daquelas duas versões, serão idênticas, da ordem dos 160 km/hora, reflectindo-se o aumento de potência principalmente em poder oferecer acelerações ainda mais rápidas do que o modelo normal e menor consumo de gasolina sobretudo nas velocidades mais elevadas.

REPRESENTANTE:
ESTABELECIMENTOS Sida, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 46 — LISBOA

IGNIS

A MELHOR E MAIS CUIDADA PRODUÇÃO EUROPEIA DE FRIGORÍFICOS DE LUXO

4 MODELOS DE SÓLIDA CONSTRUÇÃO E IMPECÁVEL ACABAMENTO

MODELO I 400 – 140 LITROS
» IL 600 – 160 »
» I 800 – 180 »
» IK 1.200 – 200 »

MODS. IL 600 e IK 1200

PREÇOS EXCEPCIONAIS

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO COM PRESTAÇÕES MENSAIS DESDE 170$00

MODS I-400 e I-800

- INTERIOR EM ESMALTADO PORCELANA
- CONGELADOR DE GRANDE CAPACIDADE
- PORTA COM APROVEITAMENTO TOTAL
- GAVETA PARA CARNES • GAVETA PARA LEGUMES
- MANTEIGUEIRA • LUZ INTERNA AUTOMÁTICA
- UNIDADE SELADA DE GRANDE RENDIMENTO E PEQUENO CONSUMO
- 5 ANOS DE GARANTIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 5 91 81 • LISBOA
NO NORTE: — M. SIMÕES JR., LDA. • R. ST.º ANTÓNIO, 208 • TEL. 25581 • PORTO

Delegação em Coimbra:
AV. FERNÃO DE MAGALHAES, 32-2.º

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónina de Responsabilidade Limitada
Sede—Calçada do Duque, 20—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento do juro de obrigações relativo ao 1.º semestre de 1958.

São avisados os portadores de obrigações da Emissão Mirandela e Viseu», 4 1/2 % — 1889 de que o pagamento do juro, relativo ao 1.º semestre de 1958, será efectuado a partir de 1 de Outubro p. f.º, ao preço de:

Esc. 1$60 — para títulos ao portador e nominativos

O pagamento do juro destas obrigações efectuar-se-á:

Em Lisboa, na sede da Companhia;

No Porto, na Tesouraria da Companhia, estação de S. Bento.

O pagamento na sede da Companhia efectua-se todos os dias uteis desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas e aos sábados desde as 10 ás 12 horas.

Lisboa, 10 de Setembro de 1958.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CAIAÇÕES:

Juntando-lhes um pouco de «DEKOROL», elas ficam resistentes ao atrito e ás intempéries e com a aparência de pintura. BELEZA E ECONOMIA.

Informa o representante exclusivo: R. QUEIROZ — Rua Rodrigues Sampaio, 55, 1.º — LISBOA— Telefone 5 00 36.

A Agência Predial "Josan"

com escritório na Rua Augusta, 229, 3.º, telefones 20630 e 35019, compra prédios antigos e moradias, quintas, terrenos com ou sem projecto e herdades. Consulte sempre a Agência Predial «Josan».

PIANOS

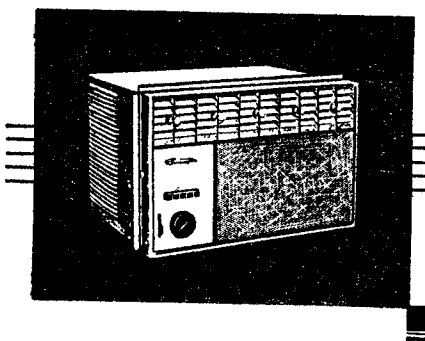
Verticais e de Cauda

ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.

96, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA



Condicionadores de ar Remington, monoblocos de fácil colocação em janelas ou paredes.

O «Incremental System» da Remington tornará util também no Verão, o seu actual sistema de aquecimento central.

A Remington possui aparelhos móveis permitindo a fácil deslocação para qualquer sala a utilizar de momento.

Centrais de condicionamento de ar para instalações hospitalares.

Centrais de grande potência para lugares publicos.

Os Remington têm garantia, e mais de 50.000 horas de vida util.

SOCIEDADE COMERCIAL MATTOS TAVARES, LDA.
RUA DOS SAPATEIROS, 39 - TEL. PPCA 31101/4 — LISBOA

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Lãs a Peso

Para tricotar á máquina e á mão
GRANDE SORTIDO
PREÇOS DE FABRICA
CASA GRILO
RUA DA CONCEIÇÃO, 71-73

Circuito Turístico DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS

visitando: — Cabo Espichel, Sesimbra e Castelo, Arrábida e Portinho, Setubal e Castelo, Castelo de Palmela e Azeitão
Preço de 60$00
Partida de Cacilhas ás 8.30
Concessionários Exclusivos:
JOÃO CANDIDO BELO & C.ª LDA.
Vila Fresca de Azeitão
CONSULTE A SUA AGENCIA DE VIAGENS ou em Almada — T. 070188 e Azeitão — T. 028029/028062
Estes Circuitos são realizados nos melhores autocarros e acompanhados por guia.

Eu gosto de
Dunlopillo
tambem!

Sim, os colchões e as almofadas das DUNLOPILLO são, o ideal para as crianças. São saudáveis e higiénicos. DUNLOPILLO, Espuma de Latex e de fabrico Inglês.

Representantes em Portugal
CASA GRAHAM - LISBOA - PORTO

A **COMPANHIA DOS TELEFONES** tem o prazer de anunciar que, dentro do plano de ampliação e automatização gradual da sua rede telefónica, entrará ao serviço, às primeiras horas do dia 14, a **nova Estação Automática do Barreiro** (Assinantes cujo número é iniciado por 023)

ANTES E DEPOIS DO BANHO DE SOL
use **APYROL**
O produto preferido desde 1933

PRAIAS DE MARAVILHA

Se se decidir a viajar, o caminho de ferro e os respectivos serviços combinados de camionagem facultar-lhe-ão uma cómoda e módica deslocação.

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

UM PAR DE OCULOS E UMAS LENTES DE CONTACTO

Texto integral do conto de SUTHERLAND SCOTT

ESTAVAM apenas duas pessoas na loja quando ali entrou um homem de casaco verde, com gravata vermelha, cujo estranho procedimento pôde ser revelado, mais tarde, por uma daquelas pessoas, a senhora Mabel Dunn, que aguardava a vez de ser aviada.

Ele dirigiu-se, primeiro, para junto de uma mesa, ao pé da qual estava a senhora Dunn, a quem o homem deu um encontrão. Puxou de um bloco-notas e esteve a escrever durante um minuto, com a mão direita. Depois, tornou a meter o bloco na algibeira e dirigiu-se ao balcão, arredando o outro freguês, um padre de baixa estatura e aspecto tímido.

Fixando os olhos no caixeiro (uns olhos com as pupilas muito dilatadas, como acentuou a senhora Dunn), interrogou-o:

—Onde está o Masters? Preciso de lhe falar!

—O senhor Masters não se tem sentido bem, ultimamente, e, em regra, descansa durante a tarde.

—Pois esta tarde não descansa! — comentou o singular indivíduo, em voz alta e a rir —. Diga-lhe que Saunders, John Saunders, lhe quer falar. E que não estou disposto a esperar!...

O caixeiro hesitou e o homem do casaco verde deu mais um passo, ameaçador. Após um momento de silêncio, o empregado desapareceu por detrás de uma cortina. (O padre assinalou, mais tarde, relatando os factos á Polícia, que eram, naquele momento, dezoito horas e um quarto). Decorridos poucos segundos, abriu-se a cortina e apareceu um homem calvo, que olhou, com ar irritado, para o tal Saunders.

—Que deseja? Pensei...

—Pensou?! — retorquiu Saunders, em tom escarninho —. Bem o avisei de que o esperaria se não quisesse dar ouvidos á razão!

Subitamente, tal como um prestidigitador faz saltar um coelho de um chapéu alto, assim apareceu um revólver na mão direita de Saunders, o qual disparou por quatro vezes, caindo Masters, de bruços, sobre o balcão.

O sacerdote estava muito ocupado a conversar com a senhora Dunn e não reparou por onde o assassino saiu do estabelecimento. O caixeiro desmaiara.

Nessa mesma tarde, desde as cinco e meia ás seis menos um quarto, esteve na conhecida taberna «O Leão Vermelho», a uns oito quilómetros da loja de Masters, um homem de casaco verde e gravata vermelha, enroscado numa cadeira. Ao contrário do assassino, usava, porém, óculos de grossas lentes. E pelo menos dois fregueses habituais notaram que se servia da mão direita para pegar na caneca de cerveja. Acrescentaram que parecia muito nervoso, mexendo constantemente nos óculos

A's seis menos um quarto, levantou-se e atravessou, vagarosamente, a sala, em direcção ao telefone, colocado a um canto. No entanto, tropeçou numa das mesas e entornou uma caneca de cerveja. Ficou, também, demonstrado que ele tacteara á procura do puxador da porta da cabina telefónica, como se fosse míope. Esteve apenas uns minutos ao telefone, calculando-se que deveria ter saido do «Leão Vermelho» pouco depois das seis horas.

Dois dias mais tarde, calhou ter o dr. Septimus Dodds ido á «Scotland Yard», visitar o inspector. Verity. Como este fora encarregado do caso Masters e o dr. Dodds era seu amigo, o assunto veio, naturalmente, á conversa:

—E é neste pé que as coisas estão — concluiu o inspector —. Não sabemos quem praticou o crime. John Saunders tinha fortes razões para se vingar de Masters, o qual se servia da loja para encobrir negócios escuros. Por isso o tinhamos debaixo de vista. Saunders, condenado, duas vezes, por furto, envolvera-se, pouco antes, numa questão séria com Masters, por causa de umas partilhas, e ameaçara-o de consequências terríveis.

—Ora aí está: o caso não oferece dúvidas! Demais a mais, há duas ou três testemunhas que podem afirmar a identidade de Saunders. Sabe Deus que ele nada fez para se esconder!

—Pois aí é que bate o ponto! Essa é que é a dificuldade! — suspirou o inspector —. Mas o melhor é contar-lhe a história do tal Saunders. Disse ele que estivera a beber cerveja no «Leão Vermelho», desde as cinco e meia até ás seis, na tarde do crime. Jura que só saiu da sua mesa para ir telefonar ao irmão, Roberto, que mora em Winbledon. E afirma que pode apresentar testemunhas do que diz. Mantém que não pode ser o mesmo homem que foi á loja do Masters, pois o assassino não usava óculos e ele, sem as lentes, é cego como um morcego. Aliás, isso é verdade. Protesta, ainda, dizendo que o querem culpar de uma coisa á qual é alheio.

—E que há a respeito desse tal Roberto, o irmão dele? — perguntou o dr. Dodds.

—Só Deus o sabe! Não tem qualquer álibi para a ocasião em que o crime foi cometido, a não ser, está claro, o telefonema que supôs ter recebido do John Diz ele que esteve em casa, sozinho, durante toda a tarde, e, tanto quanto sabemos, pode muito bem falar verdade. E há, pelo menos, uma coisa a seu favor: ser canhoto, pois averiguámos que o assassino escreveu uma anotação qualquer com a mão direita e com a mesma disparou o revólver. Eles, os dois irmãos, são muito parecidos e, com trajos semelhantes, podem passar por gémeos. Não temos nada contra Roberto, que dizem ser muito estúpido. É, aparentemente pelo menos, tão fraco de carácter como o irmão John, este mais esperto e desembaraçado...

O inspector Verity cogitou, por momentos, e teve este desabafo:

—Se pudéssemos esclarecer essa história dos óculos, ficariamos com a certeza de que foi John quem cometeu o crime, mas não é possível iludir o facto de ele não ver um palmo diante do nariz sem as lentes! Ah! o que eu gostava!...

O dr. Dodds, de repente, levantou a mão e exclamou:

—Verity: já sei como foi! John é quem matou o Masters! E você pode prová-lo!

—Mas como?

—Foi assim: Roberto era o que estava na taberna. Segurava, é certo, a caneca com a mão direita, mas isso qualquer canhoto o pode fazer! Repare que o homem do «Leão Vermelho» se atrapalhou com o puxador da porta da cabina telefónica, como se não visse bem. Está claro que não podia ver se tivesse os óculos do irmão, com os quais John vê muito bem. E então como se explica que o homem da taberna tivesse tanta dificuldade em se mover por ali?- Talvez isso explique ter ele tropeçado na mesa e entornado a cerveja... Ou talvez quisesse chamar a atenção para a hora a que telefonou. Há mais ainda, como seja o caso de várias testemunhas afirmarem que ele mexia constantemente nos óculos, por estar nervoso. Não estou de acordo! Procedia assim por não estar habituado a usar óculos. John fez com que o irmão se vestisse da mesma maneira, arranjando assim um álibi a quilómetros de distancia da loja do Masters...

...Quanto ao John, sabemos que o assassino se serviu da mão direita. Não poderia ter escrito a tal anotação se fosse canhoto. Viu-se que se trata de um homem desembaraçado, e isso leva-nos a pensar, novamente, no John. Nem se preocupou em esconder a sua identidade; e procedeu assim pensando que ninguém poderia culpá-lo e, também, segundo o seu plano, o qual consistia em remexer os dados.

—Mas, Dodds — interveio o inspector —, ainda se mantém a nossa grande dificuldade! Como poderia o John ter feito o que fez sem os óculos? E' uma impossibilidade física!...

—Ah, sim, os óculos! Ora, lembre-se de que a senhora Dunn descreveu os olhos do assassino como uns olhos fixos, de pupilas dilatadas. Isso poderia ser consequência da tensão nervosa. Mas há outra coisa que faz com que os olhos pareçam dilatados... Já ouviram falar, com certeza, em lentes de contacto, até mesmo na «Scotland Yard»?!

O inspector Verity deduziu:

—Ora aí está como o homem executou a sua tenebrosa proeza! Lentes de contacto nos olhos... e fornecidos, talvez de graça, pelo Serviço Nacional de Saúde...

—Pois é isso mesmo! — respondeu o dr. Dodds —. E é pena que Saunders vá acabar na força, pois, actualmente, são muito raros os bons actores...

Ele está à vontade...

ela está à vontade...

Usam ambos ODO·RO·NO STICK diàriamente

Ele adora o efeito rápido, a eficácia... ela gosta da sensação de frescura! Só ODO-RO-NO STICK actua tão depressa, tão infalivelmente... faz instantâneamente desaparecer o mau cheiro e a desagradável humidade dos sovacos.

— Só um movimento — e aplica-se
— Suprime o cheiro da transpiração instantâneamente... e por muito tempo

Não espere... compre o seu «ODO-RO-NO» stick hoje mesmo!

FAÇA DO ODO·RO·NO O SEU MELHOR HÁBITO DIÁRIO

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

cas, lançadas sobre o Japão, e que levaram aquele país á rendição incondicional, alarmaram os povos da Terra. Os estragos causados por essas bombas e pelas radiações fazem-se sentir ainda. A Assembleia Geral da Associação Médica Mundial empenhou-se no estudo e apuramento dos respectivos efeitos e encarregou o dr. Louis M. Orr, de Orlando, na Florida, perito consultor do Instituto para os Altos Estudos Nucleares (Oak Ridge, Tennessee) de apurar os estragos e a razão dos mesmos.

O professor Orr é justamente considerado a pessoa que melhor conhece os efeitos e transtornos biológicos das radiações. Ora, o perito de Oak Ridge é de opinião que aquelas radiações são tão perigosas como o fogo. No decorrer dos tempos — escreveu o professor Orr — a Humanidade, apesar de ter sido submetida a uma dose de radiações trinta vezes maior do que a das poeiras radioactivas, provenientes de testes nucleares, resistiu, tal como tem sucedido com os efeitos nefastos do fogo.

A radioterapia e o exame fluoroscópico constituem para o corpo humano uma outra fonte de radiações bem mais potente e rica do que a das partículas radioactivas. O homem tem-se defendido, mercê de acertadas medidas de protecção dos Raios X e dos estragos causados pelo fogo.

Consideram os médicos, na opinião de Louis M. Orr, as radiações como um meio eficaz de tratamento e uma via segura, indispensável, para o diagnóstico e despistagem de muitas doenças.

Os perigos dessas radiações não constituem obstáculo sério ao seu emprego quotidiano. Balanceando perigos e vantagens, o médico não hesita em as aconselhar ou empregar na rotina clínica.

Todos os progressos técnicos implicam riscos. O emprego das radiações como meio de tratamento e de diagnóstico, a bem da Humanidade doente, sofredora, levou á descoberta de eficazes processos de controle e de protecção, que não teriam sido antevistos se não existissem os perigos em referência.

No caso particular das emanações radioactivas são de considerar os riscos voluntários e, também, os impostos sem prévio consentimento.

As populações indefesas — velhos, mulheres e crianças — das duas cidades japonesas duramente castigadas pela deflagração e por doses maciças de radiações nucleares, não foram ouvidas ou achadas. Era a guerra total, com seu panorama macabro e destruidor, dizimando, em nome da liberdade, vidas aos milhares, ás dezenas e centenas de milhares.

Referindo-se aos riscos e efeitos das mesmas radiações, provenientes de partículas radioactivas, em especial das perturbações genéticas devidas ao estrôncio 90, Orr comparou-os com os riscos das radiações Roentgen, tendo fornecido dados estatísticos curiosos e elucidativos. E afirmou:

«Trinta anos de experiências, mantendo-se o actual ritmo, seriam individualmente menos nocivos do que dois décimos de um Roentgen».

Paralelamente a estas afirmações, até certo ponto reconfortantes e animadoras, insiste em que os governos dos países que procedem a experiências nucleares o não façam indiscriminadamente e tomem, sempre, todas as precauções e medidas de segurança possíveis. Os governos deverão continuar a fazer experiências, aliás necessárias, não, porém, nos domínios da arte da guerra, mas nos da medicina, da química, da biologia, da força motriz e da agricultura.

Referiu-se também, no seu tão discutido relatório, á histeria colectiva, registada no campo das hipóteses e das radiações, devido á ignorancia das massas, ignorancia filha do desconhecimento do problema.

As Nações Unidas, através de comissões especializadas, estimularam em tempos essa histéria, mas, uma vez interrogadas pelas associações médicas, declararam que não se encontravam habilitadas a fornecer informações sobre tão melindroso e delicado problema. As conclusões do perito de Oak Ridge, fornecidas á Associação Médica Mundial, foram publicadas com muita antecedência, isto é, antes do decantado relatório da Comissão Científica da O. N. U.

Não resta, porém, duvida de que, em todos os países da Terra, as populações se encontram alarmadas com a frequência das experiências nucleares e que sobretudo o Japão, devido á sua posição geográfica, continua a ser duramente atingido, á semelhança do que sucedeu nos cruentos dias da última guerra.

Os investigadores japoneses, como sucede com os norte-americanos, e possívelmente com os russos, continuam debruçados sobre o problema, procurando a todo o instante popularizar os ensinamentos colhidos, e lutando para que o nível sanitário das populações do Globo melhore todos os dias. Neste campo — é justo registá-lo — ninguém pode competir com os Estados Unidos que, através dos departamentos autorizados, têm despendido verbas importantíssimas, dando assim cumprimento a um dos pontos capitais do programa social e humano do antigo presidente Harry S. Truman, ainda hoje figura de grande relevo e prestígio na política daquele país.

A Associação Internacional, organismo que provocou as recentes declarações do professor Orr, insiste — e com carradas de razão — em que deve ser fornecida aos médicos, periódicamente, a maior soma de informações sobre tão acutilante e actual problema. Dispondo de rico material informativo, sempre actualizado, postos ao corrente dos perigos e dos efeitos biológicos das radiações, os médicos seriam os melhores e mais sinceros colaboradores da paz entre os povos, suprema aspiração de uma humanidade em que há milhares de histéricos e tresloucados, á mercê de agitadores sem escrúpulos e de falsos e perigosos profetas.

Por outro lado, os investigadores japoneses, dispondo de vasto e bem mutilado material, clamam que as experiências atómicas deveriam ser limitadas ou, quando necessárias, realizadas longe da ombreira da porta. Por sua vez, os Suecos e os Ingleses — o seguro morreu de velho... —, proclamando a mais alta admiração pelo sábio de Orlando, impediram os submarinos atómicos norte-americanos de se abeirarem dos seus portos. O diabo disparou com uma tranca — foi este o argumento apresentado.

É certo que os acidentes de automóveis, nos Estados Unidos, causaram, no mesmo espaço de tempo, maior número de vítimas do que a guerra-relampago, desencadeada pelos nazis no céu cinzento de Londres.

A paz e a guerra alimentam-se de vítimas e necessitando de abater todos os dias, gastam e consomem a Humanidade. No céu pardacento de Londres e algures no Pacífico, na guerra e na paz — idêntico rolar destruidor — sempre o homem á espreita do homem, lobo do homem.

Serão tranquilizantes, neuropsíquicos, as palavras do professor Orr e o relatório dos peritos das Nações Unidas, sobretudo para aqueles povos que vivem portas meias com os campos de experiência?

Verifica-se, por exemplo, na Rússia, que o número de médicos duplicou e que o orçamento do Estado soviético, devido ao incremento das experiências nucleares, destinou para 1957 uma verba superior a 50 biliões de rublos.

Quem terá razão? Os que prosseguem infatigávelmente nas experiências nucleares ou os que receiam os efeitos das mesmas? Em matéria de genética tudo é lento e enigmático.

A. d'E.

Em ALVALADE—SADO o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por António D. S. Ferreira.

Rene Jean-Baptiste Lestouquet

Confortado com os sacramentos da Santa Madre Igreja

Maria Helena Quintela Maia Lestouquet e filhos, Yvonne Dupupet, António Quintela Maia, sua mulher, filhas e genro, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu muito querido marido, pai, irmão, genro e cunhado e que o seu funeral se realiza amanhã, da Igreja de São Luís dos Franceses, pelas 11,15 horas, para o cemitério do Alto de São João.

AGENCIA BARATA

Rene Jean-Baptiste Lestouquet

Muni des Saints Sacrements

Madame Veuve Rene Lestouquet et ses enfants, madame Yvonne Dupupet, monsieur et madame António Quintela Maia et Leus enfants, ont la douleur de Faire part du Déces a Lisbonne le 13 Septembre 1958, de leur cher mari, pere, frere, gendre et beau-frere.

L'office religieux sera celebre en l'eglice St. Louis des français le dimanche 14 Septembre à 11 heures, 15 precises.

Rene Jean-Baptiste Lestouquet

FALECEU

O Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa do Ar Líquido sente o doloroso dever de participar a todos os seus estimados amigos e clientes o falecimento do seu sub-Director, Mr. René Jean-Baptiste Lestouquet, e que o seu funeral se realizará amanhã, ás 11,15, da Igreja de S. Luís dos Franceses para o Cemitério do Alto de S. João.

Rene Jean-Baptiste Lestouquet

FALECEU

O Pessoal da Sociedade Portuguesa do Ar Líquido cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido e muito estimado Sub-Director, Mr. René Jean-Baptiste Lestouquet, e que o seu funeral se realiza amanhã ás 11,15 da Igreja de S Luís dos Franceses para o Cemitério do Alto de S João.

Rene Jean-Baptiste Lestouquet

Le comite des groupements français du Portugal a le regret dé faire part du déces de Mr. René Jean-Baptiste Lestouquet, membre de son comité directeur et président de L'Union des Anciens Combattants Français résidant au Portugal. Le service religieux aura lieu à l'eglise St. Louis des Français. le dimanche 14 Septembre à 11,15.

Rene Jean-Baptiste Lestouquet

La Societe L'Air Liquide (Agence Portugaise) a le douloureux devoir de faire part du déces de son collaboratteur Mr. René Jean-Baptiste Lestouquet. Le service funebre aura lieu le dimanche 14 Septembre à 11,15, à l'eglise St. Louis des Français, à Lisbonne.

ROQUE

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

PROXIMAS VIAGENS EM AUTOCARROS

Madrid - Córdova - Sevilha

DE 14 A 24 DE SETEMBRO

Por Estremoz, Mérida, Madrid, Aranjuez, Valdepeñas, Jaen, Cordova, Sevilha, Grutas de Aracena, Beja, etc.

AINDA TEMOS BONS LUGARES
PARTIDA GARANTIDA
REPETE-SE DE 14 A 24 DE OUTUBRO

Sevilha

FEIRA DE S. MIGUEL

26 DE SETEMBRO A 1 DE OUTUBRO

UMA ENCANTADORA VIAGEM VISITANDO A CAPITAL DA ANDALUZIA, PELAS SUAS GRANDES CORRIDAS DE TOIROS

Paris e Lourdes

DE 1 A 18 DE OUTUBRO

UMA ATRAENTE VIAGEM VISITANDO PARIS E LOURDES PELO CENTENÁRIO DE NOSSA SENHORA DE LOURDES

Por Madrid, Burgos, Tours, Versailles, Paris, Limoges, Lourdes, etc.

Bruxelas

DE 8 A 27 DE OUTUBRO

ULTIMA ATRAENTE VIAGEM PELO ENCERRAMENTO DA GRANDE EXPOSIÇÃO UNIVERSAL

Visitando Madrid, Burgos, Bordeus, Tours, Versailles, Paris, Bruxelas, Rotterdam, Amsterdam, etc.

Fátima

EM 12 E 13 DE OUTUBRO
EM MODERNOS AUTOCARROS — PREÇO 120$00

Programas completos, informações e inscrições na acreditada

Agência de Viagens e Turismo Roque

Rua de S. José, 21 — LISBOA — Telefone 28829
(Cerca do Largo da Anunciada)

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida—Medicina, coração e pulmões—As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças anorectais—As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sifilis — As 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.
Prof. Dr. Aleu Saldanha—Raios X—As 16 horas.

António da Costa Alvoeiro

MISSA DO 30.º DIA

Sua mulher e filhas participam que, na próxima segunda-feira, dia 15, pelas 9 horas, será mandada rezar missa pelo seu eterno descanso, na igreja Italiana (Loreto), agradecendo, desde já, a todas as pessoas que queiram comparecer.

Brincadeira cara

DETROIT, 13. — Três jovens foram presos depois de vários populares terem avisado a Polícia de que, do porta-bagagens do carro por eles conduzido, saia uma mão que parecia de um cadáver, sinal «evidente» de que um crime teria sido praticado e que a vitima era transportada para local excuso.

Verificou-se que a mão era de borracha e que os rapazes andavam apenas a divertir-se á custa dos «saloios». Pelo sim pelo não, foram multados em elevada quantia. —(A. N. I.).

Sociedade «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES
para os comboios dos Domingos

Esta venda começar-se-á a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário.

DIARIO DE LISBOA

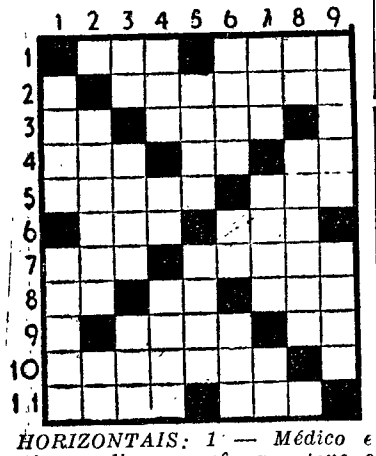
HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» anunciava no dia 13 de Setembro de 1928 o regresso á actividade profissional ao grande jornalista Hermano Neves, um dos maiores, talvez o maior repórter do seu tempo. Durante sete ou oito anos, conquistadas á custa de trabalho as esporas de ouro da profissão, brilhou animando as descrições vividas dos mais notáveis sucessos dessa época. A notícia terminava dizendo que com o regresso de Hermano Neves ao jornalismo, coincidia a sua maior actividade no teatro, colaborando com João Bastos e Felix Bermudes e Henrique Roldão.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1359



HORIZONTAIS: 1 — Médico e professor dinamarquês que teve o Prémio Nobel de 1895 pelos seus trabalhos sobre as vitaminas. Grande sistema montanhoso da Europa. 2 — Freguesia do concelho de Sintra. 3 — Maligna. Tosa. 4 — Criada de meninos. Alto aí! Isolado. 5 — Em cima de. Cantiga. 6 — Pêlos de certos animais. Oceano. 7 — Porém. Granizo. 8 — Atmosfera. Símbolo químico do cobalto. Suspiros. 9 — Escavação para receber e conduzir águas. Campeão. 10 — Freguesia dos concelhos de Braga, Bragança, Lousada e Vila do Conde. 11 — Cura. Cólera.

VERTICAIS: 1 — Patroas. Bosques. 2 — Afiar. Siga. 3 — Antes de Cristo. Faldas. Observar. 4 — Pedras de amolar. Reis. Guarda segredo. 5 — Padrão. Roldana. 6 — Ilhá da Indonésia. A mim. Acrescentei. 7 — Larva das feridas dos animais. Margem do rio. Parecença. 8 — Nota musical. Ria levemente. 9 — Esmonca. Tosto.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1358

HORIZONTAIS: 1 — Til. Erg. 2 — Rã. Ler. Ir. 3 — David. A. 4 — FORÇA. Imo. 5 — Aparo. Res. 6 — Ega. Ges. 7 — Pré. Árias. 8 — Roi. Ratou. 9 — Arguo. 10 — Ma. Sós. Tó. 11 — Aos. Mas.

VERTICAIS: 1 — Trofa. PRIMA. 2 — Ia. Opero. AO. 3 — Drageia. 4 — Lacra. Rs. 5 — Nevão. Argos. 6 — Ri. Graus. 7 — DIREITO. 8 — Ri. Mesão. Tá. 9 — Grãos. Sumos.

Provérbio: A FORÇA PRIMA AO DIREITO.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».
COLISEU — A's 20.30 e 22.45 — «Ai mexe... e remexe!».
AEC — A's 20.45 e 22.45 — «Vira o disco».

CINEMAS

TIVOLI — «Samba fantástico».
SÃO LUIZ — «Ser médico».
SÃO JORGE — «Assim morrem os valentes».
IMPÉRIO — «Ataque».
POLITEAMA — «Prazeres proibidos».
ALVALADE — «Ser médico».
MONUMENTAL — «O arrombador de cofres».
ROMA — «O médico e o charlatão».
CONDES — «O solteirão».
AVIS — «Totó no inferno».
CAPITÓLIO — «Paixões sem freio».
RESTELO — «Milagre de amor».
ESPL. PORTUGALIA — «Assim nasce uma estrela».
OLIMPIA — «Castigo de mulher».
PAVILHÃO — «Helena e os homens».
IDEAL — «A casaca vermelha».
PROMOTORA — «Abnegação».

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18, noticiário e danças; 18 e 40, trechos de operetas; 19, desdobramento; 21, noticiário; 21 e 15, desdobramento; 23 e 45, noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, aguarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, junção dos emissores; 21 e 15, trechos em viola espanhola; 21 e 30, comentário político; 21 e 45, programa, pela Orquestra Típica, dirigida por Belo Marques; 22 e 25, vozes do Mundo; 22 e 40, programa de musica portuguesa, dirigida por Fernando de Carvalho; 23 e 8; danças; 23 e 45, junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19, aspectos da musica moderna; 19 e 50, noticiário regional; 20, concerto de camara, em que colabora a pianista Angeles Presutto da Gama; 20 e 30, Temos portugueses; 20 e 40, musica de arco: «Adagio», de Gracioli; «Siciliana», de Paradies; «Melodia», de Gluck; «Ave-Maria»; «Canção do Anoitecer», de Schumann; «Nocturno», de Chopin, pelo violoncelista Mainardi; 21, junção dos emissores; 21 e 15, 3.º acto do «Orfeu», de Monteverdi; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 15, musica sinfónica: «Colas Beurgnon», de Kabalewsky; «Concerto n.º 1», de Liszt, para piano e orquestra; 22 e 45, Que quer ouvir? «Variações e fuga, sobre um tema de Purcell, op. 34», de Britten; «Alexandre Nevsky», cantata de Prokofieff; 23 e 45, junção dos emissores.

RADIO-CLUBE — A's 17 e 30, variedades; 18, ritmos de baile; 18 e 30, fados e guitarradas; 19, Quer um conselho?; 19 e 15, cançonetas; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, solistas; 20 e 30, Onda desportiva; 21, imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, cançonetas; 23, concerto; 23 e 15, ritmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile.

Estação de Miramar — A's 18, ritmos de baile; 18 e 45, recital de Cruz e Sousa; 19, palestra de lingua portuguesa; 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, canta Elizette Cardoso; 21 e 30, orquestras ligeiras; 22, programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, conjuntos instrumentais; 23, trechos de operetas; 23 e 30, artistas portugueses; 0, ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30, terço e benção; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, guitarradas; 20, musica para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, cançonetas portuguesas; 21 e 50, melodias; 22, no reino das musas; 22 e 20, solos de piano (concerto); 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30, ás 22, Voz de Lisboa; das 22 á 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 21, Abertura; 21 e 2, Noticiário; 21 e 10, «Tele-Desporto»; 21 e 40, Os Contos Maravilhosos da Arte; 21 e 55, Jornal de actualidades Internacionais; 22 e 10, Café-Concerto, realização de Nuno Fradique; 23, Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 10, Na rua e na estrada; 23 e 30, Fecho.

EFEMÉRIDES

No dia 13 de Setembro de 1598 morreu Filipe II, rei de Espanha.

As comemorações

do centenário da morte de D. Henrique

Foi transferida para o dia 21 do corrente, ás 11 horas, em Sagres a reunião da delegação do Algarve para as comemorações henriquinas, que estava marcada para 15, no referido local.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: — Em Portugal continental o vento era fraco, o céu estava pouco nublado e havia nevoeiros no litoral a Norte do Cabo da Roca por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a Nordeste da Madeira.

Temperaturas ás 9 horas: Porto e Coimbra, 16°; Lisboa, 21°; Faro e Funchal, 22°.

PREVISÃO ATE' A'S 24 (T. M. G.), DE AMANHÃ: — Céu pouco nublado, vento fraco, nevoeiros matinais no litoral Oeste a Norte do Cabo da Roca. Subida de temperatura.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO I — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092, Vitex—Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; Curie — Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos—Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—R. Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A, Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; Belmar — Avenida de Roma, 53-A, Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B, Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, á Praça do Areeiro, Tel. 727300; Onilda — Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) Av. da Republica, 58-D-E, Tel. 771661; Vale—Avenida Marquês de Tomar, 45-49, Tel. 773043; Palma — Avenida Duque de Ávila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld.ª — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Conceição — Calçada D. Castão, 30-32, Tel. 381279; Luzmar — Rua 2, 16—Bairro de Santa Engrácia, Tel. 728395; Pereira, Suc.—Rua do Paraíso, 98-100, Tel. 863224; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 862074; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa, 235-A—á Alameda—, Tel. 728277; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Ld.ª Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld.ª — Rua Braamcamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640; Janeiro — Avenida Álvares Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes, Telefone 661453; Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3, Tel. 669485; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusíadas, 32, Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Telefone 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Cortez — Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378

VIDA MUNDANA

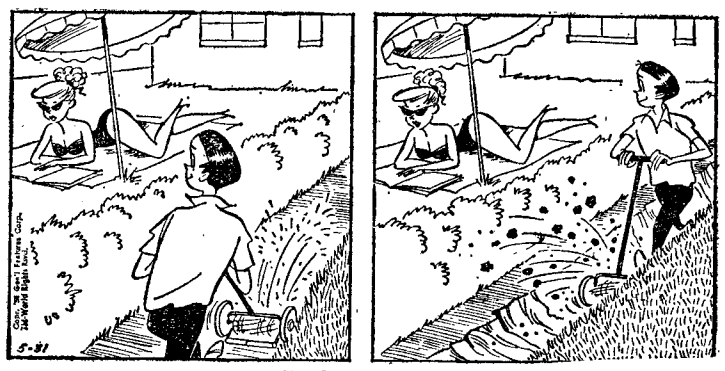
VIAJANTES

No avião dos T. A. P., partiram para Londres os srs. capitão Neves Graça, director da P. I. D. E., e o inspector-adjunto Abílio Alcarva, que vão tomar parte na assembleia geral da Interpol, que se reune naquela capital.

—Para a Bélgica, seguiram, por via aérea, os srs. capitão Lemos Ferreira e Lélio Ribeiro, do Subsecretariado da Aeronáutica, que vão participar no Pentatlo Aéreo Internacional Militar e nas Jornadas Médico-Desportivas de Aeronáutica, em Liège.

—Para Bruxelas, onde participará nos Simposios e nas Conferências de Mesa Redonda do III Congresso Mundial de Cardiologia, partiu o sr. prof. dr. Arsénio Cordeiro.

ELE & ELA



Trabalhar por gosto

SEMANA DO CONTRIBUINTE

IMPOSTO DE SISA

Código Civil

Artigo 1.º São imóveis por disposição da lei:

1.º Os produtos e partes integrantes dos prédios rusticos, *e as partes integrantes dos prédios urbanos, que não podem ser separadas sem prejuizo do serviço util que devem prestar, salvo sendo distraídas pelo próprio dono do prédio.*

MAQUINISMOS

Avaliação de maquinismos permanentemente unidos ao prédio urbano. *(Sessão onerosa de quota de sociedades).*

Consultar:

Revista de Direito Fiscal, ano VII, p. 206 e segs.

Compilação de Acórdãos, vol. 58.º, n.º 5 784

Diário do Governo n.º 286, de 12 de Dez.º de 1955, Rec.º n.º 12 823

Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, ano de 1947, p. 142

Anotações

...E, com efeito, a sua união material ao prédio urbano, nos termos da citada disposição, o elemento fundamental e indispensável para que os maquinismos em referência devam ser considerados como parte integrante do mesmo prédio, constituindo a utilidade resultante do serviço que prestam factor meramente acessório, como sustenta, e bem, a recorrente.

Acórdão do S. T. Administrativo de 9 de Feveiro de 1955

...Na hipótese de cessão onerosa de quota de uma sociedade, de cujo activo faz parte um imóvel onde se encontra em laboração uma fábrica com os respectivos maquinismos, é sempre o valor matericial, devidamente corrigido, que serve de base á liquidação da sisa, mas a este, depois da correcção, terá de acrescer o valor declarado aos maquinismos, desde que o rendimento da matriz respeite apenas ao prédio.

Despacho ministerial de 14 de Fevereiro de 1947

...São, porém, parte integrante da fábrica, como os edifícios e a parte rural necessária á laboração, as máquinas, utensílios e quaisquer objectos indispensáveis ao seu fim, que por isso não podem ser licitados em separado.

Dr. Dias Ferreira, *Código Civil Português*, vol. 1.º, p. 266.

O porto de Lisboa

no mês de Agosto

Segundo o boletim mensal da respectiva Administração-Geral, entraram no porto de Lisboa, em Agosto, 390 navios, abstraidos os da pesca costeira, na média, pois, de 13 navios por dia, com a arqueação bruta total, no conjunto, de 1.455.028 toneladas, tráfico este ligeiramente inferior ao do precedente mês de Julho, de 1.580.630 toneladas.

A movimentação de mercadorias no porto em Agosto, foi no total de 276.730 toneladas, das quais 175.969 desembarcadas e 100.761, embarcadas, contra 371.154 toneladas, em Junho, inferior portanto á do mês precedente.

O movimento de passageiros marítimos no porto em Agosto foi, por seu turno, de 31.055 pasageiros, sendo 6.866 embarcados, 6.029 desembarcados e 18.160 em transito, idêntico ao de Julho, de 31.075.

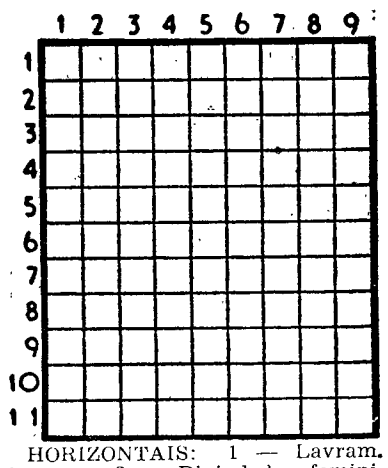
A receita corrente do porto foi em Agosto de 7.200 contos, inferior á do precedente mês.

A situação de contas mostra, por sua vez, a devida normalidade pela cobertura da despesa pela receita.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3446



HORIZONTAIS: 1 — Lavram. Amarrar. 2 — Divindades femininas inferiores que presidiam ás fontes e aos rios. 3 — Reis. Mulo burreiro. 4 — Nota musical. Cidade de Espanha. Comparecer. 5 — Procedeu. Casta. 6 — Luz da Lua. Lago salgado do Turquestão. 7 — Fruta do conde. Entregar. 8 — Solitários. 9 — Nota musical. Prefixo que designa ar. Dirigia-se. 10 — Nome de mulher biblica. Preposição. 11 — Uma das nove musas.

VERTICAIS: 1 — Verbal. Lá. 2 — Símbolo químico do rado. Fêmea do cavalo. Pássaro. 3 — Rio da Suiça. Pequeno barco de recreio. O mais. 4 — Unira sem combinação. 5 — Receio. 6 — O que admira. 7 — Pronome possessivo. Clima. Pretexto. 8 — Carta de jogar. Levantar. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. 9 — Almofariz. Oportunidade.

Solução do problema n.º 3445

HORIZONTAIS: 1 — MMDC. Leça. 2 — Aí. Iró. 3 — Graça. 4 — Mia. Vi. 5 — Lide. Pia. 6 — Acostaram. 7 — Cor. Cone. 8 — Ir. São. 9 — Epiro. 10 — Brandia. 11 — Ara. Asco.

VERTICAIS: 1 — Mas. Lácio. 2 — Mi. Licor. Br. 3 — Dor. Era. 4 — Carmes. Spa. 5 — Aí. Ain. 6 — Liça. Acorda. 7 — Era. Pró. Ois. 8 — Co. Viana. AC. 9 — Liame.

Externato Luís de Camões

(ANTIGA ESCOLA LUÍS DE CAMÕES)
(Fundada em 1921)

LISBOA — Avenida Almirante Reis, 27

CURSO COMPLETO DO LICEU EM AULAS DIURNAS E NOCTURNAS

TRABALHOS PRÁTICOS DE FISICA, QUÍMICA E CIENCIAS NATURAIS // ENSINO PRIMÁRIO // ADMISSÃO

As inscrições para os alunos do 1.º, 2.º e 3.º ciclo (Ensino Primário) terminam em 15 de Setembro

O CONFLITO RACIAL NOS ESTADOS UNIDOS

A ordem de recomeçar

a integração nas escolas oficiais é considerada ultrajante nos Estados do Sul

ATLANTA (Geórgia), 13.—A decisão do Supremo Tribunal de Justiça, de ordenar a integração imediata do Liceu Central de Little Rock, não surpreendeu os Estados do Sul, mas nem por isso causou menor reacção.

As autoridades do Arkansas e da Virgínia — os dois Estados mais directamente afectados pela categórica ordem ontem emitida pelo Tribunal — tinham julgado possível que lhes fosse concedida uma especie de período de aclimatação, durante o qual as tensões locais abrandassem um pouco.

«O Sul n ão aceitará semelhante ultraje» — afirmou Wesley Pruden, presidente do conselho cívico de Little Rock.

Por seu turno, o governador da Geórgia, Marvin Griffin, afirmou que a decisão tomada parecia justificar o critério paradoxal, segundo o qual alguns pretendem que «quanto mais afastado se está de uma questão importante mais apto se está para a julgar»

Com efeito — salientou Griffin — o juiz Harry Lemley, em Little Rock, concedeu um prazo de 30 meses para que viesse a realizar-se a integração, mas a sua sentença foi revogada pelo Tribunal de Apelação em St. Louis e essa revogação foi agora confirmada pelo Supremo Tribunal, em Washington.

Por outro lado, o advogado negro A. P. Tureaud, que dirigiu a luta que levou á desagregação da Universidade do Estado de Luisiana, em Nova Orleans, saudou a decisão tomada pelo Supremo Tribunal, considerando-a «o reconhecimento da supremacia da Lei e da ordem sobre a ameaça de violência».

Richard Ervin, procurador-geral da Florida, disse considerar a sentença «demasiado precipitada e demasiado contundente: deveria ter sido concedido á escola mais tempo para estabelecer um programa de reconciliação com a ordem de integração».

«Foi um golpe tremendo para todos os Estados Unidos»—afirmou o senador W. Rainach, da Luisiana. Em seu entender, o Sul nada mais tem a fazer senão preparar-se para resistir, com todas as armas legais e políticas que lhe restam.

Finalmente, o superintendente da Educação no Alabama, Austin R. Meadows, disse temer que a medida tomada tenha como resultado retardar a educação das crianças, tanto brancas como negras, em toda a parte e sempre que venha a realizar-se qualquer tentativa para a pôr em execução.—(A. N. I.).

Faubus mandou fechar as escolas oficiais

LITTLE ROCK (Arkansas), 13. —Os acontecimentos sucederam-se com extraordinária rapidez depois da decisão do Supremo Tribunal, que manteve obrigatória a admissão, nas escolas da capital deste Estado, dos alunos negros. Primeiramente, o governador Orval Faubus, que se tornou célebre o ano passado pela sua oposição á «integração racial» do liceu central de Little Rock, assinou um decreto que fizera votar na eventualidade da actual conjuntura, o qual ordena o encerramento das escolas. Pouco depois, fez publicar uma proclamação anunciando que na próxima segunda-feira, as escolas de Little Rock não abrirão. A seguir, um advogado anunciou que fará oposição, legalmente, á lei de encerramento, visto esta ser, na sua opinião, contrária ao espírito da Constituição deste Estado.

Um «sheriff», no desempenho das funções de oficial de diligências, entregou ao governador Faubus uma nota que o manda comparecer no tribunal. O governador assinou várias outras leis que o autorizam, nomeadamente, a conceder subsídios a escolas particulares, a fim de permitir que os colegiais assistam ás aulas nos estabelecimentos que, não sendo publicos, não estarão aparentemente submetidos á integração. Orval Faubus convocou para uma reunião no seu gabinete os chefes da milícia do Estado.—(F. P.).

Encerrou também o liceu de Warren

RICHMOND (Virgínia), 13.—O governador deste Estado, Lindsay Almond, decidiu tomar entre mãos «todo o poder e *contrôle*» do liceu do condado de Warren.

A comissão de ensino deste condado, de tão reduzido numero de habitantes que apenas tem um liceu, cingindo-se ás ordens dos tribunais federais, tinha aceitado a matrícula de um certo numero de crianças negras no liceu reservado, até agora, aos Brancos. Tal resolução, que foi tomada em oposição com a legislação do Estado de Virginia, que proibe a presença, nos mesmos bancos da escola, de crianças de raças diferentes, deu como resultado a proibição de abrir as portas do liceu.

Ontem, o governador, depois duma longa conferência com as partes interessadas, fez saber que «a autoridade, poder e *contrôle* sobre o liceu, o seu director, os seus professores, todos os empregados, os alunos matriculados ou que possam vir a matricular-se, estarão de futuro entregues ao Governo do Estado de Virgínia, cujo exercício está confiado ao governador». — (France Presse).

Investimentos

de capital estrangeiro

no Brasil

RIO DE JANEIRO, 13. — Nos circulos bem informados, afirma-se que a «Idrocarbure», italiana e a «Petrobas» chegaram a acordo sobre um financiamento inicial de 4 milhões de dólares a favor da empresa brasileira.

Acrescenta-se que empresas privadas da Alemanha, Inglaterra, França, Japão e Suiça estão a negociar com a Petrobas (companhia detentora do monopólio do petróleo) contratos no valor total de 300 milhões de dólares. Destinar-se-iam a desenvolver as pesquisas e a extracção do petróleo no Brasil. — (F. P.).

Jornalistas alemães

deportados para a Sibéria

BERLIM, 13. — Desde 1945, 58 jornalistas foram presos e julgados na zona oriental de Berlim — declarou Karl Brammer, presidente da União de Jornalistas do Berlim Ocidental, ao falar na sessão comemorativa dos 10 anos da associação.

Disse Brammer que três jornalistas, entre os que foram deportados para a Sibéria, lá morreram, o mesmo sucedendo a outros dois que haviam sido encarcerados na Alemanha Oriental. — (A. N. I.).

Ultimas notícias

A Rússia proibiu

a circulação de jornais jugoslavos

BELGRADO, 12. — O jornal «Borba» afirma que as autoridades da U. R. S. S. suprimiram a circulação de jornais jugoslavos naquele país. Nos ultimos tempos, segundo o referido jornal, tomaram-se na U. R. S. S. disposições para impedir o publico de obter jornais e revistas jugoslavas, ao contrário do que sucede na Jugoslávia, onde, diz o «Borba», é completamente livre a venda de jornais e revistas soviéticas. O órgão do Partido Comunista Jugoslavo afirma que a atitude das autoridades russas contradiz a declaração de Belgrado e constitui violação do acordo cultural e cientifico em vigor entre os dois países desde 21 de Janeiro deste ano. — (F. P.).

■

A Grande Quemoy

abastece-se por mar

TAIPEH, 13. — Quatro barcos conseguiram romper, de madrugada, o bloqueio estabelecido pela China Continental á Grande Quemoy, e desembarcaram abastecimentos para a guarnição — segundo anunciou o Ministério da Defesa da Formosa.

Os quatro navios permaneceram 23 minutos defronte da praia de Quemoy, sem terem sofrido qualquer dano, apesar do intenso bombardeamento comunista. O comboio foi escoltado por contra-torpedeiros norte-americanos até três milhas da praia. — (A. N. I.).

■

Novo "record"

feminino de natação

NAARDEN (Holanda), 13. — A nadadora holandesa Tineke Larerberg estabeleceu hoje novo «record» para a prova de 200 metros mariposa, em 2 m. e 38,9 s. ou seja menos 1,6 s. do que o anterior «record», estabelecido em 29 de Junho pela nadadora americana Nancy Ramey, em Los Angeles. — (A. N. I.).

■

174 MILHÕES

de Norte-Americanos

WASHINGTON, 13. — Comunica-se oficialmente que a população dos Estados Unidos era, em 1 de Agosto, de 174.326.000 pessoas, o que representa um aumento de 2.852.000 sobre o numero de habitantes, no ano passado. — (F. P.).

Chou En Lai confidenciou

que sempre projectou obter a Formosa e as ilhas do litoral

apenas através de negociações

LOS ANGELES, 13 — «Chou En Lai disse que espera obter a Formosa e as ilhas do litoral por meio de negociações e que não tenciona lançar uma invasão» — declarou o príncipe herdeiro do Camboja, Norodom Sihanouk, que recentemente visitou a China Continental, e ontem chegou a esta cidade a caminho de Nova York, aonde vai assistir á sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, como chefe da delegação do seu país.

O príncipe Sihanouk afirmou ainda que Chou En Lai lhe garantiu não ser o actual bombardeamento das ilhas Quemoy e da Matsu mais do que «uma punição pelas frequentes provocações da China Insular». — A. N. I.).

Quemoy sob as granadas

TAIPE', 13 — Os comunistas desencadearam esta manhã um violento tiro de barragem no sector costeiro da ilha de Quemoy — anunciou o ministro da Defesa nacionalista, que acrescentou terem sido disparadas, entre as 5 e 10 e as 6 horas, 7.035 granadas, no intuito de impedir qualquer acostagem ou aterragem naquela ilha.

Um avião de transporte «C-46», com jornalistas e pessoal destinados á ilha de Quemoy, não conseguiu poisar, esta manhã, devido á violência do bombardeamento da artilharia comunista — ao que anunciam as autoridades militares. O avião regressou incólume ao ponto de partida. — (F. P.).

A China Continental arma a população

TOQUIO, 13 — «A China Continental, em obediência á decisão tomada a 6 de Setembro pelo Conselho Supremo de Estado, está a organizar rápidamente uma milícia popular com o objectivo de transformar cada cidadão num soldado pronto a combater — anuncia hoje a agência «Nova China».

A agência acrescenta que o movimento está a espalhar-se por todas as cidades e aldeias e que em Amoy, frente ás ilhas de Quemoy, toda a população de idade compatível está em armas» — (A. N. I.)

O arcebispo de Bolonha

pôs uma acção em tribunal

ROMA, 13. — O arcebispo de Bolonha, cardeal Lercaro, encarregou um advogado de apresentar queixa por difamação e mentira contra o director do jornal comunista «Unità». Este, num artigo recente, afirmou que o director dos «banqueiros anónimos», Giambatti Giuffre, recebera da Santa Sé a Ordem de São Gregório, por intervenção pessoal do cardeal Lercaro. — (F. P.).

MILITARES E CIVIS

presos na Venezuela

CARACAS, 13. — Foram ontem presos 10 oficiais do Exército, suspeitos de estarem implicados na insurreição militar de domingo. Segundo informações das autoridades, foram presos, em todo o país, mais de 100 civis. — (F. P.).

O incidente

com o avião americano

(Continuação da 1.ª página)

os restos dos seis corpos sejam entregues ás autoridades americanas e que um membro da embaixada dos Estados Unidos em Moscovo seja autorizado a ir ao local do acidente.

Segundo informações obtidas pela aviação americana na Europa, o aparelho de transporte foi interceptado por «caças», perto da fronteira turco-soviética, nos arredores de Kars, e transportava 17 homens, dos quais, 11 teriam escapado á morte. — (F. P.).

A Rússia protesta contra a violação do seu espaço aéreo

MOSCOVO, 13 — Numa nota entregue ontem á embaixada dos Estados Unidos, o Governo da U. R. S. S. pediu ao Governo americano que tome as medidas necessárias para proibir, de futuro, qualquer violação, pelos aviões dos Estados Unidos, do espaço aéreo soviético. Esta nota é a resposta do Governo da U. R. S. S. a um pedido anterior das autoridades de Washington para lhes dar informações sobre o avião militar americano desaparecido em 2 de Setembro quando sobrevoava a Turquia.

O Governo de Moscovo afirma que, segundo, o inquérito efectuado, os destroços do aparelho calcinado e os despojos mortais, provávelmente os dos seis tripulantes, foram descobertos a 55 kms., ao Norte de Erivan, na Arménia; e que tratava de um avião militar americano que, ao penetrar profundamente no espaço aéreo soviético, caiu neste território. — (F. P.).

Os foguetões norte-americanos

(Continuação da 1.ª página)

«Jupiter», cuja força de impulso é da ordem dos 82.000 quilos.

Calcula-se que o novo foguetão tenha um comprimento de cerca de 60 metros, em comparação com os 26 metros do projéctil intercontinental do tipo «Atlas», e os 30 metros do «Titan», que deve entrar muito brevemente na fase de experiências.

Círculos autorizados salientaram que se trata apenas de aperfeiçoar e adaptar os conhecimentos técnicos que, utilizados pelos cientistas alemães na construção da «V-2», durante as ultimas fases da segunda guerra mundial, permitiram que os Estados Unidos se tenham mantido na vanguarda, no campo dos projécteis balísticos intercontinentais.

Os mesmos círculos disseram que o novo foguetão-gigante poderá um dia, depois de descoberta a solução de alguns «problemas», vir a ser utilizado para, em tempo de guerra, transportar tropas, quase instantaneamente, para longínquos campos de batalha, ou, em tempo de paz, substituir os actuais transatlanticos em viagens ultra-rápidas.

Dois grandes problemas há que resolver: a sobrevivência dos seres humanos durante a trajectória do foguetão através do espaço extra-atmosférico e o regresso do veículo, são e salvo, á superfície terrestre. Mas os cientistas salientam que já se verificou ser possível conseguir que seres vivos — sejam transportados através do espaço extra-atmosférico e atravessem, depois, sãos e salvos, a espessa camada atmosférica.

Que se saiba, dois ratos, lançados, recentemente, dentro de foguetões norte-americanos, conseguiram sobreviver até o momento da colisão com as águas do Atlantico Sul.

Também os Russos afirmam que conseguiram recuperar, sãos e salvos, dois cães, depois de terem viajado 400 quilómetros no espaço extra-atmosférico. — (A. N. I.).

Projéctil «mentiroso»

ensaiado na América

CAPE CANAVERAL, (Florida), 13. — O Exército do Ar anunciou que foi lançado ontem, um pequeno foguetão, que se julga ser o «Goose». Trata-se de um engenho secreto, cujo objectivo é «enganar» os radares inimigos, antes de qualquer ofensiva de bombardeiros ou de engenhos nucleares.

Um informador confirmou que a experiência se efectuou, mas recusou-se a fornecer pormenores sobre a natureza do ensaio ou sobre o próprio engenho. — (F. P.).

As cheias no México

CIDADE DO MEXICO, 13. — Cerca de 150 quilómetros quadrados de terras, ao norte desta cidade, estavam ontem debaixo de água. Na capital própriamente dita, o perigo, a menos de que sobrevenha uma trovoada violenta, parecia afastado, tendo os bombeiros conseguido colmatar as brechas do grande colector.

No Norte do país, a situação continua grave, sobretudo em Acambaró, onde já teriam ruido mais de 300 casas, minadas pela cheia. — (F. P.).

RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR
AOS SABADOS — Orquestra de dança, das 20 ás 24 horas
DOMINGOS — Das 13 ás 17 e das 20 ás 24 horas
Serviço normal de lista
CINEMA — CAFÉ BAR — SALA DE CHÁ — TELEVISÃO
(Maiores de 15 anos)

RIBATEJANO
Salvaterra de Magos — Tell. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços — Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
Cozinha Portuguesa
(6 anos)

Diario de Lisboa

SUMARIO

Um homem sorri á morte com meia cara
J. RODRIGUES MIGUÉIS
História maravilhosa da escrita e dos meios de expressão
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA
Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO
O Menino da Mamã
KURT SINGER
Viagem breve ao mundo dos poetas
ALFREDO PINTO BRAS
Fim de semana feliz
CICERONE
Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES
Ganhe 100$00 com um sorriso nos lábios
Nijinsky — o deus da dança
JORGE SANTOS
As primeiras eleições portuguesas
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Ouvindo bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON
Postal ilustrado
MANUEL AGRA
As nozes e as maçãs na dietética
M.ª CAROLINA FREITAS
Sim ou não?
OLGA SANTOS
Conselhos aos senhores hipertensos
Eduquemos o nosso filho
M.ª LÚCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado
GOMES FERREIRA
Página da Mulher

N.º 9

magazine

CASOS CELEBRES DAS POLICIAS DE TODO O MUNDO (2)

O MENINO DA MAMÃ

NÃO teriam talvez passado as duas horas da madrugada quando o brigadeiro de serviço no meu comissariado me telefonou. Tratava-se dum caso de assalto á mão armada em qualquer barzito reles da cidade, cujo proprietário era um tal Martin Chowanski. Para saber o resto me achei, minutos depois, no local do crime. Tanto quanto o permitia a excitação do taberneiro, pude apurar o seguinte:

Dispunha-se o homem a fechar a loja quando entrou um indivíduo e, sacando de dois revólveres ordenou com exemplar economia de palavras

— Para cá a massa!

Entre os fregueses que ainda havia no bar — apenas três, aliás — contava-se um polícia á paisana. Lembrando-se das suas funções esboçou o gesto de levar a mão ao bolso, mas o «gangster», sempre na calma, aconselhou-o «a não fazer tolices, senão...». Resignado com o poder das reticências o polícia não teve outro remédio senão entregar-lhe a arma.

Então o agressor transferiu para os bolsos o que havia na caixa registadora — coisa aí de 60 dólares — e sumiu-se num ar que lhe deu.

Nem precisei de pedir qualquer sinal de «gangster». O assalto trazia a clara assinatura daquele vadio do jovem Carpenter. Nunca variava de processos, pelo menos até aquela vez, a 17.ª, posso recordar, se gostam de minucia.

Vinte e seis anos, com um metro e setenta e cinco, oitenta quilos, o cabelo curto com aspecto de escova — eis o «resumo físico» de Ricardo Carpenter. Só «trabalhava» em Chicago e era especialista em assaltos a estabelecimentos de pequena importancia. Aparecia sempre á hora de encerrar (para beneficiar do máximo de receita) e enquanto lhe restava dinheiro nas algibeiras não fazia mal a uma mosca. Pelo ritmo dos seus assaltos chegámos assim a calcular que ele necessitava de uma média de 25 dólares por dia. Se acontecia surripiar por estes meios uns 150 dólares era certo e sabido que ninguém mais ouvia falar dele durante seis dias.

Na minha ficha havia ainda o pormenor seguinte: Carpenter andava pelos 10 anos quando os pais se divorciaram. A mãe, por quem ele sentia verdadeira paixão, educou-o o melhor que pôde, mas, desprovida de recursos, teve de resignar-se a interná-lo num orfanato. Aqui, embora o tratassem convenientemente, ele nunca conseguiu consolar-se desta «falta de afecto». Talvez fosse essa a causa do seu transviamento.

* * *

Estranho rapaz, sem duvida! Chamado ás sortes aos 18 anos, pouco tempo se manteve na tropa: a sua instabilidade era tal que preferiram licenciá-lo. No Exército só lograra aprender uma coisa: o manejo de armas de fogo. Outra curiosa indicação: era louco por musica de concerto. Dedicava todo o dinheiro disponível á compra de microgravações de clássicos!

Em 1951, com 22 anos, começou o seu calvário: é preso por ter extorquido 8 dólares a um motorista de táxi, debaixo da ameaça de uma pistola. Embora a principal testemunha não tivesse a certeza de ser Carpenter o assaltante — como logo a seguir o encontraram com 8 dólares e uma pistola, o tribunal não hesitou em declará-lo culpado e em condená-lo a um ano de cadeia.

Carpenter sofreu um profundo choque e na prisão conservou sempre o maior mutismo, não criando qualquer amizade. Todas as vezes que o visitava, sua mãe levava-lhe bombons e bolos que ele não partilhava com ninguém. Os companheiros de cadeia puseram-lhe então a alcunha do «Menino da mamã» e não cessavam de o perseguir com sarcasmos.

Quando saiu da prisão Carpenter jurou nunca mais brincar com armas de fogo e arranjou emprego como motorista de táxis, a ganhar 80 dólares semanais. Porém, em 4 de Dezembro de 1953, reincidiu. Começou por apoderar-se dum automóvel, que depois desfez em estilhas, e assaltou uma mercearia, onde roubou uma centena de dólares. A partir desse dia nunca mais voltou a casa e nenhum membro da família lhe pôs a vista em cima.

Fora da lei, trazia sempre consigo um par de revólveres e foi acumulando uma lista formidável de assaltos á mão armada. Durante 18 meses, conseguiu escapar, embora uma brigada de Polícia andasse no seu encalço. Assim continua-

(Continua na página central)

Em linguagem moderna esta foto poderia legendar-se desta forma económica: Bb+Pp. na V.V. na C.A. — que se traduz: Brigite Bardot visita Pablo Picasso na casa deste Vila Vallauris, na Costa Azul. A figura de BB pode bem considerar-se uma criação na arte moderna. Talvez seja isso o que lhe explica Picasso

Um castelo e um guarda

Marcel Pagnol contou, um dia, a Marcel Achard, a seguinte anedota:

Quando era miudo, para ir de minha casa até ao comboio de Marselha tínhamos de dar uma volta tremenda, ou então seguir um caminho mais curto. Mas este caminho mais curto passava por duas cancelas que abriam para o parque dum castelo... Lembro-me como se fosse hoje, que minha pobre mãe, meu pai e eu nos esgueirávamos como ladrões, a fim de não sermos vistos pelo guarda, porque, quando nos topava, obrigava-nos a voltar atrás, ao mesmo tempo que nos cobria de insultos. Nestas condições, tínhamos de palmilhar seis quilómetros a mais.

Sempre guardei a lembrança do terror que meus pais e eu sofríamos.

Como morreu ainda eu era jovem, minha pobre mãe, nunca soube que me tornara célebre e rico. Simplesmente, eu comprei o castelo e o guarda — e foi tudo quanto pude fazer em memória de minha mãe.

FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?

O senhor Raposo é funcionário publico em Lisboa. Para cá veio ainda adolescente, terminado que foi o curso de comércio em Aveiro. Casou, criou raízes, que não pôde arrancar mais. «Ficou amarrado de pés e mãos» como ele próprio diz no seu pitoresco linguajar.

Há dias, em conversa, o amigo Raposo falava (entusiasmado como sempre que acontece tornar ao assunto) das belezas da província, do campo, da agra imensa, da surpresa e mistério em cada ninho, em cada fruto arrancado de árvore. Falava da sua Costa, dos passeios a S. Jacinto, dos piqueniques á Vagueira, dos encantos da ria, das romanticas viagens no barquinho á vela... E terminou com um suspiro:

— Ah, meu amigo! Que pena tenho dos que tiveram a infelicidade de nascer em Lisboa, dos que, quando se espreguiçam, tocam com o braço esquerdo em Sintra e com o direito em Cascais.

E tocam muito bem, deve-se acrescentar. Assim o disse Byron e depois dele outros que o têm repetido com insistência. Tirando, porém, as afirmações do Raposo aquele exagero próprio dos sectários, devemos reconhecer que o Alfacinha é fácilmente tentado, quando pretende fugir ao Rossio e aos carros eléctricos, pela facilidade (ou ilusão dela) que lhe oferecem os mais chegados arredores. Para campo e sombras tem a Cruz Quebrada e Loures, Caneças e a linha de Sintra; em praia, contam com a linha de Cascais e a Costa da Caparica.

Longe de nós a ideia de criticar essa tendência alfacinha de se afastar pouco para fora de portas. E'

(Continua na página seguinte)

Crónica de Londres

O crepusculo londrino é lento e derramado, sem aquela cisura abrupta entre o dia e a noite que fecha os poentes na nossa terra. O céu, de um azul vidrado e translucido, esvai-se numa anestesia de cores, que doiram fiapos de nuvens e deixam um cendal de fogo na linha incerta do horizonte. A noite, com o seu primeiro frémito outonal e a brisa magoada destes dias de Setembro, vem de leve, imponderável e cansada, a arripiar as águas esverdeadas do Tamisa, onde poisam barcos de recreio abandonados ao silêncio triste do rio. Guindastes negros, moles pesadas e enfarruscadas da fumaça dos cargueiros amortalham esta paisagem industrial, que é riqueza e oiro, sangue e vida da nação.

A pouco e pouco, como por acaso, acendem-se as insignias dos bares, rebrilham os anuncios lumino-

(Continua na página seguinte)

CRÓNICA DE LONDRES

(Continuação da página anterior)

sos e o néon coroa os edifícios das grandes companhias majestáticas, imensas e inertes nas suas fachadas frias de respiro largo e maciço. Os bancos de portadas cerradas, todas chapeadas de ferro ou de talha lavrada, têm o segredo de um templo e guardam o mistério de uma catedral. Para lá daquele portal enigmático há pavimentos lajeados e bancadas intermináveis, onde sacerdotes de um novo e estranho culto tentam decifrar, numa azáfama constante, os oráculos da Fortuna e o preço de todos os sonhos.

A cidade liberta-se de manso a mais um dia de trabalho. Os teatros e os cinemas luzem num encanto feérico como grandes paquetes de luxo em meio de um largo oceano. Em Trafalgar Square recomeçam a jorrar os repuxos do lago e dois holofotes atiram uma claridade forte á coluna de Nelson. A' volta da praça encontram-se artistas do acaso, vagabundos maltrajosos, de guedelha grisalha e rosto cansado. Sentados no pavimento dos passeios, desenham a giz de várias cores toscas imitações de quadros célebres, paisagens idílicas e marinhas suaves de terras que jamais verão. Outros exploram o franciscanismo inato do povo inglês no seu amor pelos animais e apuram o traço no movimento, na atitude, na carreira e na expressão de felinos de pêlo denso ou de podengos de olho humido e órfão. Ao lado da obra ambulante e efémera, destruida e renovada todos os dias — não vá algum concorrente desonesto apropriar-se do trabalho alheio e do cunho individual do artista — está um boné virado para onde os transeuntes lançam alguns cobres após uma olhadela apressada. Por vezes há uma inscrição breve ao lado do boné esfarrapado, um lamento tímido, mas sincero, um protesto de velho desamparado e aflito com a exiguidade da pensão — «A penny for an old age pensioner».

A' porta dos cinemas faz fila uma multidão de gente nova, que mata o tédio daquele compasso de espera mascando goma elástica. Para quebrar a monotonia arrastada da hora que ali se passa, cortada a espaços pelo vozeirão do porteiro — «três lugares a 5 xelins; dois a sete e seis; só há lugares a dez e seis» —, aparecem os «clowns» ambulantes, artistas de feira ou de circo, cada qual com o seu numero preferido. Dois deles têm um êxito particular com a sua paródia do sultão façanhudo e a odalisca esquiva. Sapateiam, intrometem-se com os condutores de automóveis ou com os passageiros dos táxis, assobiam vorazmente a alguma loira opulenta, que desliza por segundos nas cintilações metálicas de um carro americano, e o seu humorismo plebeu, vulgar, agrada e diverte. Respeitam uma etiqueta curiosa nos apartes disparados ás cenas banais do quotidiano. Poupam sempre o «homem da rua». Mas os seus remoques têm uma tal frescura e sublinham tão bem o aspecto de certas situações, que exercem como que uma acção de catarse no publico que se ri da facécia. Técnica esta, aliás, do espectáculo de «music-hall», de onde vieram quase todos estes artistas, os «buskers». — Um dia, numa hora mal-asada, houve úm «numero» que falhou, uma fractura no salto acrobático, canções que morreram no gosto popular. Depois as portas das agências fecharam-se-lhes e não ficou outro destino senão o da rua. Mas todos sonham com a grande ambição — o maior dia da sua vida! — encontrar um empresário que os contrate e os inclua numa companhia, voltando, assim, de novo ao «music-hall».

E os anuncios sucedem-se, rodopiam numa orgia de cor — vermelho-amarelo-verde — gritando a urgência da Coca-cola ou impondo marcas rivais da bebida nacional — a cerveja. Nos bares de uma luz alourada e fulva faiscam os cristais das prateleiras, e as canecas, rasouradas de espuma, giram permanentemente sobre o tampo do balcão. De pé, quase sempre de pé, os consumidores despejam na goela ávida, e num ritmo que tem qualquer coisa de apressado, canadas do refrescante néctar. A conversa alastra, passa dos pequenos grupos onde se iniciara a meia-voz, algo reservada e tímida, para toda a sala, contagiando e envolvendo num mesmo calor de fraternidade humana esta gente que cá fora veste as maneiras frias com o figurino que o alfaiate lhe talhou. Bebe-se depressa, em rodadas sucessivas, porque a lei inglesa, eivada de pobres ilusões puritanas num país com alto índice de alcoolismo, é severa nas horas de abertura e encerramento. De manhã, até ao meio-dia, e de tarde, depois das três, reina a lei seca, e ás onze fecham irrevogávelmente as portas dos bares e dos «pubs». Isto nos dias de semana, porque no domingo, dias feriados ou de festa, o horário é ainda mais apertado e triste. Aqueles que não se conformam com o rigor casto da lei compram á saída mais umas garrafas, que arrumam no fundo do carro, e continuam em lugar solitário ou apartamento próprio o ritual da noite.

Cá fora começam a esvaziar os teatros e os cinemas, fecham já alguns «dancings», e a multidão estuga o passo a caminho do metropolitano e do autocarro. A vida nocturna de Londres tem o seu quê de distinção de classe social. Os salões de baile populares, que lembram vagamente as nossas pacatas Associações de Recreio, fecham geralmente antes da meia-noite e só em condições especiais — como a noite de Ano Novo ou da Coroação da Rainha Isabel II — prolongam o tempo de abertura. E' um divertimento feito para gente que trabalha e que tem de se levantar cedo. Para os outros há cabarés caros e luxuosos, frequentemente visitados por Norte-Americanos ricos ou oficiais da N. A. T. O., lugares onde uma ceia modesta custa o salário de uma semana a uma dactilógrafa da City. Como compromisso ou solução intermédia, existem os cafés-concertos de Soho, mas muitos deles têm uma tradição equivoca.

Agora a noite cerrou-se por completo e do céu alto e negro flui um luar pálido. Londres vive então a sua grande aventura nocturna nos barzinhos duvidosos, nos clubes suspeitos de onde nos chama, com o seu apelo arrulhado, uma loura de capa lantejoulada e dourados bizarros, nos automóveis que travam silenciosamente á esquina de Hyde Park, nas mulheres elegantes e de olhar listrado que brincam com uma chave no vão das portas, nas raparigas de ar boémio e «jeans», que passeiam ao abandono em Picadilly Street, nos clubes de estores corridos em Mayfair... Londres vive então a sua aventura um pouco por toda a parte á sombra dos homens que fizeram o Império e da mole gigantesca dos Bancos que tecem as malhas do seu destino...

Setembro, 58.

LUÍS REBELO

Fim de semana feliz

(Continuação da página anterior)

mais económico, as deslocações são (ou julga-se, pelo menos) menos morosas e complicadas... E depois, para quem está habituado ao desfiar eterno do rosário das mesmas ruas e dos mesmos becos, qualquer onda marola já o contenta, qualquer sombra raquítica já basta...

Só o desconhecimento quase completo da nossa terra pode levar os de bolsa mais fornecida a escolherem sistemáticamente os mesmos poisos fáceis de todos os fins-de-semana. Em primeiro lugar porque os comboios e as camionetas levam-nos hoje com muita comodidade a qualquer região num raio de 100 quilómetros. Em segundo lugar, estudados bem os horários, a margem de tempo empregado a mais na deslocação acreditem, é quase insignificante.

Por esse motivo, a nossa sugestão para o próximo fim-de-semana chama-se

A Praia da Areia Branca

Situada a 3 quilómetros da Lourinhã, servida, até Torres Vedras, pelo comboio, e ligada directamente a Lisboa por carreiras frequentes de camionetas (custo do bilhete: cerca de 25$00...) a praia da Areia Branca oferece a cada visitante a garantia de um fim-de-semana feliz. O mar, ali, não sendo aquele mansarrão da Arrábida, é leal e colaborante. As ondas nascem longe e estendem-se depois, caprichosamente, pelo vasto areal. Fiquei, eu que lá estive esta semana, impressionado pelo tu-cá, tu-lá com que as crianças de meio palmo tratam o gigante Atlantico.

— Não há memória — disse o sr. Agostinho, banheiro da praia nova — de ter havido aqui algum desastre...

O areal estende-se, a perder de vista, para o Norte e para o Sul. Limitado por falésias altissimas desfruta-se, do cimo delas, um panorama inesquecível para o Norte, o Cabo Carvoeiro, uma infinidade de pequenas povoações, o rio que na foz cria um pequeno lago... E no meio do Oceano, como um transatlantico descomunal ancorado na bruma da distancia, como um gigante marinho que desfalecesse antes de cumprido o sonho de atingir a terra, a ilha grande da Berlengas.

Partindo da capital ás 7 e 40 chega á praia da Areia Branca por volta das 10 horas. Regressará a Penates, se assim o entender, ás 19 horas — e ás 21 e 30 estará novamente em casa. Conta, pois, com muitas horas á sua frente para o banho, para repousar na areia finissima, a reia branca que dá o nome á praia, para dar um passeio nas falésias sobranceiras.

Depois, quando sobrevier o natural cansaço que uma exposição ao Sol quase sempre provoca vai até á Praia Nova, meta-se num barquinho e dê uma volta pelo rio, remando suavemente, romanticamente, ao som de uma canção que todos nós guardamos no alforge para estas ocasiões!

Vá, Alfacinha meu amigo, come-se a partir de agora, a alargar os seus horizontes, a procurar novos motivos e encanto para os seus fins-de-semana. Começando pela praia da Areia Branca, que já anda na boca dos poetas (e acha que os poetas percebem disto!) acredito que não se arrependerá.

CICERONE

P. S. — Volto a lembrar que não se esqueça de guardar no alforge, antes de partir, a tal cançãozinha romantica de que lhe falei acima. E também não será nada mau se, juntamente guardar meia duzia de pasteis de feijão, comprados de passagem, em Torres Vedras. Há-de ver que gostinho bom e diferente encontrará na canção...

C.

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

Era por esta palavra que, na verdade, deveríamos ter começado. Como, porém, não o fizemos — lembrei-me hoje que mais vale tarde do que nunca. Portanto queiram os nossos leitores mandar-nos a melhor definição que encontrarem para a palavra.

EU

Repito: a definição deverá ser curta e simples como um provérbio popular. Além da resposta do vencedor, publicaremos todas as que merecerem, com menção do nome do autor.

As respostas devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 22 de Setembro.

Felicidades e... muito espírito inventivo!

Seguidamente publicaremos as melhores definições da palavra

CAMELO

Em primeiro lugar, evidentemente, a do vencedor desta semana, E. Lass, morador na Couraça dos Apóstolos, 3 — Coimbra:

- **CAMELO: UM ANIMAL SOBRE O QUAL CHEGOU A SER POSTA A TORTURANTE HIPÓTESE DE PODER PASSAR PELO FUNDO DUMA AGULHA...**

Parabéns. E esperamos que não se confirme a hipótese com... os cem escudos.

Agora as definições dos que merecem os parabéns, mas *sem* os *cem* escudos.

- **Camelo é um animal com elevação nas costas ou um homem sem elevação nenhuma.**

Esta resposta pertence a Armando R. Madeira, Rua das Gaivotas, 11-B-2.º-, dir.

Muito mais pessimista é João Salsa, residente na Rua Possidónio da Silva, 158-3.º-dir. Diz-nos com efeito o seguinte:

- **Camelo: com C grande sou eu; com c pequeno é um animal util do deserto.**

Augusto Duarte (Calçada do Rio, lote 4, J.F.U., 3.º-esq. — Algés) salvou-se da chuva ao definir o «*animal da semana*» por estas palavras:

- **«É aquele que atravessa o deserto da Vida, sem se aperceber da carga que transporta.»**

Bastante tradicionalista (ou zoologista) é Manuel Augusto Baptista Rosa, de Lisboa (Calçada do Aljube), que ainda se lembra que o camelo sofre muito bem a sede. Escreve:

- **«É o animal que mais tempo aguenta sem beber. Justamente por ser camelo».**

Boaventura da Silva Santos, da mesma terra do vencedor (Rua da Alegria, 45) considera que o Camelo

- **É um marreca incorrigível que nem com a ginástica a que os árabes o têm submetido, se consegue indireitar.»**

E como não temos espaço para mais transcrições lembramos apenas a definição de Fialho de Almeida:

- **«No nosso País, quando um homem chega a camelo tem bossa para tudo...»**

Está certo.

O LIVRO DA SEMANA

Foi com o coração opresso que Cristina Lavransdatter transpôs o limiar da casa do marido. O seu lar. Lembrava-se, com uma atroz nitidez das condições em que casara, da desobediência aos pais, do abandono do noivo oficial. Sentia vergonha de tudo o que fizera, agora que ia viver numa terra estranha, entre gente estranha, com uma parca experiência de 17 anos, dirigir imensos criados, educar os enteados. Que angústia! Tinha gritado ao pai: «ou Erlend ou ninguém». Ganhara Erlend; era ele que a conduzia pelo braço e a apresentava a toda aquela gente desconhecida, criados e nobres da terra.

Encontra uma casa e imensas propriedades ao abandono. Muita coragem precisa para endireitar aquilo tudo. Os Invernos sucediam-se, ritmicamente; e cada uma ouvia um novo choro de criança. Assim vieram ao Mundo sete filhos que Cristina amava loucamente. Mas Erlend continuava o mesmo homem irreflectido, leviano, irresponsável. A vida era difícil, com ele. E tanto mais difícil, quanto Cristina não conseguia esquecer o passado tenebroso (veja-se «A COROA», 1.º volume da Trilogia). Bem se entregava a esmolas e a penitências. Mas as superstições eram muitas e pesadas. Ela receava que os pecados do pai e os dela própria, caissem sobre as cabeças dos filhos. As disputas nasciam a cada passo.

Erlend, com a sua irreflexão natural, procura a fuga nos braços de uma mulher que, preversamente, o denuncia como conspirador contra o rei da Noruega. Preso, é julgado e condenado. Confiscam-lhe os bens. Cristina refugia-se com os filhos na casa que herdara dos pais. Leva uma vida dura, mais de cuidados morais que materiais. Sofre e espera nem sabe bem o quê.

E' Simão — o antigo noivo — casado agora com a irmã, quem procura auxiliá-lo. O antigo amor que tivera por ela não morrera; antes, é agora mais vivo e ardente. As tentações parecem-lhe terríveis. Afoga o ciume e o despeito, que a ternura de Cristina pelo marido acordam, violentamente, nele. Quando está quase a sucumbir àquele amor proibido que recalca mal, vai visitar Erlend á prisão. A' vista daquele corpo retalhado pelas maiores torturas físicas, por não querer denunciar os nomes dos cumplices, daqueles olhos pisados e mortiços, daquela febre que devora o cunhado, Simão, homem do campo, honesto e bondoso, revolta-se e jura salvá-lo. Vai até ao rei, que desafia. Erlend, que ele sempre desprezara e invejara, parece-lhe, agora, um Homem. Admira-lhe a coragem e a dedicação a amigos que se escondem na sombra e confiam nele e cujos nomes ele jurou levar para o túmulo. Nem o saber os filhos na miséria, nem a dura vida de Cristina, nem o seu amor por ela, o levam a esquecer um juramento sagrado de fidelidade.

Simão, levado pela admiração e por uma imensa honestidade, dá-lhe a mão. E salva-o. Erlend volta a casa envelhecido, alquebrado, mas de consciência tranquila. E coração apaixonado.

...Este é, em poucas palavras, o enredo do belo romance de Sigrid Undset que a PORTUGALIA acaba de editar. Intitula-se «A ESPOSA» e é o segundo volume da trilogia «CRISTINA LAVRANSDATTER», romance a todos os títulos recomendado para um bom fim de semana. (Primeiro volume da Trilogia: «A coroa»; terceiro «A cruz»).

OS DISCOS DO FIM DE SEMANA

SAUDADES DA ILHA — por Max

disco Columbia SEGC 31, 45 rotações EP

Cha-Cha-Cha em Lisboa — Saudades da ilha — O valentão — Mas sou fadista

Num meio musical-ligeiro tão restrito como é o nosso, a perda, ainda que temporária, dum talento como o de Max, ausente nos E. U., é sempre um motivo de mágoa.

Graças a um «extended-play» há pouco publicado, podemos renovar o prazer de apreciar este artista numa bela demonstração de versatilidade.

No novo disco da Columbia Max intepreta explendidamente quatro numeros de caracteristicas diferentes de forma diferente. Os acompanhamentos, pela orquestra e pelo conjunto de Helder Martins, são autêntica revelação para nós. São «limpos» e têm verdadeira classe. A orquestra acompanha, de facto, nunca esmagando, antes realçando sempre, o papel do artista. Parabens Helder!

LISBOA DA BEIRA-MAR — por Maria Pereira

disco His Master's Voice, 7EGC 13, 45 rotações EP

Fado da Moita — Campino e cantadeira — Lisboa da Beira-mar — Chico Mendes, olé!

Maria Pereira é, na verdade um «caso» da nossa canção popular. Possuidora duma das vozes mais discutidas no meio fadista, tem uma personalidade forte que sempre nos atraíu. A agudeza-suave da sua voz evoca o caracteristico «fado-castiço», que brotava, a altas horas, das gargantas rasgadas dos fidalgos «doutros tempos» e das Severas de sempre.

Se bem que não comprendamos certos «modernismos» despropositados no acompanhamento (caso de «Lisboa da Biera Mar»), achamos recomendável este disco em que destacamos os numeros «Campino e cantadeira» e «Fado da Moita».

Discos publicados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Ld.ª Rua Nova do Almada, 97

Viagem breve ao [illegible] (2)

Por ALFREDO BRÁS

(Continuação do número anterior)

Recomeçaremos esta nossa digressão pelo mundo da poesia, interrompida no numero anterior para falar-vos de mais alguns dos nossos poetas modernos.

Não queremos esquecer Miguel Hernandez, que foi guardador de cabras, morreu num cárcere e disse «Yo empuño el alma cuando canto». E como omitir Pablo Neruda, o maior poeta que, depois de Ruben Dario, a América hispânica viu nascer e que escreveu sobre o seu continente o mais extraordinário poema épico do nosso tempo? Escutai este pequeno fragmento da comovida saudação dirigida pelo poeta chileno á sua pátria e pensai se poderá haver poesia mais bela e mais fremente:

«Pátria, pátria minha, a ti regressa [o meu sangue.
Mas peço-te, como um filho cheio [de pranto pede á mãe:
Acolhe
esta guitarra cega
e esta fronte perdida.
Sai a procurar-te filhos pela terra,
sai a erguer vencidos com o teu [nome de neve,
sai a erguer uma casa de madeira [pura
e a levar a tua estrela aos heróis [feridos».

.....

Não podemos deixar de falar de Nicolás Guillén, o grande poeta negro nascido em Cuba, autor desse magistral poema intitulado «Sabás», onde vibra toda a angustia e toda a revolta da sua raça perseguida.

Impossível também olvidar Nazim Hikmet, poeta universal nascido na Turquía, que num desses belíssimos poemas enviados da prisão a sua mulher, escreveu:

«Estou entre os homens, amo os [homens
Amo a acção
Amo o pensamento
Amo a minha luta
Tu és um ser humano na minha luta
Amo-te».

Temos de nos referir ainda a Maiakowsky, cujo temperamento lírico contido pelas circunstancias se confessou desta maneira admirável:

«Teria preferido dar-vos rimances,
Mas dominei-me pondo o pé
Sobre o pescoço do meu próprio [canto!»

Recordaremos o nome de Marcel Thiry, o grande poeta belga tão injustamente desconhecido entre nós, que proclama num dos seus poemas a intenção de «tentar a aventura de merecer ainda o seu nome de homem».

Queremos falar-vos um momento de Carlos Drummond de Andrade, o poeta brasileiro que mantém uma atitude tão firme, decidida e discreta diante da poesia («é toda a minha vida que joguei») e da vida:

«alguns achando bárbaro o espec- [táculo
preferiram (os delicados) morrer.
Chegou o tempo em que não adian- [ta morrer.
Chegou o tempo em que a vida é [uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação».

Dentre tantos notáveis representantes da nossa actual poesia limitar-nos-emos a três poetas, não talvez os maiores, mas certamente dos mais representativos da corrente neo-humanista. Falaremos primeiro de Miguel Torga, cuja poesia constitui um elo de ligação entre o desumanizado egocentrismo das gerações do «Orpheu» e da «Presença» e o humanismo consequente das novas gerações. Colocado, por formação e até por temperamento, entre as duas correntes poéticas, Torga oscila continuamente entre a esperança e o desespero, situando-se a sua poesia numa posição que um lucido crítico já classificou de «desespero humanista». Parece-nos, no entanto, que nunca poderá tender definitivamente para o desespero uma poesia que afirma desta forma a sua confiança no futuro:

«Passo a noite a sonhar o amanhe- [cer.
Sou a ave da esperança.
Pássaro triste que na luz do Sol
Aquece as alegrias do futuro,
O tempo que há-de vir sem este [muro
De silêncio e negrura
A cercá-lo de medo e de espessura
Maciça e tumular;
O tempo que há-de vir — esse de- [sejo
Com asas, primavera e liberdade;
Tempo que ninguém há-de
Corromper
Com palavras de amor, que são a [morte
Antes de se morrer.»

Outro dos modernos portugueses por nós escolhidos é Eugénio de Andrade, poeta que ama sensualmente a vida e a ela procura entregar-se com voluptuosa alegria. Mas o autor das «Palavras Interditas» bem sente com a infelicidade alheia ergue uma intransponível barreira a toda a tentativa de felicidade pessoal dos poetas e, justamente por isso, ele sonha com «um país vivendo em liberdade / aureolado de trigo e de alegria». Eugénio de Andrade sabe bem quais são as forças que impedem a urgente realização do seu grande sonho de homem e de poeta e denuncia-as neste poema lapidar:

«E' urgente o amor,
E' urgente um barco no mar.

E' urgente destruir certas palavras
ódio, solidão e crueldade,
alguns lamentos,
muitas espadas.
E' urgente inventar alegria,
multiplicar os beijos, as searas,
é urgente descobrir rosas e rios
e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz
impura, até doer.
E' urgente o amor, é urgente
permanecer.

O restante dos três poetas é Alexandre O'Neill, sem duvida um dos mais humanos, lucidos e perfeitos da nossa actual poesia. Poeta fugido dos estreitos caminhos pessoais do desespero para a larga estrada da fraternidade, ele procura hoje o amor no meio dos homens e sabe exactamente o que procura:

«...o amor,
Não o que destrói, o que não é amor,
Não a furia dos corpos quando tro- [cam
Desespero por desespero,
Não a suprema tristeza de existir,
A obscena arte de viver,
A ciência de não dar e receber,
Mas o amor que se traduz
Pela bondade, a confiança,
A pureza, a fraternidade,
A força de viver, de triunfar da [morte,
De triunfar da Sorte,
A vertigem de conhecer
Necessidade e liberdade!

Queriamos falar de poesia e, afinal, só falámos de poetas. Não estamos disso repesos porque julgamos que só pelo contacto com eles, e não pela leitura de tratados de versificação, poderá o amigo leitor chegar a conhecer o verdadeiro significado desta palavra poesia. Repetimos, no entanto, o nosso aviso de que é indispensável amar a vida e os homens para atingir esse conhecimento. Em poesia não é de forma alguma indiferente a distinção entre os que, sentem a honra de ter dito «nós, os homens» e aqueles outros que, como escreveu Vasco Miranda, «...em face da vida e da morte/Fumam silenciosos o cigarro do tédio». A voz do poeta terá de erguer-se num canto esperançoso e fraterno para que possamos afirmar, como Gabriel Celaya, que

«Enquanto haja na Terra um só [homem que cante
permanecerá uma esperança para [todos nós».

ALFREDO PINTO BRÁS

Inocentes e culpados

Estamos habituados a ver na América do Norte a fonte natural e indiscutível de todas as notícias estravagantes. Ficarão, talvez, decepcionados quando souberem que *esta* não se passou nos domínios do Tio Sam, mas sim na africana Monróvia, capital do Estado Livre da Libéria.

O funcionário publico Samuel Gibson foi acusado de esbanjamento nos dinheiros do Estado. Após laboriosas sessões judiciais, Samuel viu reconhecida a sua inocência. No próprio momento em que era posto em liberdade, os onze jurados que haviam assinado o veriditum davam entrada na prisão enquanto se aguardava o resultado de um inquérito...

Apontamentos para os tempos futuros

TEM, na realidade, qualquer coisa de extremamente trágico o desespero que tantas vezes e em tantas épocas da nossa História se fecha como uma jaula de ferro sobre o intelectual português — escritor, ou pintor, filósofo ou historiador ou mesmo cientista. Não é o **Desespero Humano** dum Soren Kierkegaard — frustação dum homem erguida a universal; é outra coisa ainda pior — aquela dor que não é dor, mas é «moinha» e se instala no corpo, na pontualidade implacável de todos os segundos, e na eternidade do que não dá tréguas.

ESTE desespero por muito generoso que seja, não tem fôlego para esbracejar nas altas regiões da estratofera metafísica; é, pelo contrário, terra a terra, e denuncia-se no que mais pode enraivecer o homem (se o é...) — na sensação de impotência, na alienação que o leva a repetir indefinidamente «que é inutil», «que não vale a pena»...

FOI ISTO o que me disse o nosso comum Amigo D. F. quando outro dia o visitei com imensos projectos de acção nas algibeiras. E quando o contrariei com todo o optimismo, ele, talvez contaminado pelos cripto-filósofos que hoje se entretêm a pesquisar a escondida essencia da «alma portuguesa» — respondeu-me com grandes erudições históricas, «que isto era próprio da raça» e que nada havia a receitar.

VOCÊ pergunta-me que «erudições» eram aquelas. Já lhe digo. Primeiro a debulhadora intelectual da Inquisição, tirando-nos, durante séculos, o apetite de pensar; depois a «apagada e vil tristeza» de que falava o Poeta, o exílio pseudo-voluntário de Herculano, o suicídio de Antero, a expiação queiroziana das «Cidades e Serras» — enfim, uma auto-demissão secular.

ESTRIBADO nestes e quejandos exemplos, o nosso Amigo resolveu que não vale a pena pensar, escrever, agir. Diz que ninguém nos compreende, que é prégar no deserto. Estou confiado em que Você não aceitará este programa, embora, como eu, sinta a sua dolorosa realidade. Nos tempos de crise que nos doem, tal atitude vai-se generalizando, ou com o rictus do medo, ou com o olhar furtivo da incerteza, ou naquela franca confissão de que não vale a pena remar contra a maré. Um dos nossos monarcas parece ter exprimido esta angustia de forma verdadeiramente soberana — desculpando-se com a «Piolheira»... A palavra podia, em grande parte, ter servido de dístico á bandeira dos «Vencidos da Vida» — outro exemplo que D. F. me disparou.

O MAIS extraordinário porém é que, no mesmo prédio, no quarto do lado, apenas separado por indiscreto tabique, há quem espere que a messianica «Filosofia Portuguesa» (secreção endócrina) venha salvar o Mundo e dizer a ultima palavra em matéria pensante. A atitude não é tão oposta de desespero como á primeira vista se nos afigura. E também um desabafo negativo que se evade das condições terrenas para prometer a todos nós três palmos de terra lá na lua...

O INTELECTUAL português — desde o desespero que já se paragrafava na obra de Duarte Pacheco Pereira ou de D. João de Castro — vive encurralado entre dois extremos que quase se tocam: um é o enorme peso geográfico e humano duma paisagem camponesa e primitiva que não alimenta um diálogo de cultura; o outro é a falta de livre-transito criador, é o tilintar da férula censória, é o arrastar de pés na estreita vereda das ortodoxias. No primeiro caso, o intelectual da nossa terra é um homem isolado, que se esfalfa a correr a distancia dos 3.000 exemplares nos caminhos da prosa, ou a sprintar os 200, se se dedica á poesia (para não falar já nas obras de pensamento, destinadas a ficar em ambiente de família...). No segundo caso, separado do publico por uma tesoura, e condenado a censurar-se a si próprio, o escritor, o intelectual é uma espécie de judeu errante que jámais consegue enraizar...

A flor do desespero

NÃO FOI, porém, este o ambiente que sempre prevaleceu. A notabilíssima figura de pensador que é o professor doutor Joaquim de Carvalho chamou a atenção para um facto demasiado significativo: os grandes romanticos (Herculano e Garrett, por exemplo) foram viris, mesmo nas agruras do exílio. «Mesmo nas agruras do exílio» — desculpe-me que lhe repita. Faço-o para melhor lançar esta interrogação: PORQUÊ?

PORQUE se sentiam intérpretes duma causa nacional. Porque a militancia civil os irmanava a todos os seus compatriotas. Porque confiavam no futuro que estavam ajudando a criar. E nada havia que os tolhesse — ou o medo, ou a morte, ou a miséria. Estas razões valem muito. Eu acho bem continuarmos a não acreditar nos defeitos da raça...

DIÓGENES

NIJINSKY

O deus da dança (3)

Antes da estreia da «Tarde dum mauno» — escreve Jean Cocteau — Nijusky surpreendeu-nos durante alguns dias com os movimentos de cabeça num torcícolo. Diaglulew e Balist inquietavam-se, interrogavam-no, não obtinham qualquer resposta. Soubemos depois que ele se treinava com o peso dos cornos do fauno.

A meticulosidade de Nijusky no estudo deste seu bailado não conheceu limites. Começava por ficar sózinho, longas horas, na escuridão, reflectindo e concentrando-se na eminente criação. Depois trabalhava com os bailarinos, como escultor com a pedra ou o pintor com as tintas.

A estreia, em 29 de Maio de 1912, foi uma confusa mistura de pateada e de aplausos, nestes intervindo, com o seu prestígio, o grande escultor Rodin. Por fim o bailado impôs-se, e a emoção provocada durou muito tempo.

Este êxito convenceu Diaglulew dos talentos do seu novo coregrafo, o que fez com que Dokene se afastasse, pesaroso.

As seguintes criações coregráficas de Nijusky foram os «dogos» com musica de Debussy e o «Rito da Primavera», segundo a partitura de Strawinsky. Este ultimo provocou uma autêntica tempestade em Paris. No meio de assobios e de pateada ensurdecedora, os bailarinos levaram até ao fim a genial coregrafia. Na plateia a algazarra degenerou em luta. Maurice Ravel e amigos sustentaram, aí, os direitos duma nova arte que surgia.

No fim do espectáculo, Diaglulew, Nijusky, Shawusky e Cocteau passearam de trem, pelo Bosque de Bolonha, até ao amanhecer...

Com a criação do «Rito», o novo corégrafo realizou-se a si mesmo, tornou-se intelectualmente adulto, tem ideias próprias e seguras. Atingiu, como disse Whitworth, «a glória daquele que, talvez mais do que nenhum outro homem vivo, criou beleza para a sua geração».

Em 15 de Agosto desse ano os Bailados Russos embarcam para a América do Sul, sem Diaglulew, que tem medo das travessias marítimas. Livre da constante presença do empresário, Nijusky torna-se mais sociável. É assim que a gentil hungarazinha, Romola de Pulsy — há muito apaixonada pelo grande bailarino — consegue aproximar-se dele. No fim da viagem, casam. A cerimónia realizou-se em Buenos Aires, em 10 de Setembro.

Felicíssima, Romola descobre que o bailarino e o marido são duas entidades completamente diferentes. Ao entrar no camarim Warlaw transforma-se, não ouve ninguém, torna-se para a esposa apenas um professor ou um colega. A pequena Hunra adapta-se perfeitamente e vive dez semanas de profunda felicidade.

Diaglulew, autócrata da dança, e que não perdoou ao bailarino e corégrafo genial o ter-se casado; e arranjando um pretexto desliga-o da Companhia. Nijusky a princípio não acredita. Depois, enfrentando a situação, cria a sua própria Companhia de Bailados. Era, porém, um fraco administrador que se perturbava com o problema simples de comprar um bilhete de comboio. Depois dum insucesso financeiro em Londres adoece. Em Viena (Julho de 1914) nasce-lhes a primeira fila —Kyva — mais tarde esposa do compositor Igor Maskevitch e também grande bailarina. Quando o casal e a menina se dirigem para a Russia rebenta a guerra. Presos em Budapeste, ficam com residência fi-

A guerra produz profundas perturbações na sensibilidade do grande artista. Diz á mulher: «Esta desgraçada guerra, onde tantos milhões de seres humanos perdem a vida, anuncia uma nova fase da ordem social. Não haverá vencidos nem vencedores. Na guerra, só a natureza humana é de censurar. Não teremos paz enquanto não ficar entendido que todos somos iguais, todos autorizados a viver em condições humanas, todos destinados a contribuir para a melhoria da espécie... Esta guerra não terminará com o cessar das hostilidades».

Entretanto, como todos os grandes homens, procura criar alegria para os seus semelhantes e trabalha na coregrafia de Till Ulenspiegel (musica de Ricardo Strauss). As influências que entretanto se movem em seu favor (entre as quais as de Diaglulew, que compreende que os Bailados Ruuso não conseguem vingar sem Nijusky) — conquistaram a sua libertação. Em 1916 estreia-se na Opera Metropolitana de Nova Yorque com êxito assombroso. Depois é uma esgotante digressão por toda a América, finda a qual se dirige a Espanha, a convite de Diaglulew. Aqui prendem-no por ordem do empresário, pois tenta libertar-se do contrato.

No ano seguinte volta á América do Sul. Aí estranhas coisas sucedem. Nijusky sente-se perseguido. É primeiro uma enorme massa de vidro que se prespende no palco no sítio exacto onde, dois segundos antes, ele estivera. Outra vez é só o tempo de despedir um salto no momento em que grossas peças de madeira desabam. Finalmente antes duma representação da Petruchka, verifica — «e fá-lo verificar por toda a Companhia consternada — que o cenário em que deve pendurar-se a grande altura, no fim do ultimo acto, não está preso: esquecimento que, se não fosse descoberto a tempo, provocaria infalivelmente uma queda terrivel».

Quem seria? Eis um mistério que nunca se esclareceu. Entretanto a digressão prossegue. É no Uruguai que dá o ultimo espectáculo na América e também o ultimo espectáculo que para todo o sempre dará num teatro.

De volta á Europa fixa-se em São Moritz, na Suíça.

Pensa criar uma Escola de Dança. Chega 1918. Fim da guerra. Da Russia chega a notícia de que o irmão morrera num incêndio, num asilo de alienados.

É por essa altura que o comportamento de Nijusky começa a transformar-se. Torna-se silencioso. Ainda dá um espectáculo de beneficência no Hotel Suorete. Mas já aí reage de forma estranha.

O desenlace foi precipitado pelos sogros que desastradamente o levam a um manicómio. O professor Bleuler, consultado em 1919, não dá qualquer esperança.

Assim mergulhou nas trevas da loucura um dos mais portentosos mensageiros de beleza que o Mundo conheceu. Aos 29 anos. Viveu depois mais trinta e um — mas chama-se a isto vida? Era uma pobre criancinha obediente e bondosa que uma apaixonada mulher tratava com desvelos comovidos.

A guerra de 1939-45 veio encontrá-los de novo na Hungria, onde fogem aos nazis que decretam a execução de todos os alienados mentais. Romola consegue escondê-lo. Muda várias vezes de residência. Veio o fim do tormento e dirigem á Inglaterra.

Na manhã de Sexta-Feira Santa, em 8 de Abril de 1950, Nijusky concentrou toda a sua energia no longo olhar de ternura com que iluminou a sua dedicada Romola. Depois adormeceu para sempre. Na morte seu rosto ganhou uma beleza maravilhosa em que a graça parece como que marcada para a eternidade.

Fim da condensação de «A Vida de Nijusky», por Françoise Reiss, Edição de ESTUDOS COR. É o 4.º volume da notável colecção «DESTINOS», a que pertencem as seguintes biografias: «Vida de Van Gogh», «Vida de Dostoiewsky» e «Vida de Toulouse Lautrec».

A VIDA QUOTIDIANA EM

Há 138 anos — As p

por Augusto da Costa Dias

Porto—3 de Dezembro de 1820

Naquela manhã de 3 de Dezembro de 1820 a liberal cidade do Porto, berço da Revolução, foi alvoroçada com o ruído de muitos pregões e o toque solene de tambores. Os pregões anunciavam a afixação do edital que estabelecia a data do início das primeiras eleições portuguesas.

Dificilmente, como se pode presumir pelos tempos de hoje, os homens encarregados de colar o Edital se desempenharam do seu ofício: o povo afogava o cerco á sua roda, cada vez mais compacto, cada vez mais pesado; um ou outro cidadão mais expedito aproveitou o aperto para se erguer ás cavalitas dos restantes: assim melhor podiam ler o que no Edital se achava escrito e querendo retribuir ao povo a elevada situação que lhe deviam, em voz alta reproduziram os dizeres oficiais:

«O doutor Miguel Martins de Deus Pereira e Mello, do desembargo de Sua Magestade Fidelíssima, e seu juiz de fóra do cível com alçada e predicamento de correição ordinária n'esta cidade do Porto e seus termos, etc.

Faço saber que, em consequência das ordens que me foram comunicadas pela secretaria d'estado dos negócios do reino, em data de 22 de novembro do corrente ano, se devem fazer no dia dez do presente mês convocação das juntas das sete freguezias paroquiais desta cidade, para nelas se proceder á eleição dos compromissários e eleitores; e para que isto se faça conforme ás instruções que pela dita secretaria se me dirigiram, é necessário que no dito dia dez, pelas oito horas da manhã, se achem reunidos todos os cidadãos domiciliados (compreendidos os clérigos regulares) e residentes em cada uma das ditas freguezias nas suas respectivas igrejas paroquiais, á excepção, porém, dos que pertencem á freguezia de Santo Ildefonso, que estes se reunirão na praça do concelho, a cuja junta serei eu o presidente; nas demais freguezias serão as juntas presididas cada uma por um dos ilustríssimos vereadores do senado da camara. A importancia deste negócio por si mesmo se recomenda; e quando se trata do bem geral da nação e do interesse publico e particular, têm todos obrigação de cooperar para ele; e por isso é de esperar que no dia e hora marcada nenhum falte a tão sagrados deveres; assim como em tais ajuntamentos se mantenha a boa ordem, o maior socego e tranquilidade.

A mola humana começou a agitar-se; estalou um viva, logo defendido por inumeras bocas: e este espectáculo seria repetido em todos os locais onde se afixara o Edital. A cidade na qual triunfalmente vingara a Patriótica Revolução de 1820 — ia ser posta á prova, ia eleger, primeiro, os representantes das suas freguesias, depois, os da comarca, que representariam a cidade e seu concelho nas juntas provinciais de eleitores. Como vimos nos anteriores artigos, eram estas ultimas que escolhiam os deputados ás Cortes Constituintes.

A 10 de Dezembro, portanto, os eleitores acorreram ás urnas. Os resultados obtidos nas freguesias eram bastante reveladores, pois a maioria dos representantes escolhidos pertencia á classe média. As velhas classes dirigentes absolutistas começaram a sentir que os ventos lhes não corriam de feição.

A consciência da legalidade

Constituida a Junta eleitoral das freguesias do Porto — começa no dia 17 a eleição da Junta da Comarca, isto é dos delegados do concelho do Porto á respectiva província (Minho). A cerimónia prolongou-se até ao dia 22, data em que, na escolha do 17.º eleitor, ocorreu um significativo acontecimento: dos dois concorrentes em escrutinio, o Desembargador João Ribeiro e Vasconcelos, presidente da Junta dos Eleitores de Freguesia, obtivera 45 votos e António Pedro Gonçalves, 36. Ao comunicarem-se os resultados, este ultimo declarou que cedia a sua posição em favor do presidente e rogava a todos que o coajuvassem na sua determinação. A Assemblei aplaudiu, mas alguns eleitores opuseram que não era legal essa desistência e que cumpria repetir a eleição até se conseguir um resultado definitivo (metade dos votos e mais um). Era notável esta atitude que bem revelava a existência de uma nova mentalidade na vida política do País: após um passado arbitrário em que a vontade dos poderosos ou dos que á sua sombra medravam, não conhecia limites — surgia a consciência cívica da legalidade: «a lei representa a vontade geral da nação, é igual para todos e tem de se cumprir».

Terminda a escolha dos Eleitores de Comarca, todos eles se dirigiram á Sé para ouvir um solene «Te-Deum». A' saída do templo, e no trajecto através das ruas do Porto, o povo rodeou e acompanhou em delirante entusiasmo os seus representantes — na verdade, homens de grande probidade e prestígio. Todo o dia os sinos repicaram e á noite houve iluminações publicas, fogo de artifício e concertos musicais. As eleições eram vividas como grande e festiva data popular.

Viva o Restaurador da Pátria!

Dias depois começaram a chegar ao Porto os Eleitores das Comarcas do Norte, pertencentes á província do Minho. O povo da cidade recebeu-os entusiásticamente e aguardou com ansiedade o resultado das eleições. Venceria de novo a corrente liberal? Ou vingaria o peso de alguns séculos de absolutismo?

No dia 26 de Dezembro sairam eleitos os primeiros quatro deputados: o arcebispo da Baía com 40 votos, o vice-reitor da Universidade de Coimbra, José Pedro Costa, com 38 votos, o portuense dr. José Rodrigues Bastos, com 53 votos, e José Ferreira Borges, advogado e secretário da Real Companhia dos Vinhos do Alto Douro, com 47 votos.

O MENIN

(Continuação da 1.ª página)

ram as coisas até ao trágico dia de Agosto de 1955, em que o meu bom amigo, o inspector Murphy, especialista em casos de assalto á mão armada, e que assistira a todas as nossas conferências sobre o «caso Carpenter», tomou o Metro, a caminho de casa, e de subito, enxergou o jovem bandido. Imediatamente se lhe dirigiu e prendeu-o. Na estação Roosevelt Road e na State Street, fê-lo descer do Metro e, para estar bem certo da sua identidade, tirou uma fotografia do fugitivo que sempre trazia no bolso.

Carpenter aproveitou a aberta e disparou sobre o inspector, que tombou redondamente morto. A foto caiu para o chão e Carpenter de pistola em punho, pôs-se em fuga. Aproveitando uma suspensão de transito, em frente de um sinal luminoso, tomou um carro e, puxando da arma, ameaçou o motorista:

— Acabo de matar um homem e matar-te-ei também se não me levares onde te disser.

Apavorado, o pobre motorista (um tal Koerper) conduziu o assassino até ao coração de Loop, um bairro popular de Chicago. Carpenter saltou, então, do carro e perdeu-se na multidão.

Koeper contou ao primeiro agente que encontrou o que lhe acabava de suceder. Os novos especialistas de antropometria examinaram o carro e tiraram as impressões digitais. Tratava-se, sem duvida, de Carpenter. Carpenter matou um polícia; no seu triste caminho, menino perturbado por uma infancia infeliz, cometia o primeiro assassinio. Agora tinha os serviços de segurança de uma cidade inteira no seu rasto...

Três dias depois desta trágica ocorrência, o agente Kerr e sua mu-

Não ria com RISO AMARELO.
Ria com o RISO BRANCO E SALDÁVEL da [illegible]

PAGINA DA

DUAS BLUSAS

De qualquer tecido leve se faz uma blusa graciosa para usar com sáias lisas de «rioplex», tal como são apresentadas por estes modelos parisienses. A incerteza do tempo, aliás, não invalida a sua actualidade, pois ficam bem, até com uma saia e casaco do mesmo tecido

E' múltipla a utilidade do amoníaco

O amoníaco misturado com uma pequena porção de água muito quente limpa as golas dos vestidos e casacos que se apresentem engorduradas. Não deve, porém, utilizar-se nos tecidos de seda.

*

Para limpar os quadros pintados a óleo prepara-se uma solução com uma colher de amoníaco e quatro litros de água quente. Embebe-se uma flanela nesta mistura, escorre-se e passa-se com ela a parte manchada do quadro.

*

A limpeza dos vidros faz-se muito facilmente com água e amoníaco.

*

Misturando-se uma colher de amoníaco puro com dois decilitros de água, obtem-se um bom ingrediente para a limpeza das jóias e pratas que devem, depois, ser passadas por água limpa.

*

Os pentes e escovas do cabelo ficam bem limpos se os mergulharmos em água com dez por cento de amoníaco.

*

O amoníaco é um bom dissolvente da goma laca e da caseina.

*

Para atenuar o cheiro do amoníaco em estábulos ou fábricas onde as suas emanações sejam incomodativas, dá bom resultado colocar-se no chão uma vasilha de barro ou porcelana vidrada contendo cerradura embebida em ácido sulfurico diluido em água.

A mais pequena

Vestido de «voile» de lã para menina de 3 a 5 anos. E' publicado a pedido de uma leitora do «Diário de Lisboa».

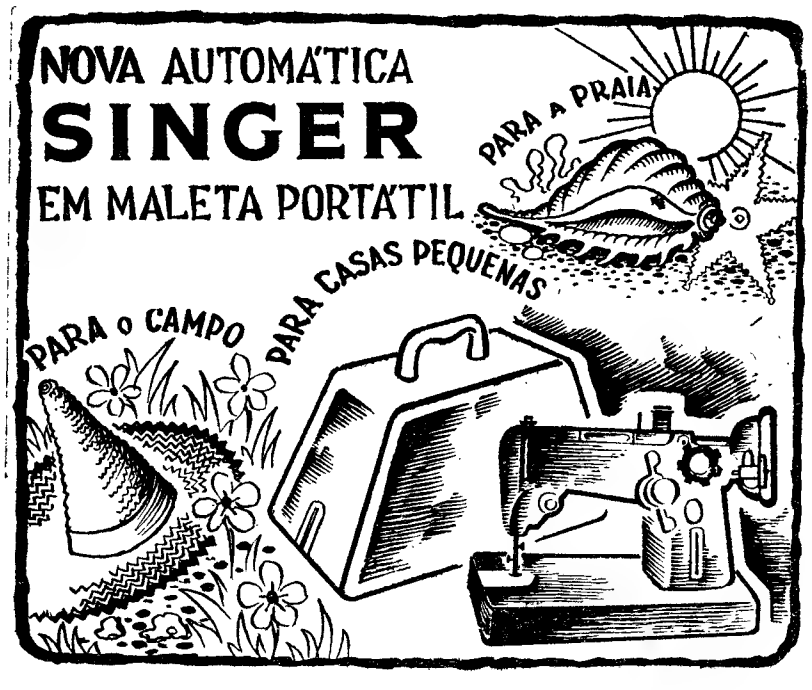
ELES... ELAS

E A VERDADE

A melhor coisa que uma mulher pode fazer a um homem é fingir que acredita naquilo que ele diz.

*

Queres dar a uma mulher ocasião e mentir? Pergunta-lhe em que está a pensar.



OS DITADORES DA MODA

Yves Mathieu Saint-Laurent lançou a «linha arco»

Calmo, elegante e espiritual, este jovem criador de modas, nunca pensou, certamente, em que a sua celebridade fosse atingida aos 22 anos apenas. Tinha 18, quando entrou para a casa Dior como desenhador, apresentado por Michel Brunhoff, director da «Vogue», depois de ter sido premiado num concurso de desenhos para «toilettes» femininas.

A morte de Christian Dior trouxe-o para o primeiro plano e encheu-o de responsabilidades que, pelos vistos, sabe tomar a seu cargo.

Yves Saint-Laurent criou para a moda outonal a «linha arco» dando á mulher uma silhueta arredondada que vai desde a copa do chapeu á orla das saias de balão.

Os ombros são alargados e as mangas impõem-se pelo corte, principalmente nos casacos.

Inesperadamente, na sua colecção, as saias passaram a estar afastadas do solo 36 centímetros — o que equivale a dizer que subiram mais um bocadinho...

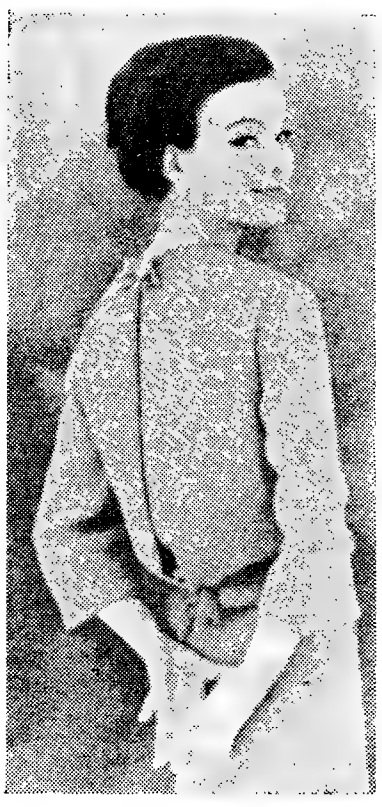
Yves Saint-Laurent inspirou-se na época Renascença ao criar a moda para o Outono-Inverno 1958-1959. Ao idealizar os vestidos e casacos, estavam presentes na sua imaginação, as mulheres de Pisanello e de Carpacio. Tal como estes pintores venezianos, Saint-Laurent vestiu a mulher de longos trajos ricamente bordados com ouro e prata, dando-lhes largos decotes quadrados.

Os seus «tailleurs» apresentam os casacos muito curtos com mangas largas. As golas, imensamente grandes, são, em alguns modelos, todas trabalhadas em nervuras, pregas ou franzidos, podendo, devido ao seu volume, subir ao rosto, até o ocultar.

A grande variedade na linha dos seus vestidos dá-nos as seguintes caracterlsticas: busto alto, posto em grande destaque e ombros muito alargados.

Os casacos dos «tailleurs», curtíssimos, são ajustados, na frente, por cintos com fivela revestida que partem a 12 centímetros das costuras laterais. Para estes conjuntos preferiu Saint-Laurent o tecido espesso, felpudo e maleável. Os vestidos têm blusa curtíssima, caindo solta sobre a saia que se esconde em pregas ou deixa adivinhar um cinto.

Os casacos da linha «Dôme» têm largas golas drapeadas. Quanto ás cores, deu preferência ao preto sobre o qual têm grande relevo as joias de diamantes encastoadas no ouro branco ou platina.



UM VESTIDO

PARA A MEIA ESTAÇÃO

Vestido de «lainage» verde seco, criado por Lauvin Castillo. E' formado por saia lisa e blusa ampla, ajustada por meio de lacinhos do mesmo tecido.

Máquina de TRICOTAR BUSCH

APENAS POR 115$ MENSAIS

CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Ldª,

Avenida Fontes Pereira de Melo, 37

Telefs. 59181-2-3 - LISBOA

Talvêz não saiba...

Que os lapões são pouco maiores do que os pigmeus africanos, pois, medem, no máximo, um metro e quarenta e cinco centímetros de altura.

*

Que em todas as escolas primárias da Suíça há uma cadeira de filatelia e, talvez por isso mesmo, setenta e cinco por cento dos habitantes desse país coleccionam selos.

*

Que há na Escócia muitas crianças que ganham a vida procurando minhocas para os amadores de pesca fluvial.

*

Que o gosto pela etiqueta e pelo ritual levaram Carlos V a dar aos ministros instruções que seriam cumpridas, rigorosamente, no seu próprio funeral.

*

Que o cometa Halley voltará a aparecer em 1985.

*

Que o pai de Alexandre Dumas nasceu duma ligação entre o marquês de Pailleterie e uma mestiça chamada Dumas.

Pergunte para saber

Gina — Folheando os ultimos figurinos franceses ficará sabendo o que se apresentou em Paris para uso da mulher que deseja marcar pelo modernismo das suas «toilettes» no Outono-Inverno de 1958-1959

Verá que a cintura, que se usava baixa nestes ultimos dias, trepou de tal modo, que, por pouco a instalavam no pescoço...

As saias continuam muito curtas mas esses centímetros que avançaram da citura para cima dão ás mulheres por uma ilusão de óptica, o aspecto de serem maiores.

A cor preta, em sedas ou fazendas foi muito vista nas recentes «passagens» parisienses, servindo sempre de fundo a uma joía cara de diamantes incrustados em ouro branco ou platina.

Almôndega — As blusas de malha não a tornam com aparência de muito volumosa, se forem executadas com lã fina de cor escura.

Dê preferência ás malhas lisas, de «jersey» ou de liga. As malhas de fantasia tornam o «tricot» espesso e cada vez se usam menos. Modernamente, a contestura é obtida apenas pela espessura e maleabilidade do fio. A malha é quase sempre de liga, de «jersey», ou de canhão, sem mais variantes a não ser as que se conseguem nas combinações de cores.

PANO DE TABU

Pano de tabuleiro executado com «rioplex» cô mão, bordado a ponto romeno, ponto de gri espaçado e ponto baixo, com algodão «perlé azul médio amarelo e vermelho coral. O des porta em 7$00 e a amostra explicativa de qu pregados importa em 6$00. A cobrança, mai gina da Mulher», «Diário de Lisboa», Rua do

Visitas inespe

Se a leitora tem apenas dois bifes para o jantar e porque lhe apareceram inesperadamente visitas para jantar necessita de os «fazer render»..., corte-os pelo meio fazendo-os mais finos, passe-os duas vezes por frite-os em o prato, q lanesa», c ou batatas -lhe bem

V. Ex.ª deseja comprar um relógio ?

Peça um ENICAR ULTRASONIC

O ENICAR ULTRASONIC oferece-lhe :

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR ULTRASONIC

O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suiça. Mas a Fábrica Enicar fabrica 8 % da

O relógio Enicar est

Em PORTUGAL encontra-se á vend
LISBOA — Ourivesaria Correia
» da Guia
» Piment
» e Reloj
» Suissa
M. Vieira & Filhos
Oliveira & Jacome,
PORTO — Carlos Rodrigues — F
BRAGANÇA — Manuel dos San
LOULÉ — Laginha & Ramos
GUARDA — Carlos Pires Correi
VILA REAL — Daniel Salgueiro
AMARANTE — Silva Pereira, S
MERTOLA — António Romba
TRAFARIA — Joaquim Almeida
MADEIRA-FUNCHAL — Relojo
»

DA MULHER

TABULEIRO

com «rioplex» côr-de-rosa, no tom de sal-eno, ponto de grilhão, ponto de recorte m algodão «perlé». Ancora azul escuro, nelho coral. O desenho deste modelo im- explicativa de qualquer dos pontos em- À cobrança, mais 2$00. Pedidos á «Pá- e Lisboa», Rua da Rosa, 57-2.º — Lisboa

CULINÁRIA

Nabos recheados

Descascam-se nabos grandes, corta-se-lhes uma rodela na parte que adelgaça, para que possam ficar direitos, corta-se outra na parte superior e perfuram-se com uma faca de bico, fina, de modo a abrir-lhes uma cavidade. Lavam-se, raspam-se e ralam-se duas ou três cenouras, junta-se-lhes uma gema de ovo cozida e esmagada e uma clara também cozida, cortada em pedacinhos. Mistura-se tudo bem e tempera-se com sal, pimenta e noz moscada. Recheiam-se então os nabos com esta massa e tapa-se a cavidade com a rodela que se cortou da parte de cima. Faz-se, á parte, um refogado com cebola picada e banha. Antes de a cebola estar loura dispõem-se os nabos muito direitos, juntam-se-lhes algumas colheres de caldo e o miolo que se tirou de dentro dos nabos. Tempera-se o molho com sal e pimenta e deixa-se ferver até cozer os nabos.

Pirâmide de bacalhau

Põem-se dentro de um tacho uma colher, de sopa de margarina e uma colher, de sopa, de farinha de trigo. Leva-se ao lume e mexe-se até ambas estarem ligadas. Junta-se leite quente, mexendo sempre, até obter um creme bastante espesso. Tempera-se com sal fino e pimenta e põe-se de lado.

Dá-se uma fervura a meio quilo de postas de bacalhau, préviamente dessaladas, escorrem-se, pelam-se e desmancham-se em tirinhas que se deitam num tacho; juntam-se 200 gramas de margarina, três colheres de sopa, de azeite e dois dentes de alho picadinhos. Põe-se o tacho em lume brando e vai-se mexendo com colher de pau até o bacalhau absorver as gorduras. Juntam-se-lhe 150 gramas de batata cozida, passada pelo espremedor, continuando a mexer sobre o lume até tudo estar bem ligado. Tira-se do lume, deita-se logo o creme que se preparou, rectifica-se o sal e bate-se bem.

Arma-se em piramide dentro de um prato que possa ir á mesa e ao forno, pincela-se com ovo batido, polvilha-se com queijo ralado, depois com uma leve camada de pão ralado e mete-se em forno bem quente para corar rápidamente. Serve-se logo que sai do forno, guarnecida com alface e azeitonas.

Regressa à linha clássica

Vestidos curtos, travados, boleros, cintas estreitas, postas no seu lugar, eis a «mea culpa» dos costureiros de Paris. Depois do pesadelo da «linha saco», tão util, afinal, ás senhoras de ancas e ventre desenvolvidos, o regresso ao classicismo. A mulher reafirma a graça das suas formas. Maggy Rouff e Jacques Heim assim o determinaram nos dois modelos presentes. O primeiro deu-nos um conjunto a que pôs o nome de «Saint-Germain», realizado com lã «beije»; o segundo dá-nos um vestido e bolero de tom escuro de violeta. Tem qualquer coisa de graça toureira e vai, por certo, ao encontro dos gostos moderados das leitoras

OS MEUS SEGREDOS

Costumo guardar os restos de sabão que desfaço depois em água quente e aos quais misturo umas gotas de amoníaco obtendo, assim, um bom detergente para limpar as porcelanas e esmaltes da casa de banho.

*

Para tirar instantaneamente de um tecido branco ou cru uma mancha de sangue fresco emprego água oxigenada e passo depois com águas limpas.

*

Quando tenho que tapar com massa uma torta que vai para o forno corto-a e passo-lhe por cima o rolo enfarinhado de modo que ela o envolva, enrolando-se em volta dele. Depois começo por ajustar a extremidade exterior da massa sobre a borda da torteira e desenrolando a massa lentamente com o próprio rolo a deixo ficar na devida posição.

Se pego na massa com as mãos corro o risco de a quebrar ou de a estender com o próprio peso ficando, depois, fora da medida justa.

GATA BORRALHEIRA

SE ACHA
QUE VAI A TEMPO...

Se acha que vai a tempo e que o tempo a não impede, aqui tem a leitora uma sugestão para o seu tempo de praia. Usam-se as mais extravagantes fantasias para o efeito e aqui lhes damos, á esquerda, um blusão de cores garridas onde o vermelho, o preto e o amarelo se apresentam em desenhos dos naipes das cartas de jogar. A' direita, outra fantasia de cores garridas onde o pano turco branco e verde se harmonizam com os viezes de linho azul escuro.

esperadas

ois bi- vezes por ovo e por pão ralado e e apa- frite-os em azeite. Se acompanhar visitas o prato, que se chama «bifes á Milanesa», com arroz, massa cozida, fazer ou batatas de qualquer modo, fica io fa- -lhe bem apresentado e abundante. duas

m relógio ?
LTRASONIC
TRASONIC
ntia
ntes
ultramoderno
tos
CAR
ASONIC

r Ultrasonic ue não pre- ão durante

car Ultraso- n de garan- fabricantes tica. Mas a rica 8 % da produção total na Suiça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:

Automáticos, com os últimos aperfeiçoamentos.
Calendários, com a lente de aumento.
Impermeáveis: 100 % — caixa SEA - PEARL
Extra-planos: sensacionalmente planos.

elógio Enicar esta à venda nos cinco continentes.

encontra-se á venda nas seguintes ourivesarias:
urivesaria Correia — R. Ouro, 245
» da Guia — R. D. Duarte, 4
» Pimenta — R. Augusta, 253
» e Relojoaria do Império — R. Coelho da Rocha, 99-B
» Suissa — R. Ouro, 252
Vieira & Filhos — R. da Palma, 13
iveira & Jacome, Ld.ª — Pavilhão dos Ourives — Largo Martim Moniz
los Rodrigues — R. Alexandre Herculano, 366
— Manuel dos Santos
ginha & Ramos
Carlos Pires Correia
— Daniel Salgueiros, Ld.ª
— Silva Pereira, Sucs.
António Romba
Joaquim Almeida Botas
UNCHAL — Relojoaria Suissa — R. João Tavira, 38
» Big-Ben — Avenida de Zarco, 24

Vibrella
a massagem que traz o olhar brilhante para a cara da mulher

Em ALGÉS o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» vendem-se na Agência Cultural, Avenida Combatentes da Grande Guerra.

REGIME LÁCTEO PARA EMAGRECER
á base de Algas, Leveduras e Yoghurt
Alimentação magra **Adypok**
Preço ultra económico de 1$00 por refeição.
Peça em postal literaturas grátis para a *FAL — Apartado (Central) 142* — LISBOA
Representação da LYNDEX — Piccadilly — LONDON.
Embalagem equivalente a 50 refeições . . 50$00
Embalagem (tipo ensaio) para 20 refeições 22$50

A pele das crianças é muito sensível aos raios ultra-violetas!

As mães, com larga experiência, sabem-no muito bem.

1) Aplicar NIVEA, em todo o corpo repetidas vezes.
2) Acostumá-las lentamente ao Sol
3) Para as crianças de pele muito branca, dar a preferência ao OLEO NIVEA ULTRA- como »protecção adicional contra a luz« e defesa eficaz contra os raios ultra-violetas do Sol.

NIVEA é aconselhável sobretudo para as crianças

No PRAGAL o «Diário de Lisboa» é vendido por João António Tavares.

Eduquemos o nosso filho!

Atenção às atitudes defeituosas

Muitas crianças que frequentam as escolas primárias tomam atitudes defeituosas enquanto executam os seus trabalhos. Compete aos professores olhar pela forma como os seus alunos estão na classe, pois só assim se evitariam tantas consequências desastrosas que mais tarde se descobrem, quando nem sempre há remédio para elas. No entanto essa assistência e vigilancia tornam-se por vezes quase impossíveis, dado o numero elevado de alunos para um só professor leccionar.

Compete á mãe vigiar, em casa, e levar seus filhos a tomarem atitudes correctas enquanto lêem ou escrevem. Pode a mãe conseguir assim corrigir os maus hábitos adquiridos na escola.

Temos, por exemplo, a posição defeituosa que grande numero de crianças adopta quando se sentam a escrever e que é muito perigosa para a saude: em geral, inclinam o corpo para a direita, assentando o cotovelo direito sobre a carteira e pendendo a cabeça sobre o papel. Perante esta atitude defeituosa que origina torção do torax e diferença de altura dos ombros, tem de se fazer ver á criança o perigo que corre desde que se não corrija. O corpo deve manter-se direito, as costas recolhidas, o braço apoiado naturalmente sobre a mesa, a cabeça direita.

A posição de pé, quando a criança está junto do quadro ou a responder ás perguntas do professor, é muitas vezes terrível: omoplatas salientes, coluna vertebral arqueada na altura das regiões dorsal e cervical, o que prejudica o desenvolvimento normal do tórax e os movimentos respiratórios. Deve recomendar-se-lhe que a posição correcta é a de braços caídos e o peito bem levantado, ou os braços cruzados sobre o peito, tendo o cuidado de manter as costas direitas.

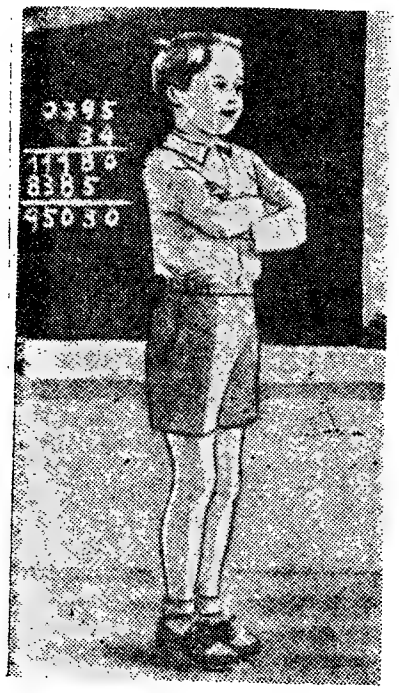
A maneira de transportar os livros também tem a sua importancia. Sendo debaixo do braço, leva o corpo a inclinar-se para o lado oposto ao peso, obrigando a anca onde descansam os livros a ficar mais saliente para servir de ponto de apoio. É sempre preferível uma pasta que se traga suspensa, ou mala a tiracolo.

Quando os conselhos dos mestres e dos pais não chegam para evitar ou corrigir as atitudes defeituosas das crianças deve recorrer-se ao especialista, médico ou professor de ginástica, para se tomarem a tempo as devidas precauções no sentido de se evitarem doenças futuras.

Os primeiros dias

As mães devem saber que o bebé, durante os primeiros dias de vida, diminui de peso, embora já vá crescendo.

Por volta do quinto dia começa o bebé a pesar mais, mas só recupera o peso perdido aí pelo décimo dia, e ás vezes mais tarde ainda. São factos normais, e por isso as mães não devem alarmar-se com eles.



Concurso-relâmpago da boa educadora

Pedrinho brinca. Com os seus passinhos ainda hesitantes, foge de Maria, que finge grande dificuldade em o agarrar. Numa volta, Pedrinho cai e bate de leve com a carinha na cadeira. Imediatamente Maria toma-o nos braços e acarinha-o, antes que o menino chore;

— Pronto, pronto, não foi nada. A cadeira é má, é? Fez doi-doi ao menino! Toma, toma e toma (e finge bater na cadeira, com grandes gestos) cadeira má, que é para não voltares a fazer doi-doi ao Pedrinho.

Mas nisto abre-se a porta. É a mãe que regressa. O menino quer saltar imediatamente para o colo da mãe. Os seus movimentos bruscos surpreendem um momento a criada, que, receosa que o menino caia, o agarra com força, magoando-o um pouco nas perninhas. Pedrinho chora, e a mãe, que tudo compreendeu, pega-lhe ao colo e acaricia-lhe as perninhas.

— Pronto, pronto, não foi nada. A Maria é má, não é? Fez doi-doi ao menino! Toma, toma e toma (e finge, bater na Maria, com grandes gestos) que é para não voltares a fazer doi-doi ao Pedrinho.

*

Leitora, faça os seus comentários a esta pequena cena. Diga tudo o que lhe ocorrer. Em sua opinião, como deve proceder-se? Quais são as consequências da atitude da mãe e de Maria? Assine o seu nome e indique a sua morada. Querendo, acrescente um pseudónimo. Envie o seu trabalho até ao próximo dia 22 para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho!» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa. O melhor trabalho será publicado nesta página e a sua autora receberá, como lembrança, uma assinatura da revista «Os Nossos Filhos».

A melhor solução do quinto problema

O prémio do quinto problema — Discussões entre os pais, diante dos filhos — foi atribuido ao trabalho que hoje publicamos, da autoria da sr.ª D. Laura Pedroso, Venda do Pinheiro. Parabens.

Caixa do Correio

TELMA: — De facto, a resposta a que se refere era para si. Também este segundo trabalho foi aprovado; mas a verdade é que recebemos outro que foi considerado superior e ainda desta vez o prémio não foi para si. No entanto esta sua resposta será publicada numa das próximas páginas. E não desista.

MARIA DO ROSARIO: — A sua resposta, a que não falta uma nota de poesia que lhe vai bem, está certa. Só não foi premiada porque recebemos outra melhor... Mas publicaremos o seu trabalho brevemente, e esperamos que volte a mandar-nos os seus comentários.

LUCIA MARIA: — Continuo a apreciar a sua boa vontade. Tente explicar os «porquês» das suas opiniões. Como é ainda muito nova e tem, com certeza, bem presentes, muitos factos passados consigo, seria interessante que nos contasse as suas reacções em situações identicas. Quer experimentar?

ILDA NUNES — MATILDE MARIA MARQUES — MIZÉ: — Obrigada pelos vossos postais. Gostaria que continuassem a mandar, não só os vossos comentários aos problemas postos neste pequeno concurso, mas também quaisquer outros artigos relacionados com problemas da infancia. Há, ainda, muito a fazer pelas nossas crianças; e bom seria que todos nós, que nos interessamos sinceramente por elas, nos unissemos, tentando contribuir para a sua felicidade.

Quando os pais discutem na presença dos filhos

Como é doloroso observar os pequeninos quando assistem a discussões coléricas ou meramente hostis e desabridas entre os pais! O seu olhar vagueia ansioso e indeciso de um para outro, procurando protecção contra a insegurança em que se sentem, tentando compreender a causa que desune aqueles a quem tanto amam e que no seu ingénuo entender deviam amar-se igualmente, sofrendo duplamente pelas ofensas mutuas que ouvem na boca dos pais e (quantas vezes!) tomando partido por um deles.

Como é doloroso observá-los nesse momento e muito mais pungente ver ao longe, no futuro, os estragos quase sempre irremediáveis que vincam o carácter da criança já homem.

Se todos os pais se curvassem um pouco sobre a sua infancia, talvez reconhecessem, em muitas facetas do seu carácter, aquisições involuntárias do meio ambiente. Se quando discutem diante dos filhos se lembrassem desse facto e se não os esquecessem inteiramente dominados pela cólera ou hostilidade, certamente o seu amor paternal os faria vacilar e recuar, pondo acima das disputas que abálam a unidade e a segurança do lar, a felicidade dos filhos.

Porque a felicidade da criança não consiste apenas na suficiência ou abastança dos bens materiais. A criança necessita, a par de uma compreensão profunda, de amor e carinho, de segurança e serenidade. Só assim a sua personalidade se desenvolverá harmonicamente.

A criança que vive num ambiente de disputas constantes torna-se desconfiada, tímida ou agressiva, fecha-se em si própria, descrê da felicidade, refugia-se no sonho, criando na sua maravilhosa fantasia um mundo só dela onde exista felicidade. Afasta-se dos «grandes» e não confia neles.

As condições familiares em que vive repercutem-se imediatamente na sua actividade afectiva: molhando a cama, chuchando no dedo, roendo as unhas, torcendo uma orelha, criando as mais variadas bincadeiras-manias — quando na primeira infancia. Vão depois manifestar-se nas suas actividades escolares e aparecem os nervosos, os emotivos, os sentimentais, os apáticos, os amorfos com todas as suas inaptidões caracteristicas, quantas vezes incompreendidas não só pelos próprios pais causadores do seu estado, como ainda pelos mestres. E depois, na adolescência altaneira e auto-suficiente, sonhadora e fantasista, independente e insubmissa, vem, com uma frequência cada vez mais assustadora, a delinquência que também se manifesta na idade infantil, embora quase sempre de aspecto menos grave.

Delinquência juvenil... Quem nunca reparou, ao ler o noticiário criminal nos jornais, que a grande maioria dos criminosos é de jovens? Mas quem se deteve a pensar nos «porquês» desse facto? Talvez bem poucas pessoas...

A criança, vivendo num ambiente hostil, só pensa em evadir-se, fugir, fugir! Como? Para onde? A sua imaginação fertilíssima, a sua aguda sensibilidade, o seu imenso poder de imitação, ajudá-la-ão sem demora nem dificuldade. Encontrará sempre numa notícia ou novela que leu, num filme que viu ou numa história ouvida, qualquer herói que gostará de igualar. (E aqui se apresenta outro problema muitíssimo importante que é o das leituras e espectáculos infantis e juvenis).

E' possível que os pais quando disputam, gritando, insultando-se, nunca pensem nas causas da sua atitude, recaindo sobre os filhos. Mas por momentos fechem os olhos á ira que os invade e fixem os filhos que àvidamente os observam. Não terão vergonha? Não sentirão medo? O seu coração não vergará de dor? Estou convencida que sim. Então comecem lutando contra si próprios de modo a que se dominem e evitem essas cenas violentas na presença dos filhos. E' difícil, sim muito difícil de princípio. Mas se pensarem que são sapazes de se sacrificar pelo seu bem-estar material, por que não o serão também pela sua felicidade e tranquilidade afectiva? A vida moderna extremamente dinamica e impetuosa, livre e inconsciente tantas vezes, dá lugar a uniões conjugais que mais tarde se revelam imperfeitas e frágeis, criando o desentendimento entre marido e mulher. Muitas vezes, quando se apercebem do abismo existente entre ambos, pela desigualdade de caracteres, diferente formação intelectual ou emotiva, reacções diversas perante os mesmos casos da vida, o irremediável sobrepõe-se ao desejo de libertação: a existência de filhos. Mas, se conseguem compreender que a separação afectará os filhos na sua evolução psicológica e afectiva, como não vêem, não percebem, que as disputas constantes podem ser tão prejudiciais como a separação?

Quando sentirem que a cólera começa a invadi-los na presença dos filhos, dominem-se, pensando no amor que lhes dedicam, e afastem-se para outro compartimento da casa, naturalmente; logo que se reunam novamente falem de qualquer assunto vulgar que possa interessar a todos, de modo que a criança se distraia e se sinta «segura», amparada, bem unida no todo que é (ou deve ser) a familia. Se o problema merece ser discutido realmente, esperem que as crianças se afastem para que nada possam ouvir. Nunca as mandem retirar-se repentinamente, a fim de que se não apercebam do vosso intuito. A criança ficará, longe, a imaginar ou a tentar escutar nova disputa.

Meditem na vossa atitude, nos «porquês» da vossa desarmonia, unam-se dentro da desunião em que vivem para construir a plena felicidade presente e futura dos filhos — isso os compensará da vossa própria infelicidade.

A felicidade das crianças, o seu equilíbrio moral e intelectual, o saudável desenvolvimento da sua personalidade a evolução natural da sua psicologia — são condições indispensáveis na evolução da Sociedade Humana, tendo por fim a construção de uma vida melhor, o entendimento entre os Povos e a consequente supremacia da Paz sobre a Guerra.

...Porque as crianças são os homens do **Amanhã.**

LAURA PEDROSO

Interessa-se pelos problemas das crianças?

Leia, no número de Agosto da Revista

«Os nossos filhos»

— Correio dos Pais
— O mundo dos nossos filhos.
— Quando a criança adoece.
— Agora, durante as férias.
— Conversa com a psicóloga: Crianças adoptivas.
— O destino das crianças inválidas.
— A educação das crianças
— A educação especial no desenvolvimento da linguagem na criança surda.
— Não há duas crianças iguais.
— Conheça os seus alunos!
— A carta do mês.
— Histórias, poemas e desenhos de crianças.
— Notas de leitura.
— Mãezinha dona de casa.
— Mãezinha habilidosa.
— Conselhos, sugestões, concursos, culinária, receitas práticas, figurinos, bordados, etc.

«Os nossos filhos»

R. de Infantaria Dezasseis, 69, 2.º — LISBOA — Telefone 686160.

PEQUENAS COISAS QUE AS MÃES DEVEM SABER

O bébé chora. Porquê? A mãe deve habituar-se a conhecer a causa do choro. Antes de concluir que bébé está com fome ou com a birra, verifique se nada o magoa. Cuidado com os alfinetes, as fitas apertadas e as botijas de água quente.

A queimadura lenta traduz-se, muitas vezes, por um fraco gemido. As cólicas provocam gritos estridentes e o bébé levanta os joelhos contra o ventre, que está duro.

… EM 1820 — (3)

…s primeiras eleições portuguesas

…s

*…o vimos
…m estas
…s depu-
…tes.
…anto, os
…nas. Os
…eguesias
… pois a
… escolhi-
…édia. As
…bsolutis-
…que os
… feição.*

…idade

*…oral das
…meça no
… Comar-
…o conce-
…rovíncia
…ongou-se
…, na'es-
…reu um
…o: dos
…tínio, o
…beiro e
… Junta
… obtive-
…ro Gon-
…m-se os
…rou que
…aver do
…s que o
…ninação.
… alguns
… era le-
…cumpria
…onseguir
…(metade
… notável
…elava a
…entalida-
…s: após
… que a
…dos que
…não co-
…onsciên-
… lei re-
… nação,
… de se*

*… Eleito-
…se diri-
… solene
…mplo, e
…uas do
…panhou
…os seus
…ade, ho-
… e pres-
… repica-
…inações
… concer-
…m vivi-
…data po-*

…Pátria !

*… chegar
…omarcas
…rovíncia
…de rece-
… aguar-
…ado das
… a cor-
… o peso
…tismo?
… sairam
…o depu-
… com 40
…versida-
… Costa,
…dr. José
…votos, e
…gado e
…hia dos
…com 47*

Lisboa adere á Revolução. Alegoria da época

Conforme seus nomes eram comunicados ao povo, este transportava-os de boca em boca pela cidade, no meio de grandes aplausos. O entusiasmo, porém, atingia o rubro quando o eleito pertencia ao grupo glorioso dos responsáveis da Revolução de 1820, ou que a ela aderira publicamente. Tal foi o caso de José Ferreira Borges. Ao ouvir o seu nome garantido como deputado, o povo pegou na boa-nova e dispersou com ela por todos os cantos da cidade; e ao penetrar em cada rua, ou beco, ou praça, em sua alegria simples e completa ia gritando:

«Viva o Restaurador da Pátria! Viva Ferreira Borges!»

Os resultados finais, no Minho, denunciavam, sem qualquer ambiguidade, que os destinos de Portugal deixariam de ser negócio familiar das velhas classes feudais. A mesma conclusão se tirou na generalidade do País, excepto na província da Beira, onde as correntes absolutistas, dirigidas, de Coimbra, por Trigoso de Aragão Morato, lente da Universidade, conseguiram ções estudantis, os presidentes das lugares de deputados.

O protesto de Garrett

Nas eleições da Beira o acontecimento mais importante foi o dos protestos da Academia Coimbrã contra a tentativa dos absolutistas para lhe negarem o direito de voto. A reacção foi pronta e nela se revelou, como dirigente, um nome glorioso da nossa cultura: um jovem de 21 anos que dava pelo nome de Almeida Garrett. Vale a pena registar a carta por ele dirigida, em nome da Academia, ao Governo:

«Illmo Exmo snr. —A representação nacional que pelo espírito da constituição espanhola, que hoje é a nossa (e não só pelo espírito, mas pela letra) nunca pode ser legítima, senão quando ela é instalada pelo voto geral da nação, ou, para nos exprimirmos assim, quando partículas da magestade de todos os indivíduos se acham reunidas naqueles que estes indivíduos elegeram. Esta representação intenta-se fazer ilegitimamente nas paróquias de Coimbra, defraudando mais de mil e quinhentos cidadãos do primeiro dos seus direitos. A escolha da mocidade portuguesa se acha altamente ofendida; ela protestou contra a injuria; ela clama contra a ofensa; e tendo dado por embargadas e nulas estas eleições, participa a V. Ex.ª um tal passo; e por todos os princípios da razão e da justiça, á face da nação e perante os céus e terra, clamam e pedem a V. Ex.ª justiça. Aliás, ex.^{mo} snr., nós deixaremos de ser estudantes. E' muito vil o preço das letras para pagar os foros de cidadão».

Em consequência das manifestações estudantis, o presidente das Juntas Eleitorais consultaram advogados e quase todos os lentes de direito — recebendo a resposta de que os escolares tinham, efectivamente, direito de voto. Isto mesmo se resolveu. Assinalando o facto, Almeida Garrett dirige aos estudantes a seguinte e curiosa

«Proclamação.—Académicos! Estamos reintegrados nos nossos direitos. As medidas que tomámos eram justas, porque eram as unicas. Agora que cessaram as causas deve cessar tudo. Lembrai-vos que a Liberdade é a primeira das virtudes, se é regrada pela razão; mas é o maior dos crimes se, aberrando dela, se degenera em licença. Amigos! Não manchemos os louros da vitória, e louros tão bem ganhos, em nódoas vergonhosas, que só podem fazer o nosso opróbrio. Académicos! Nós somos cidadãos; por este princípio é que reclamámos os nossos foros; e estes foros que nos pretendiam roubar são os mesmos que nos igualam, que nos identificam com todos os outros constituintes da nação.

… … … … … … … … …

Sêde académicos, mas sêde portugueses; sêde livres mas sêde honrados; não sejais escravos, mas sêde homens. Amigos, qualquer desordem, qualquer inversão, qualquer atentado contra a tranquilidade publica, eu protesto contra ele, e comigo protestam todos os que são dignos do nome de académicos».

A razão-base desta Proclamação era a tentativa feita pelos tradicionalistas para transformar a ordeira campanha, em conflito entre estudantes e futricas (coimbrões não escolares), conflito este de tristes tradições na vida da cidade.

Entretanto que se passava em Lisboa?

Eis o que veremos no próximo artigo

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

A pequena cegonha do Norte

«Poucas probabilidades — diz o cirurgião-chefe — mas vamos tentar. Todos os seres têm direito à vida…

A' maneira de prólogo

De todo o lado nos chegam notícias de lutas, incompreensões, hostilidades entre os homens. São os brancos e os negros na América, são os Franceses e Argelinos, são os Ingleses e Cipriotas, os Árabes e a 6.ª esquadra, enfim, uma enorme teoria de calamidades capaz de tirar o sono ao mais dormido de nós todos.

São os interesses que separam os homens, as ganancias, o petróleo, o diamante, o uranio. Sãoeles que, enchendo a boca de «civilização cristã» impedem, na realidade, que o espírito cristão penetre na vida e a fecunde.

Tenhamos esperança, porém, de que algum dia todos os homens, adquirida a perspectiva do justo interesse próprio (que impede seja ferido o justo interesse alheio) possam dar as mãos para maior beleza e grandeza da caminhada!

Ajudar os mais fracos

Porque, meus amigos, há no coração do homem inesgotáveis e até hoje pràticamente desaproveitadas forças de bondade e de espírito de sacrifício. E não só em relação a outros homens, mas em relação aos animais, o exemplo de S. Francisco de Assis deu seus frutos. Poderiamos citar inumeros casos em que os homens arriscam seus haveres, sua comodidade ou suas vidas para socorrer animais doentes ou em perigo. Essa bondade, esse espírito de sacrifício, atingem, por vezes, aspectos verdadeiramente doentios, anormais.

Não há muito faleceu em Londres um ricaço — um destes ricaços londrinos que não sabe a gente por que mistério, quanto mais o fisco lhes leva, mais guardam na burra… — além de meia duzia de libras deixadas ao criado velho e de outra meia-duzia delas para a governante (das quais nenhum «gentleman» se esquece por altura de testamentar), reservou uma vultosa quantia para a construção em Londres («Londres da grã miséria envolta em bruma», como dizia o poeta de um grande hospital para gatos…

Postos, porém, de lado esses aspectos doentios ou anormais, é sempre grato ver que os homens não perdem uma ocasião de ajudar e defender os animais em perigo. E nesse sentido chega-nos de Lille, cidade gaulesa, uma notícia muito grata.

Operação de urgência

Uma casa de saúde. E' noite. Silêncio. Os doentes repousam. Nos grandes corredores apenas se ouve, de quando em quando, o fru-fru tranquilizador das chinelas da enfermeira que está de vela.

De repente, como se uma diferença repentina de pressão, levantasse um pé-de-vento súbito, a campainha do telefone soa. E' a voz do cirurgião-chefe:

Preparar a sala. Laparatomia

Num abrir e fechar de olhos, a sala fica pronta: o cirurgião, o radiologista, o médico da clínica geral, o anestesista, chegam á casa de saúde ás 23 horas em ponto. Logo a seguir entra o enfermo, envolto cuidadosamente num cobertor. Era meia-noite quando o doente foi deitado na marquesa, com os maiores cuidados. Arredado o cobertor, surgiu um monte de penas e um bico enorme.

O doente era uma pobre cegonha…

As mulheres em em acção.

Uma cegonha escura, dos países nórdicos. Dirigia-se, como costumava fazer todos os anos, para a Africa, á procura de mais calor. Quando voava desprevenidamente, sobre Herlies, perto de Lille, é que o imprevisto surgiu… Uma espingarda que se aponta, uma detonação… Crivada de chumbo, ferida por uma bala 5/5, a cegonha perdeu a altura. No sábado encontraram-na em plena praça de Herlies, trémula, mal se equilibrando nas patas débeis, com a bala e farta plumagem coberta de sangue.

Léon Rogeau, vice-presidente da Associação Protectora dos Animais apanhou-a e levou-a a um veterinário. Este foi de opinião de que só a intervenção cirurgica podia salvá-la.

Entram, enfim, em acção as mulheres. A esposa do veterinário falou com a esposa do cirurgião em serviço na casa de saúde. A mulher deste falou com a mulher do cirúrgião-chefe que, por sua vez, se pôs em comunicação imediata com o marido, que se encontrava numa recepção oficial.

—Vou imediatamente — foi a resposta.

Na clínica. As enormes lâmpadas acesas. Anestesia. Pinças. Tesouras. Diagnóstico: diafrágma aberto, coração e fígado feridos, intestinos tocados. Feridas agravadas por grenalha de chumbo nas asas. «Poucas probabilidades», diz secamente o chefe. «Que fazer?», pergunta uma enfermeira.

—Vamos tentar— respondeu o cirurgião. E' o nosso dever. «Todos os seres têm direito á vida…».

…A cegonha nórdica não resistiu. De madrugada, calmamente, com um suspiro breve que mal agitou a bela plumagem negra, a cegonha ficou para sempre quieta, imóvel…

Na sua pequena aldeia da Escandinávia, quando regressar a Primavera, um ninho ficará vazio. E ninguém saberá que homens de bata branca, de grande nome e grande coração, fizeram tudo para salvar uma pequena cegonha escura…

…NO DA MAMÃ

…otorista:
…omem e
… me le-

…notorista
… o assas-
…op, um
… Carpen-
… perdeu-

…ro agen-
…e acaba-
…pecialis-
…minaram
…ssões di-
…vida, de
…ou um
…nho, me-
…infancia
… assassi-
…s de se-
…eira no

… trágica
… sua mulher, depois de deixarem os filhos em casa, foram a um cinema com ar condicionado para escapar aos calores tórridos de Chicago. Ao entrar na sala identificou Carpenter, num homem que dormia a sono solto numa das ultimas poltronas da plateia. Disse á mulher para voltar ao carro e que esperasse.

A mulher hesitou, quis telefonar para pedir reforços, mas o marido foi categórico: E' uma tarefa que me compete. Deixa-me realizar a minha ideia».

Kerr era um novato e infelizmente não soube ouvir os conselhos da mulher. Aproximando-se de Carpenter, disse-lhe:

— Por que dorme aqui?

— Que tem você com isso? — resmungou o outro com voz entorpecida.

— Sou da Polícia. Siga-me até á entrada.

Carpenter cumpriu a ordem com lentidão, como se não estivesse totalmente acordado. Kerr empunhava a pistola numa das mãos e o seu distintivo de polícia na outra.

— Queria apenas repousar.—Disse por fim Carpenter. — Isto é proibido?

Quando chegaram á entrada, Carpenter fingiu escorregar e, puxando da pistola, atingiu Kerr no peito. Este respondeu, feriu o outro numa perna, mas sem conseguir impedi-lo de fugir. Ao abrirem-se as luzes do cinema, Carpenter desaparecera.

Ouvindo detonações, a mulher de Kerr acorreu imediatamente. O agente, quase a perder os sentidos, disse a Thomas Brown, estudante de Medicina que lhe prestou os primeiros socorros:

— Era Carpenter… Carpenter… de certeza que era Carpenter…

Kerr foi salvo, depois de uma operação que durou cinco horas; por uma unha negra que a bala não lhe atingira o coração.

As nossas investigações tinham uma nova pista: o homem que perseguiamos estava ferido. Todas as estações, todos os hospitais foram vigiados. Os jornais publicaram fotos de Carpenter. Não podia escapar-nos.

Aconteceu, todavia, o inesperado. A prisão de Carpenter, feita em circunstancias normais, arrumaria na triste vulgaridade do mundo do crime este caso melodramático. Mas as coisas não correram assim. O fim de todos os acontecimentos que venho contando parece terem querido seguir a tradição hollywoodesca, como se a ficção se tornasse realidade.

(Comunicado pelo tenente John Flannegan da Polícia de Chicago, ao jornalista Kurt Surger).

POSTAL ILUSTRADO

por Manuel Agre

Por detrás da minha cabana, o morro. A pique, sei lá se quarenta metros, mas a barreira, caída assim, como uma lamina de gilhotina, dá-me tonturas. Afasto-me alguns metros para ao pé de um tufo de erva-doce. Aí fico a ver a mata com ruas picadas rectilíneas, o oceano a embrulhar-se com o Tejo, o castelo da Pena a não saber-se se vence a bruma se vence a lenda. E também a minha cabana, com os heliantos em volta a dar-lhe sentinela.

A minha cabana, volto a dizer. À beira do caminho das angustias. A voz desentoada das peixeiras cantando a safra da noite — carapau, umas sardinhas, isto, aquilo, pouca coisa… E os pedintes lamurientos e sujos a quem apetece dar esmola para mais depressa nos livrarmos deles. E o velho que já foi pescador, que já sabe de que cor são os olhos da morte e agora estende o barrete encardido. E a Armindinha… ó Armindinho, conta uma história… Então pois sim. Era uma vez um homem. Um homem foi á guerra e não voltou, porque quando voltou estava cego…

Pois bem, tenho medo do morro. Descobri agora que o procuro como quem enterra a cabeça na areia. Aqui não vêm o pedinte lamuriar, nem a velha das pernas estoiradas de sífilis, nem a voz doente das peixeiras, nem o jornal que diz que no Japão morreu mais um pescador devido ás radiações atómicas. Aqui, ao pé do tufo de erva-doce, tudo é um ar puro, um ar de cabo do fim do Mundo. Tudo é o entressonhado castelo da Pena… A gente, quando dá por si, está longe, longe de onde não se volta. Está de pedra sem uma borboleta dentro. Está rei no reino Impossível. Perdido.

Tenho medo, descobri agora. Acordei subitamente e não conheci logo onde me encontráva. De tão alto fora a queda! Afinal sim, o barrete do pescador, o homem que não voltou *porque* voltou cego. As grutas ali em baixo onde se diz que mora gente. O pintor de tabuletas que o sonho dele era Belas-Artes e me há-de mostrar uns óleos.

Sim, para onde quer que me volte o homem esfrangalhado, despedaçado, mentido—mas caminhando sempre em busca de se encontrar…

Regresso á terra velozmente como quem sabe que morreu um homem e vai tomar o remo que ele deixou.

MANUEL AGRE

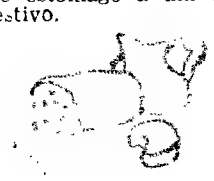
SAIBA COMER SAIBA COMER

As maçãs e as nozes na dietética

por Maria Corolina Freitas

Todos os frutos devem ser comidos logo após a sua colheita, quando esta se faz em plena maturação, claro está; porém, a maçã e a noz (esta em especial) devem ser consumidas no Outono ou mesmo até no Inverno. Qualquer delas contém um valor nutritivo que não é de desprezar. A maçã, quando bem madura, tem um poder calorífico importante. O seu principal açucar é á sacarose; em menor grau, embora, contém lípidos (gorduras), proteínas, vitaminas A, B e C, sais minerais de potássio, sódio e cálcio, em quantidades de fazerem deste fruto um bom alcalinizante (deixam a parte alcalina» extraindo a ácida). Por tudo isto, podemos dizer que a maçã é um fruto de «justa medida», completo. Pode ser consumida a maçã de diversas maneiras, todas elas indicadas por boas.

Cruas, o seu poderoso aroma, excitando o olfato, favorece as secreções gástricas aumentando a salivação e provocando um afluxo de suco gástrico no esófago. A sua acidez leva certos doentes gástricos a evitá-la; puro erro; os transtornos que ela provoca não vêm da sua acidez, mas da velocidade com que é comida, e portanto de uma mastigação deficiente que obriga o estômago a um trabalho intempestivo.



Mas bem mastigada e bem ensalivada, torna-se bem tolerada por todos os dispépticos. Até os sofredores de colite e, que por isso mesmo, habitualmente evitam os alimentos crus, podem comer a maçã sem o mínimo receio. Ela possui uma leve celulose e uma substancia particularmente benéfica para as mucosas intestinais — o tanino.

Outras preparações da maçã são igualmente indicadas na Dietética, por variadas e importantes. São as compotas, os assados no forno ou nas brasas. Por qualquer destes modos de preparação, pode ser utilizada pelos convalescentes, como pelos doentes febris e até os graves. Apenas os diabéticos se devem moderar.

Os sumos têm nítidas propriedades laxativas. A cidra apresenta-se como uma bebida, ao mesmo tempo diurética e eupéptica (que facilita a digestão). Tem um fraco poder alcoólico, mas deve evitar-se beber em excesso, tanto mais que o ácido da maçã (ácido málico) aparece, por completo nesta bebida); e ao contacto com o suco gástrico, transforma-se em ácido acético, isto é, um verdadeiro vinagre geradora de ulceras e de desmineralização.

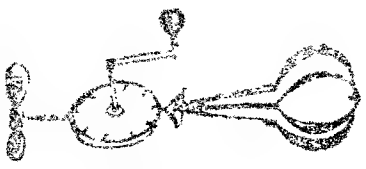
A sua reputação é pois merecida, pois o tanino e os sais potássicos que contém, opõem-se á formação do ácido urico. Esta propriedade explica as sensíveis melhoras nas crises de gota. Neste caso, a maçã deve ser comida ralada, ou tomada em infusões da casca (é ao nível desta que parecem existir os princípios activos do fruto). Por isso se deve deixar secar as cascas e guardá-las para futuras tisanas...

Tem-se verificado que os cálculos renais são menos frequentes nas regiões onde a cidra tem largo consumo.

Do mesmo modo, o artritismo só tem a ganhar com o seu uso. A excreção urinária e a purificação do sangue faz-se pelo consumo diário de um quilo e quilo e meio de maçãs. Por isso, senhores gotosos, litiásicos (areias ou pequenas pedras no organismo), obesos reumáticos, artríticos e piorreicos: são esqueçam de introduzir, na vossa alimentação diária, este precioso fruto que tantos benefícios lhes traz!

Mas pelo contrário, a noz deve ser consumida, com grandes reservas. A sua fama vem de longe. Já Catão aconselhava para vencer as cólicas. E no século XVI, para regrar as mulheres. E já mais perto de nós, para evitar os gases e fortificar o estômago. No entanto, apesar do respeito pela opinião dos nossos antepassados cheios, por vezes, de conceitos errados, os terapeutas modernos não dedicam á noz grande simpatia; no entanto, as folhas da sua planta, contêm propriedades que ele não esquecem de aplicar. Uma das virtudes que vem já da antiguidade é ser a noz anti-parasitária. Modernamente concluiu-se ser esta virtude verdadeira, pelo menos no que diz respeito á ténia, de que se mostra inimiga.

A noz é um alimento de grandes excessos nutritivos. Cem gramas delas equivalem, em calorias, a 300 gramas de pão, ou 200 de queijo e quase tantas como 100 de manteiga! Sendo, por excelência, um fruto oleaginoso, tem um



grande poder calorífico. Contém fósforo, o que a equipara ao peixe, ao figado de vitela ou mesmo aos ovos. As vitaminas C, B, B2, encontram-se nela, em maior quantidade do que na maçã. A vitamina A, habitual nos corpos gordos, não se encontra na noz.

Mas, precisamente, porque é um alimento muito rico ela está formalmente contra-indicada, em muitos casos. Porque é excessivamente rica em matérias gordas e substancias albuminoides, não deve ser consumida pelos hepáticos, nefríticos ou ulcerosos; nem nas refeições ricas em carne, peixe, leguminosas ou em queijo. Não é sem razão que se lhe atribui indigestibilidade; quase sempre é comida como sobremesa, o que é, francamente errado. Por si só, a noz representa uma refeição em miniatura. Deve, sim, ser comida no início das refeições e em doses moderadas e com perfeita mastigação. O óleo da noz é agradável ao paladar, pode ser usado no tempero de saladas, mas nunca cozinhado. Rança mais fácilmente que os óleos usados vulgarmente na culinária.

MARIA CAROLINA FREITAS

Sim

Vamos hoje analisar mais cinco preconceitos alimentares, vulgares entre nós e julgá-los bons ou maus, no ponto de vista da moderna Dietética.

1. — O APERITIVO ABRE AS

Não. O aperitivo provoca uma ligeira sensação de queimadura que se confunde com a sensação da fome; mas isto arrisca fazer parar as secreções digestivas, verdadeiras manifestações do apetite. O absinto e o anis não são os mais indicados. Só, talvez, certas bebidas preparadas a partir de plantas, como a genciana, podem favorecer as secreções digestivas.

2. — [illegible] UM POU[illegible] OU UM SÓ ABUN[illegible]

Sim, a variedade é condição segura de equilíbrio alimentar. Só que a maioria das bolsas não permite grande variedade, principalmente numa só refeição. Para evitar a monotonia alimentar, procurar variar as ementas, no decorrer da semana, escolhendo cuidadosamente os alimentos e os fins em vista.

3. — DIZEM QUE COMER DEPRESSA FAZ MAL. É VERDADE?

Sim. É preciso mastigar bem os alimentos e ensalivá-los bem, para que o estômago não seja forçado a um trabalho excessivo. Este trabalho excessivo é causa de muitas perturbações gástricas atribuidas a certos alimentos que carecem, em especial, de uma boa mastigação.

4. — A ORGANIZAÇÃO ALIMENTAR INGLESA É MELHOR DO QUE A [illegible]

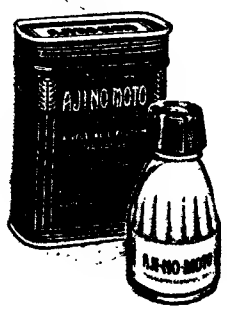
Sem duvida que sim. Eles têm razão em tomar um pequeno almoço copioso. O português, contentando-se com uma chávena de café com leite ou até sem leite, e um pedaço de pão com ou sem manteiga, não fica alimentado convenientemente. É preciso reparar que fazendo um intervalo de seis a oito horas entre as duas principais refeições, ficam-lhe, pelo menos, dezasseis outras em que se alimenta mal. Isto é contrário á lógica e traz um grande desiquilibrio ao organismo. De resto a manhã, é uma parte do dia em que, de maneira geral, se trabalha mais. Principalmente as crianças em idade escolar, devem ter um pequeno almoço bem cuidado.

Não

MASCAVF o verdadeiro sabor da COMIDA com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa



AJI-NO-MOTO

produto purissimo extraído do trigo
não é um tempero
não ilude o paladar
antes o desperta, estimulando as nossas papilas gostativas

Experimente

uma pequena pitada na sopa, no peixe, na carne, nas saladas.

Eis a ECONOMIA que encontrei na máquina

SERVIS

1.ª **ECONOMIA DE DINHEIRO :** o agitador não molesta a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos.

2.ª **ECONOMIA DE TEMPO :** a lavagem pelo sistema de de turbilhão compensado é rapidissima.

3.ª **ECONOMIA DE ESFORÇOS :** espremedor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.

Comprei, claro, a **minha SERVIS** na

Agência Portuguesa Lusaca

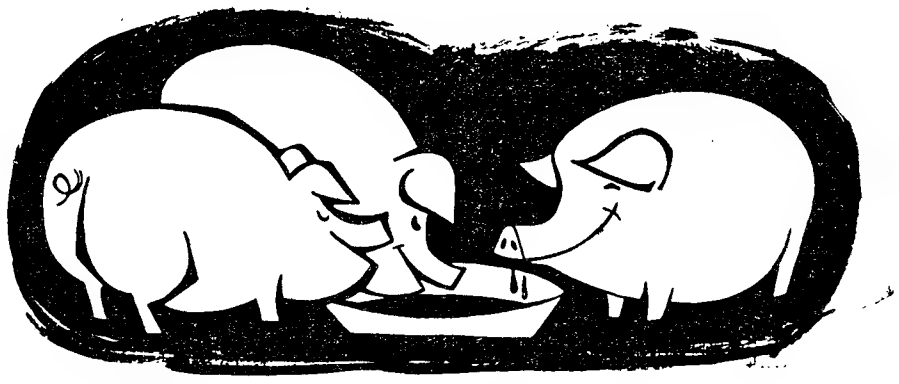
Av.ª Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

PONTO

Não se sirva de louça mal lavada!

Comer em louça **mal lavada** é comer no **mesmo prato** com **outras** pessoas.



Para evitar esta imundicie lave a sua louça

com

SABÃO ACTIVADO CUF

Impecàvelmente limpa, sempre com o **brilho** de nova **estreada** sempre em cada refeição.

A louça lavada com

SABÃO ACTIVADO CUF

é outra louça...

CUF

UM SÉCULO DE EXPERIÊNCIA NO FABRICO DE SABÃO

SORVETE EM PÓ

SAUDÁVEL • NUTRITIVO • PASTEURIZADO

O PRAZER E A SAUDE DOS SEUS FILHOS

prepara-se em [illegible] sorvetes

E UM ALTO PRODUTO DINAMARQUÊS

Uma noite reclamei a arrastadeira. A **nurse** velhota acorreu, com as habituais expressões de encorajamento: «Não se apoquente: esta é limpinha, tirei-a eu mesmo do armário!» Na minha miséria, forçado a usá-la mesmo deitado, a certa altura senti, na quase absoluta escuridão, que uma espécie de película se despegava do metal seco e morno, ao contacto das minhas mãos. Quando, por fim, a **nurse** voltou com uma lanterna **flash**, vi, horrorizado, que a velha e amolgada arrastadeira estava completamente revestida duma camada ressequida de dejecções... Era a película que eu sentira despegar-se no escuro, e me deixou o lençol coberto de escamas e flocos repulsivos! Algum desgraçado, talvez a estas horas já na Morgue, tinha deixado nela a marca da sua incontinência...

Como era possível, penso hoje, sofrer tudo isto sem um vómito, um protesto, um salto pela janela? Dominei o meu horror conforme pude, lembrando que vivemos num mundo de germes e de ameaças, a que, quase sempre, conseguimos escapar; que tendo já uma boa dose deles no meu sistema, pouco mais poderia sofrer com qualquer contágio; e finalmente, que os médicos e enfermeiras estão em contacto constante com esses e piores horrores — e vivem, comem, riem e amam.

Nunca, por isso, perdi o apetite. Comia deitado sobre a direita, a excelente comida do hospital. Um dia, ao comer o almoço com voracidade, ouvi uma uma voz risonha e familiar dizer atrás de mim: «Pelo menos, o apetite não parece mau!» Voltei-me com a rapidez de que era capaz, e encarei com o prof. Kennedy e os seus satélites: Todos riam de satisfação.

* * *

O Natal aproximava-se e, com ele, os preparativos tradicionais: vieram fitas e flores de papel para a decoração da enfermaria, um pinheirinho para ser instalado junto das janelas, e um ar de festa prevaleceu. Alguns ambulatórios ajudaram o pessoal a montar as decorações. Paul, o cozinheiro, cantava de vez em quando com a sua voz ensurdecedora, de barítono, o velho «Oh, Tannenbaum» — o que não o impedia de se interromper de subito para chamar a **nurse**, e com o resultado habitual. Alguém corria a abrir uma janela, para que o vento varresse da atmosfera os odores resultantes daquele esforço meritório. E riam todos os que podiam rir.

Instalaram na cerca do Hospital uma árvore de Natal de muitos metros de altura, toda ornamentada e iluminada, que tingia agora a neve, em torno, dos seus reflexos multicores. Soerguendo-me a custo na cama, eu podia avistá-la, na quietação das noites.

As enfermeirinhas em bando, de vestido, touca e sapatos brancos, e nas suas capas azul-marinho, faziam círculo em volta dela, de mãos dadas, e cantavam os **Christmas carrols**. As vozes frescas, juvenis, traziam-nos assim de fora, da cidade fuliginosa, um apelo de vida e de alegria, que era como a promessa de renascimento que está sempre associada á festa do solstício. E, se era sentimental e até banal, eu considerava-o consolador e sedativo. Quando entravam a cantar a mais popular de todas as canções — **Adeste, Fideles** — o solitário expatriado português não podia reprimir a emoção. A enfermaria silenciava para escutar aquelas vozes de festa, só interrompidas pelo regougo de algum moribundo ou desgraçado em convulsões.

As enfermeiras não faziam caso dele — dizia — e os médicos eram a causa da sua desgraça. Percebia-se logo nele o ex-menino da sua mamã, o mimado, o latino, o queixoso de tudo. Levantava o desbotado pijama hospitalar, empurrava um pouco para baixo as calças, e exibia a imensa cicatriz em cruz, que lhe ia das costelas ao baixo ventre, e quase de lado a lado .. Tinha sido «operado das ulceras»: «Veja, veja o que eles me fizeram!» — repetia com a voz cavernosa. «Foram eles que me puseram assim. Cortaram-me um nervo cá dentro, deixaram-me paralisado!»

Jogava as cartas, envolvia-se em disputas, e de noite fumava debaixo dos cobertores, contra os regulamentos, como um garoto de internato, pondo em perigo a vida de milhares de doentes. Sofria de hemorróidas, e expunha-as a toda a hora a quem tivesse interesse no espectáculo. Berrava contínuamente da cama: **«Nurse! My thing hurts!»** (Dói-me esta coisa.) Reclamava cuidados, atenções, remédios. De vez em quando, uma enfermeira vinha, de facto, tratar-lhe a hedionda mazela.

Era duma família de imigrantes de próspera aparência, típicos das zonas baixas de New York. Vinham visitá-lo com frequência, carregavam-lhe a cama de fruta, guloseimas e bugigangas, e enchiam a sala de jovialidade e algazarra. Os Italianos são sempre simpáticos, e nem na desolação da enfermaria perdem o senso do pitoresco e do dramático.

Foi a este rebelde, que reclamava, na impotência e na dependência do socorro publico, os cuidados mimosos e exagerados em que a mãe o tinha criado, que um dia a «Miss Park Avenue» teve que meter na ordem. Creio que tinha uma garrafa de **whisky** escondida na cama, e ela apanhou-lha. Infracção grave, sobretudo num doente daquela ordem e na enfermaria neurológica! O homem barafustou. Foi então que ela mostrou do que é capaz uma garota de menos de vinte anos, quando a forçam a trocar o papel de Anjo pelo de Sargento! Parecia um **Master-Sergeant** em dia de inspecção. Ao fim de um bate-boca que pôs a sala em rebuliço, o rebelde acabou por se calar e meter a cabeça debaixo dos lençois, amuado e sucumbido. O vocabulário da enfermeira elegante pedia meças ao **hooligan** criado nas ruas do Lower East Side. Os seus lindos olhos tinham reflexos ameaçadores. Tudo é preciso nas passagens desta vida! E não há duvida que o respeito pelas andorinhas redobrou.

Quando o bando se ia embora, deixando a enfermaria limpa, cheirosa e alimentada, mas nostálgica, tudo recaía num relativo silêncio, e os doentes dormitavam. Também havia um cansaço na atmosfera.

De noite, se alguém chamava, eram outras que apareciam, enfermeiras idosas, ou serventes, na maioria de cor. (Os serviços manuais estavam sobretudo a cargo de negras, ainda então Nova York não estava invadida de Porto-Riquenhos.) Havia uma, branca, bem de sessenta anos, magra e faladora, meio-tonta, que veio várias vezes dar-me as injecções periódicas. Desentranhava-se em palavras de condolência, e fazia «tch-tch-tch» cada vez que olhava as minhas nádegas crivadas de agulhadas, como uma almofada de alfinetes. Dizia sempre: «Vai ver que não lhe dói nada, e faz-lhe bem!» Esfregava-me vigorosamente com o algodão ensopado em alcool, e ferrava-me a espetadela invariávelmente na outra nádega... Com esta vantagem: não estando preparado para recebê-la deste lado, eu deixava os musculos perfeitamente relaxados, e a injecção efectuava-se sem resistência da minha parte, e portanto sem dor. Quando, uma noite, lhe chamei a atenção para o engano, ela fez com espanto: «Será possível!? «Tch, tch, tch»... Desculpe!» — e foi-se embora, depois de me aconchegar maternalmente.

MARAVILOSA HISTORIA DA ESCRITA

4.ª — A NOITE MEDIEVAL

Por ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Atingimos assim a fase histórica que se designa habitualmente pelo nome de «Idade Média», na qual se repetem certas características que existiam, antes do surto dos audaciosos Argonautas gregos, no 2.º império egípcio: uma sociedade rigidamente hierarquizada em que a palavra escrita era exclusivo da classe sacerdotal, e servia apenas para conservar os mitos e os textos rituais sobre os quais asentava o domínio dos grupos privilegiados

Gordon Childe resumiu nestes termos as consequências da introdução da escrita nas civilizações orientais.

«Os caçadores, pastores, agricultores, navegadores e artífices que «descobriram a ciência» na idade neolítica foram relegados para as classes inferiores e permaneceram iletrados; e sua ciência não foi apurada pela formulação abstracta. Por outro lado as classes governantes que eram, só elas, letradas e monopolizavam o trabalho intelectual afastaram-se da acção produtiva, sobre a natureza. Na verdade deviam os seus privilégios e ócios á especialização quer nas técnicas mágicas (rituais) quer nas técnicas destrutivas (guerreiras). Foi portanto o saber mágico (incluindo os aspectos mágicos do saber mecanico) aquele que pela primeira vez se formulou abstractamente em palavras escritas». (Pág. 21).

A situação assim descrita pelo grande historiador inglês encontra um paralelismo quase perfeito na primeira fase da cultura medieval, a chamada «idade das trevas». De facto, só a classe sacerdotal sabia ler e escrever. Os livros copiavam-se e guardavam-se nos conventos; e as unicas escolas existentes eram as catedrais e conventuais que serviam unicamente para preparar o pessoal clerical para o serviço ritual, ou liturgico. O conteudo da cultura clerical era puramente teológico e ritual: o estudo do texto sagrado e sua interpretação alegórica; o estudo da tradição acerca da divindade que premiava ou castigava os homens e das relações entre os homens e ela; o estudo das fórmulas rituais, do canto ritual e dos gestos rituais, e o estudo daquelas disciplinas que atrás designamos como técnicas auxiliares de magia, a Gramática, a Retórica e a Dialéctica, que era então a arte de relacionar as palavras e não a arte de descobrir as relações entre as coisas. Não havia outro saber além do sacerdotal; o estudo científico da natureza foi inteiramente abandonado, e o da matemática reduziu-se a pouco mais do que saber contar. Mais do que isso, a própria língua dos clérigos era uma língua ritual e por isso hermética: era o latim que as populações do antigo estado romano pouco a pouco deixavam de falar e de compreender. O livro, o manuscrito, era um misterioso cofre de segredos onde se guardavam as palavras mágicas, vedadas aos profanos.

Segundo a concepção geral da época — que afinal repete apenas o ideal social de Platão — competia ao sacerdote, como cabeça da colectividade, rezar; ao guerreiro, como seu braço, defendê-la; e aos trabalhadores, como seus pés, sustentá-la. Nunca o Mundo, a não ser talvez em certos impérios orientais, pareceu tão seguro para a eternidade.

Esta situação durou alguns séculos. As cruzadas do século XI marcam o seu final.

Não preciso de lembrar aqui como ela se alterou. Sabe-se como em virtude de a Europa ocidental ter ficado isolada do comércio mundial reduzindo-se a uma economia agrária, sem comércio, o escravo deixou de ser objecto de compra e venda e enraizou-se na terra exactamente como uma árvore presa pela raiz, transformando-se no servo da gleba, condição a que também ficaram reduzidos numerosos pequenos proprietários cilindrados pelos grandes latifundiários. O trabalho dos artífices pela sua própria rarefacção passou a ser uma actividade estimada, valorizando os seus executores. Ao lado dos artífices que eram servos dos senhores, prosperam e multiplicam-se os artífices ambulantes e outros que trabalhavam por conta própria e eram por isso independentes e livres Entretanto por caminhos obscuros importantes inovações técnicas se introduziram como o moinho de água, a ferradura, o leme fixo, a coleira do cavalo, e outros ainda. O comércio mediterranico reanima-se por intermédio da península italiana, e alarga-se até ao Mar do Norte em busca dos produtos da importante industria dos téxteis produzidos na Flandres.

Por volta do século XII começaram a desenvolver-se numerosas cidades, onde se agrupavam os artífices, organizados em corporações, e que entram em conflito com os grandes senhores agrários que constituem o clero e a nobreza.

E' deste impulso que sai o grande movimento das universidades a partir do século XI. São escolas de Teologia, Direito e Medicina que o clero procura dominar, mas sem resultado, porque, mesmo quando ensinam a teologia, as universidades fomentam o pensamento laico e frequentemente as heresias.

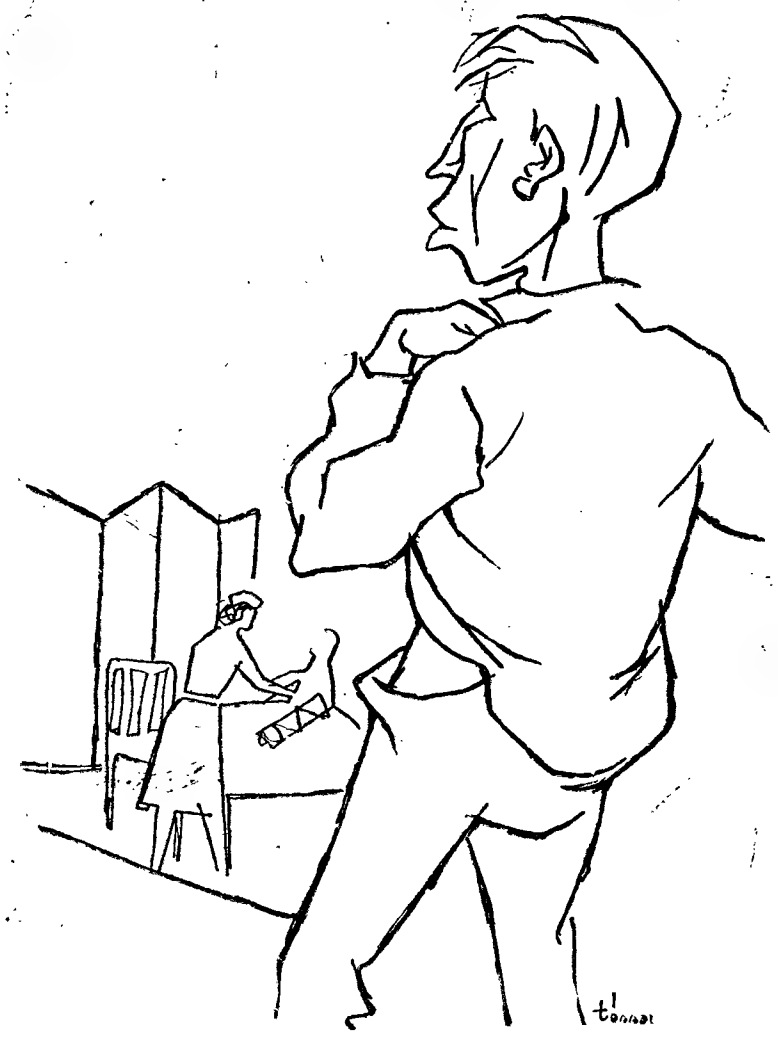
A cultura clerical não chega já para esta gente nova e irrequieta das cidades, cuja ideologia se forja no trabalho mecanico e no comércio que alastra pelos portos e feiras. Mostram-no-lo bem as grandes heresias do século XII, especialmente a dos Albigenses, a que S. Bernardo chamava, depreciativamente, os «tecelões». Ao mesmo tempo que o clero se adapta á nova situação criando para as massas urbanas ordens religiosas especializadas na catequese (Franciscanos e Dominicanos) voltam a manifestar-se certas formas de cultura oral que procuram contornar o monopólio sacerdotal da cultura escrita. Nas praças das cidades novas fazem ouvir-se os jograis, que, ressuscitam os aedos gregos. Cantam as histórias heroicas de Carlos Magno, Roldão e do Cid Campeador, cantam histórias burlescas e paródias e poemas líricos nascidos no folclore de diversas regiões da Europa, especialmente no Sul da França. E o teatro ressurge também, alentado por burgueses e artesãos. E', como o teatro grego, inicialmente inspirado nos mistérios religiosos; mas pouco a pouco penetra-se de sentido humano, evoluindo para o drama e a prosa. Como outrora nas cidades gregas, a cultura oral desempenha um importantissimo papel libertador nas cidades medievais. E' a expressão por excelência da cultura laica da época, e o berço das literaturas modernas.

Mas a Idade Média nesta sua fase progressiva não é uma simples reptição da Idade Homérica. E' uma fase correspondente sim, um segmento quase paralelo, mas já noutra volta da espiral. Uma das diferenças entre as duas épocas é a existência de grandes espaços políticos de onde sairão os estados modernos. Ora os jograis não chegavam para estes grandes espaços, de população dispersa. Tornava-se necessária para cobrir extensões como a França uma forma mais potente de difusão da cultura. As cidades eram de resto cada vez mais numerosas ao longo do Reno, nas costas do Atlantico, do Mediterraneo e do Báltico. E no século XV as corporações urbanas de artífices começam a ser envolvidas pela industria manufactureira, por conta de empresários capitalistas, exercida em parte nos campos longe das cidades.

O manuscrito não podia satisfazer esta crescente necessidade, muito embora estivesse escapando também ao monopólio clerical. Não era já nos conventos que se produzia a maior parte dos manuscritos mas em oficinas adequadas; e havia corporações artesanais de escribas que procuravam produzir cada vez mais depressa. De pé sobre a banca um homem ditava o livro a vários copistas. Por este processo um editor italiano do século XV chegou a obter 50 cópias por cada ditado.

Estão criadas as condições para o advento da tipografia: a existência de populações urbanas multiplas e dispersas e a de um artesanato empreendedor com espírito inventivo que foi já capaz de criar na passagem para o século XV o relógio mecanico.

Leia
OS THIBAULT
Edição de LIVROS DO BRASIL
a comovente, profunda e humanissima obra-prima
de ROGER MARTIN DUGARD,
uma obra-prima da literatura de todos os tempos



V

Sombras e claridades da enfermaria. Os que chegam e os que partem. Como são boas as enfermeiras! Que desejaria fazer agora? Miss Park Avenue e o gangster do East Side.

O negro do cranio esmagado agonizou muitos dias num penoso decrescendo. Mr. Hartman calou-se também. Dias depois, notei que os serventes vinham pôr os biombos em volta da cama daquele rapazinho pálido que me fitara longamente no dia da minha chegada. A sua morte causou um silêncio mais prolongado do que o habitual. Calado, triste, sempre imóvel, com uma indizível expressão de resignação, e sofrendo operações consecutivas, tinha conquistado os rudes corações daquela companhia.

Em frente da minha cama havia uma larga porta envidraçada para o terraço coberto, escuro e cor de ferrugem, onde se arrumavam, ao ar livre e gelado, as camas que tinham acabado de servir, aquelas em que, provávelmente, alguém tinha expirado. Sempre que uma cama vagava, era arrastada para o terraço; e a cada doente que entrava, o que era frequente, iam lá buscar-lhe a cama. A janela-porta ficava aberta o tempo suficiente para esta manobra, e então, na sala sobreaquecida, entrava uma tremenda golfada de Inverno que arrancava brados de protesto aos doentes. Eu recebia em cheio aquela rajada do inferno nórdico, e cobria-me até o cocoruto, batendo a queixada. Mas era preciso aguentar. As prevenções dos médicos nada podiam contra a topografia.

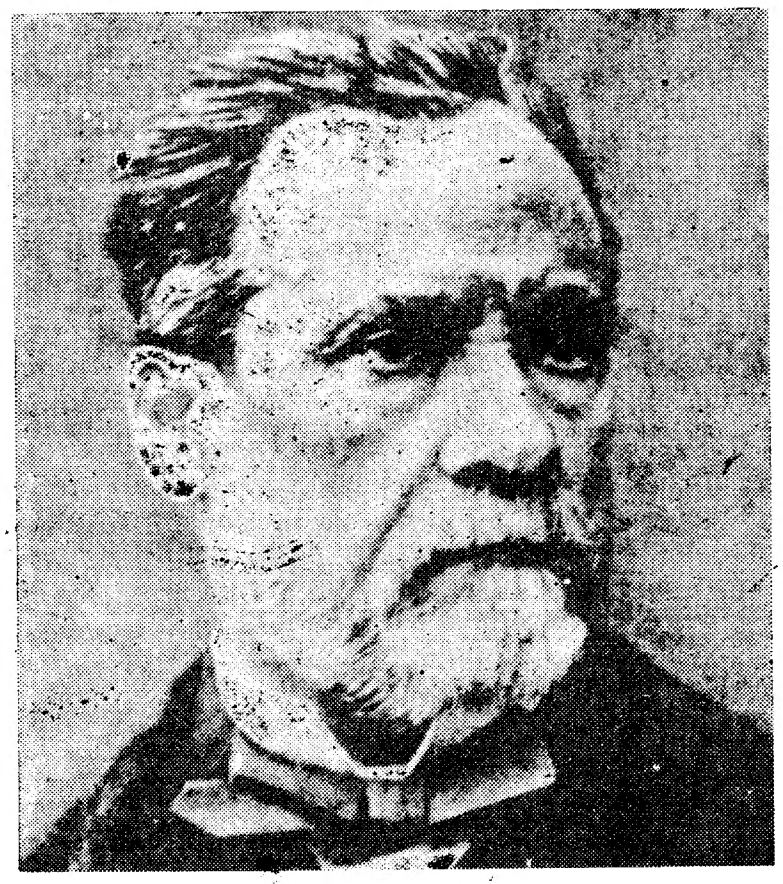
Destituído de olfacto e paladar, e muito embora o meu nariz reagisse a certos estímulos, como o fumo dos cigarros, eu não tinha a menor noção dos olores das roupas de cama. Assim mesmo, quando olhava os lençóis lavados que me punham, irremediávelmente enodoados de sangue, pus ou dejecções, eu não podia evitar uma náusea mental. Os pijamas do hospital, de flanela cor de alfazema desbotada, tristes e desmedidos, tinham ás vezes manchas duma suspeita rigidez. Minha mulher trouxe-me uns pijamas baratos, que ao menos me defendiam do contacto daqueles lençóis de que nem o autoclave conseguia arrancar os traços de doença, miséria e morte. Era a guerra, como dizia o dr. Bigby.

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

Embora não fosse um médico, mas sim um químico, a ele se devem em grande medida os progressos feitos em Medicina e Cirurgia no decorrer do século XIX. Filho de um simples curtidor de peles, nasceu em Dôle, França, no ano de 1822, e morreu em 1895. Era um homem cheio de modéstia e de coragem. A sua coragem pode ser recordada neste pequeno pormenor: em 1871, quando a sua pátria estava em perigo (guerra franco-alemã), recebeu um convite para ensinar na Itália, em Pisa, longe das perturbações da guerra. A sua resposta foi a seguinte: «Cometeria um crime e mereceria a pena dos desertores se fosse procurar longe da minha pátria infeliz uma posição material melhor do que nela poderia obter».

Quais as suas grandes descobertas? Em primeiro lugar, descobriu a cura da raiva. Abria-se, desta forma, por meio da sua vacina, uma nova era para a Humanidade: a de prevenir doenças. Neste mesmo caminho, investigou também a cólera e o carbunculo. E quanto á cirurgia? Como os nossos leitores já terão descoberto, ao chamar a atenção para a existência dos micróbios e para a necessidade de se ferver os instrumentos cirurgicos — ele ajudou a progredir enormemente aquele ramo da Medicina.

As respostas ao nosso concurso devem estar no JUVENIL até ao próximo dia 22 de Setembro, acompanhadas do nome, data do nascimento e morada dos concorrentes e bem assim da indicação dos 3 melhores artigos do JUVENIL desta semana. Haverá um prémio especial para o melhor trabalho sobre o gigante da Humanidade que hoje homenageamos.



UM VESTIDO NOVO

por **Maria Amélia da Costa Pina**
(15 anos)

No relógio da sala começaram a bater as nove horas. Teresa, sentada na frente do marido, mostrava-se serena. Outro tanto não acontecia com este que, de pé, por detrás dela parecia agitado, inquieto.

— Querida — disse ele apoiando as mãos nos ombros da esposa — são nove horas!... A reunião está marcada para as nove e meia e tu ainda tão atrasada!... Para quê, essa mania de levares o tal vestido novo!!! Entre as dezenas de vestidos que possuis não terás tu um, ao menos um...

— Não, Carlos — respondeu ela vivamente — ou levo o vestido novo, ou não saio hoje contigo.

— Mas Teresa, as horas passam. Vamos chegar atrasados. Vê o que isso representa para mim! Além disso, quem te garante que essa maldita modista te mande ainda hoje o vestido!!!! Ficou de to mandar ás cinco e já passa das nove...

Carlos colocara carinhosamente a mão no braço da esposa, fitando-a meigamente.

— Tens razão, Carlos. Estou a ser injusta e incompreensível contigo. Mas que queres? Não está mais na minha mão... depois, meteu-se-me esta ideia na cabeça de que havia de estrear hoje, contigo o meu vestido novo... E logo aconteceu este aborrecimento!!! Olha, Carlos, vai tu sózinho. Vai, e arranja qualquer desculpa, qualquer pretexto para justificares a minha ausência. Eu irei outro dia.

— Mas... ouve Teresa...

— Não insistas, Carlos, peço-te, Com outros vestido não te acompanharei. Talvez seja um «frívolo capricho da tua mulher», como costumas dizer. Mas atende-o mais uma vez...

Teresa sentara-se no sofá, no canto do aposento. Carlos ficou uns momentos a olhá-la, num misto de ternura e alegria. A decisão da esposa, produzira em seu espírito um efeito, que só a custo dissimulou. Os seus olhos brilhavam de contentamento.

Já junto da porta, voltou-se para a mulher que continuava a fitá-lo com serenidade:

— E' de lamentar querida a tua teimosia. Saímos tão poucas vezes... e, logo hoje, que tanto gosto fazia em levar-te comigo!...

— Não faz mal, Carlos — respondeu Teresa retribuindo a meiguice do olhar — vai tu. Eu irei outro dia, sim?... Vai, querido, vai.

— Está bem. Até logo!

Alguns minutos depois, os potentes faróis do seu carro, rasgavam a negridão da estrada deserta, a caminho da cidade.

Carlos acendeu um cigarro e, por entre nuvens de fumo azulado que aspirava com delícia, ia monologando sorridente:

— «Decididamente que és um homem cheio de sorte!». «Não fora aquela aversão que a tua mulherzinha nutre pelas esposas, — as respeitáveis esposas — dos teus colegas e não irias só, a esta hora aqui, contente como vais!...».

O carro ia deslizando rápidamente pelo asfalto, enquanto o marido de Teresa ia recordando factos passados. A pertinaz escusa da esposa em acompanhá-lo a casa de qualquer banqueiro seu colega, sob os mais variados pretextos, levara-o á conclusão de que o verdadeiro motivo era uma grande animosidade, uma grande antipatia, que ela nutria pelas esposas destes. Nunca soubera a razão desses sentimentos da esposa. Tão-pouco procurara jamais sabê-los, embora por vezes, tais sentimentos o colocassem em sérios embaraços. A princípio tentou reagir, impor a sua autoridade. Mas resignou-se. Não só por amolecimento mas, porque de tal atitude da esposa, ele próprio começou a tirar partido. Passeio ou paródia onde quisesse ir com os amigos, não tinha mais que dizer:

— «Hoje vou jantar a casa dos Guerras». Ou: «Esta noite vou com os Maias ao teatro». Não era preciso mais nada para que ela o deixasse ir, sem manifestar o menor desejo de o acompanhar.

Naquela noite assim acontecera. Convidado por alguns amigos a assistir á estreia de uma revista, com ceia no final, num clube nocturno da cidade, em que estariam presentes todas as artistas dessa revista; não lhe convinha de modo algum a presença da esposa, como de modo nenhum lhe queria dizer também, o lugar onde ia. Por isso inventara aquela história da reunião. Se ela se recusava a ir a casa de um, com muito mais razão evitaria ir a uma reunião, onde sem duvida, estariam presentes todos, com as respectivas esposas. Mesmo assim convidou-a.

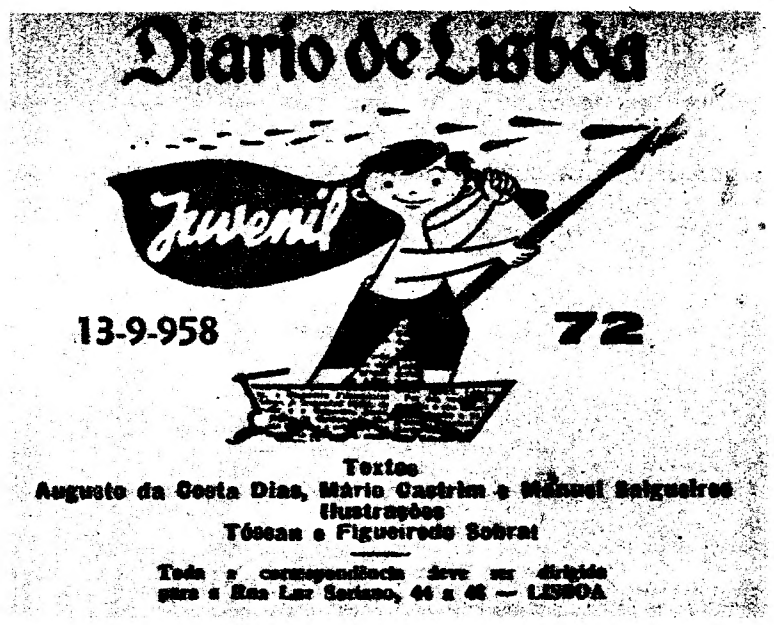
— «Bem, se eu não estiver indisposta e a modista me não faltar com o vestido, irei...» — dissera ela sem grande entusiasmo.

Ao chegar a este ponto dos seus pensamentos, Carlos franziu a testa. Achava estranha aquela falta de atenção por parte da modista para com sua esposa, uma das suas melhores clientes. Ele próprio ouvira a recomendação que a esposa fizera pelo telefone. «Olhe que eu não quero que me falte com o vestido para o dia marcado, ás cinco e meia ouviu?». No entanto, ás nove o vestido ainda não tinha chegado!... Muito estranho na verdade!!! E, o que era ainda mais estranho, o que mais o intrigava, era o conformismo, a resignação da esposa, que, nem sequer esboçou um gesto de arrelia, com a falta da modista. Pard Teresa, cujo espírito autoritário ele bem conhecia, tal falta de palavra devia constituir uma desconsideração, com a qual, noutras ocasiões a sua cólera explodiria. No entanto, ficara calma, insensível.. Nem sequer recorrera ao telefone!!!

— «E se???...».

Carlos aspirou mais uma fumaça. O carro continuava em boa marcha, já dentro da cidade. De repente, como se uma ideia assaltasse bruscamente o espírito do condutor, guinou para a direita, aumentando a velocidade.

(Continua no próximo numero)



FLASH

Por Manuel Agra

O rinque de patinagem

A minha Costa Nova do Prado... Vêm estes dias com o bornal cheio de sol e ponho-me logo a suspirar por ela. E raramente lá vou, não querem saber. Fica longe daqui, a minha vida é toda para estes lados. Mas a saudade dela não morre e vem á superfície neste mês de Setembro como aquela flor que tem por força de romper em determinada época...

Lembro-me, e não só por a luz de lá que, disse-o Raul Brandão, não tem irmã em Portugal. Não só pelo ruivo ainda vivo que ao fim de três bafejos meus e devolvido ao mar me arrancava a bronquite dos gorgomilos. Não só pela avó Ana que me levava no carro de bois de Ilhavo até á mata da Gafanha — através do pinhal que a minha imaginação povoava de bandidos e animais ferozes... Não só por isso. Também pelo barco á vela que eu governava, pelas pescarias na ria, pelas sardinhas da campanha Sul, pela Senhora da Saúde, pelas viagens á Torreira. (Lembras-te, Zeca? Lembras-te Néu? Lembras-te, Lau?).

Aqui em Lisboa falta-me tudo isso. Falta-me o ar... Vou, para espairecer, até ao rinque de patinagem. Ver a alegria das crianças, que é uma das coisas por que a vida vale a pena. Das crianças com asas nos pés, ás voltas e reviravoltas como as andorinhas...

Olha esta! Não se equilibra, nem por mais uma. Pobre do menino! Quem o quer ver é com os costados no chão. O pai, para o incitar, estende-lhe os braços cá de fora.

—Não olhes para o chão. Não olhes. Olha para mim... Isso... Isso...

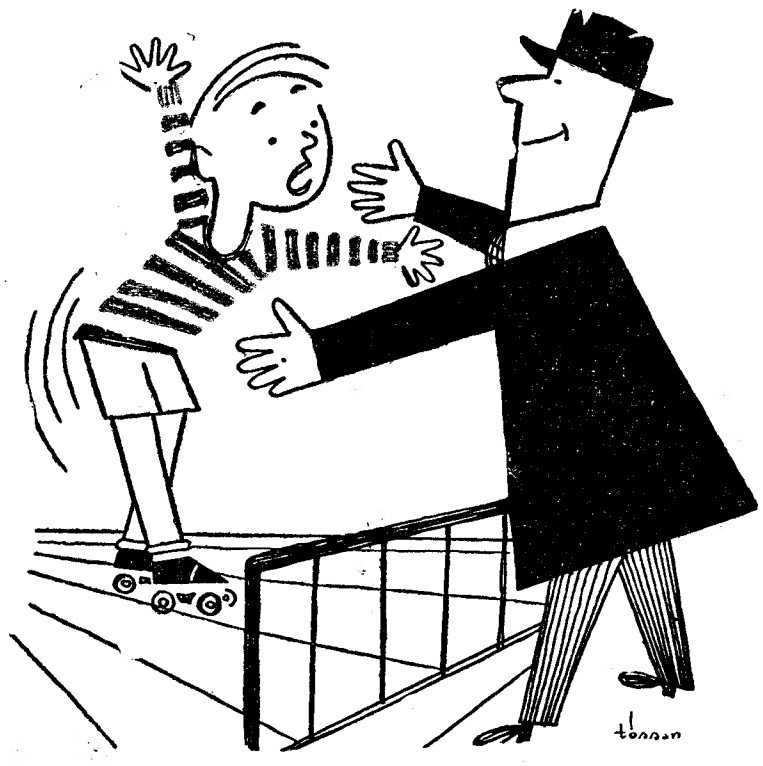
Mais uma vez o bambino no chão. Desalentado. Quer desistir, mas o pai empurra-o novamente para o campo.

—Não sou capaz... Já me dói aqui...

—És, és... Experimenta. E torna a cair, não faz mal...

Outra vez. Outra queda. E nem um palmo andado. Volta a pôr-se de pé. Direito. Um leve impulso, quase sem querer — e o menino, pela primeira vez, voa dois metros.

Cai, mas desta vez propositadamente. Atira-se ao chão, numa crise. Ri e chora, chora e ri. Vencera. Levanta-se. Repete a façanha, na direcção do pai que lhe estende os braços, o menino orgulhoso da sua conquista...



ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS

LAR DOCE LAR

MARIA HELENA COSTA DIAS

A arquitectura usada pelos animais, na construção dos seus lares, é muito variada. Há insectos que os constroem com argamassa preparada com terra molhada, que transportam nas patas. Outros, como a flosa costureira, ligam folhas, cosendo-as com finos raminhos de árvore, construindo assim uma espécie de berço que ondula á brisa fresca. Como nem todos os pássaros têm jeito para a costura, procuram outros modelos arquitectónicos, outros materiais de construção; ou, simplesmente, adoptam tudo o que apanham á mão de semear; a carriça e o pintarroxo não se importam com o que aproveitam — apenas pensam na comodidade da família. Vejam o espírito oportunista desta carricinha da gravura, que não encontrou senão um velho chapéu...

O carapau, macho constrói um ninho, sob as águas, com pequeninos paus e ervas grudados com uma matéria que ele próprio produz. Nesse ninho os ovos são postos por diversas esposas e ciumentamente guardados pelo pai, que não cessa de nadar em volta do ninho, no receio constante de qualquer inimigo. Mesmo depois de nascidos os pequenos, ele continua vigiando, como um pai amantíssimo, não vá acontecer-lhes algum mal.

Entre os mamíferos também se verifica que os cuidados paternais não acabam quando os filhos nascem; durante algum tempo, certos pais vigiam os filhos com extremos de carinho que fariam inveja a muito ser humano. Estes carinhos dão uma maior possibilidade de sobrevivência á espécie. Quanto mais superior é o animal, maior cuidado requer, em pequeno, e durante mais tempo. Os de organização inferior, rapidamente se tornam independentes. Há na Austrália, e só ali, uma espécie de urso, forçado a defender a cria unica, durante muito tempo, e com um cuidado que o mundo complicado e vasto onde vive, constantemente enche de surpresas desagradáveis. E se não fora este cuidado constante, a espécie koala já teria desaparecido, olhando á sua unica cria. A todo o momento tem de livrar-se de situações difíceis e inesperadas, o que não acontece, por exemplo, com os insectos. De resto o cérebro de um mamífero leva mais tempo a desenvolver-se que o de um peixe ou um insecto; mas o mamífero é, em contrapartida, capaz de prestar muito mais serviços do que o fará o cérebro dos animais inferiores. O koala, sabendo que é raro e que corre mil perigos, vive nas árvores e alimenta-se das folhas. Ao contrário dos animais que vivem nas árvores, que são ligeiros e activos, este ursinho não o é. Durante muito tempo transporta a cria ás costas, tornando-a, assim, preguiçosa e mimalha. Este urso não tem cauda e não ultrapassa os sessenta centímetros de comprido, no estado adulto.

O instinto maternal nada tem com a classe zoológica, nem com o desenvolvimento do cérebro, nem com o tipo de vida, do animal. Há aves, como o cuco que põem os ovos em ninhos alheios, para fugir ao trabalho da criação. Outras, como a toutinegra, adoptam filhos alheios que, ás vezes, encontram em casa; não é até raro, que o façam com prejuizo dos próprios filhos, com quem devem partilhar carinho e alimentação. O cuco, por exemplo, é muito maior do que a toutinegra, mas esta não se preocupa com isso. Trata daquele gigante com a mesma ternura com que cuida dos filhos da sua carne. Claro que sendo muito mais corpulento que os irmãos adoptivos come muito mais e não tarda a lançá-los fora do ninho. Um intruso indesejável...

O «sapo pipa» não tem lar. Transporta os filhos ás costas, como o urso koala; mas enquanto este ultimo se agarra ao pêlo da mãe, o «sapo pipa» resolveu o problema de uma maneira mais segura: transporta-os em buracos da pele, que formam como que pequenos bolsos. Quando os ovos são fecundados, o macho enterra-os no dorso da fêmea, onde se incrustam. Aí se mantêm até ter patas; então furam a pele e saem. Depois disto, não pensem que este papel vigilante é, sempre, tarefa feminina. Não, no caso do cavalo-marinho é o macho que transporta os filhos numa bolsa larga para ovos, até que eles possam, por si próprios, tratar da vida.

Como vêem, Amiguinhos, o lar é uma preocupação que não afecta apenas o género humano; e os cuidados dos pais, divididos pelo pai e pela mãe, muitas vezes sem divisão de tarefas, encontram-se em toda a espécie animal, por muito inferior que esta seja.

Teste de inteligência para os teus irmãos mais velhos

1) Certamente já ouviste dizer que o homem é um animal social, isto é, que não pode viver senão em grupo, em sociedade. Quererás tu demonstrar que essa afirmação é exacta — ou falsa?

2) Sei que gostas de escrever contos, versos, novelas... Lembro-me até que concorreste áqueles jogos florais. Hás-de concorrer a outros, claro. E verás que o romance classificado em primeiro lugar terá o prémio digamos, de quarenta mil escudos, enquanto o poema classificado também na primeira posição não obterá mais, digamos, do que mil escudos... Estás de acordo com o critério que preside a essa decisão? Porquê?

3) Já deves ter reparado que, hoje mais do que nunca, a mulher se esforça por que lhe sejam reconhecidos certos direitos que até há pouco tempo lhe recusavam—o direito á instrução, ao trabalho justamente remunerado, ao voto, ao desempenho de certas funções sociais, etc., etc. Alguns homens, porém, entendem que isso os diminui, ou enfraquece ou causa perturbações de ordem social. Qual a tua opinião?

NOTA — Embora os testes que apresentamos se destinem a solicitar dos nossos Amigos mais velhos alguns minutos de séria reflexão, teriamos muito gosto em ler as respostas que nos fossem enviadas.

Para os «ursos»

Segue uma lista de animais e, ao lado, os nomes de escritores em cujas obras se fala deles. O trabalho dos nossos amigos consiste em determinar qual o escritor que fala do corvo, do melro (o melro, eu conheci-o... Era negro, vibrante, luzidio...), dos bois, etc.

Corvo	*Afonso Lopes Vieira*
Melro	*Cervantes*
Boi	*Edgar Poe*
Urso	*Miguel Torga*
Cavalo	*Jack London*
Cigarra	*Guerra Junqueiro*
Cão	*Vítor Hugo*

Ora fica sabendo que...

«Balkan» é uma palavra turca que significa «montanha».

O porto de Londres tem mais de 70 quilómetros de cais.

E' tão grande a importancia do rio Volga que as populações russas lhe chamam « a mãe Volga».

O Chile tem de comprimeito vinte e cinco vezes a média da sua largura.

Com o dinheiro gasto num moderno avião de bombardeamento, poder-se-iam construir 10 sanatórios, 10 grandes estádios e 10 grandes escolas.

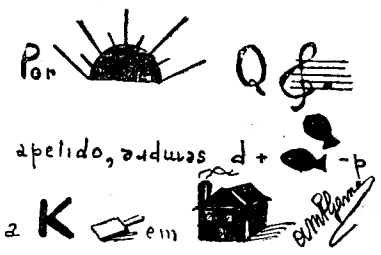
As capitais disfarçadas

Alguém se entreteve a trocar as letras de palavras que designam capitais europeias. Aos nossos amigos cabe agora a tarefa de colocar as letras nos seus lugares e descobrir de que capitais se trata:

Daidrm
Dernois
Sobali
Milbre
Ralxubes

Enigma figurado

Quando eu tinha a tua idade as revistas e jornais infantis usavam muito estes enigmas de que até se faziam concursos muito interessantes (talvez, quem sabe, o «Juvenil» venha a continuar a tradição...). Para matar saudades, apresentamos hoje um enigma que os nossos Amigos, se estiverem com atenção, não tardarão a resolver. O enigma de hoje é da autoria da S.ª D. Ana Maria Pereira da Gama.



Uma questão de alergia

O nosso Periquito foi ao circo. O domador, para tirar certos efeitos do seu trabalho, disse ao Periquito, mostrando-lhe um tigre de aspecto feroz:

— O menino vai levar o tigre para ali, preso por esta corda verde.

— Impossível! — respondeu o Periquito.

— Mas porquê?

— Porque sou alérgico á cor verde.

Pensamentos que fazem pensar

Não podemos hoje indicar o nome do Amigo que ganhou o prémio desta semana. Não podemos porque ele se esqueceu pura e simplesmente de assinar a carta... e eu não tenho aqui o ficheiro á mão. Só posso dizer que tem o numero 1.068. Aqui vão os pensamentos que também copiei para o meu caderno:

«Viver é nascer lentamente. Seria cómodo demais servirmo-nos de almas já feitas».

(Saint-Exupery)

«Conhecem-se demasiado as causas do nosso desgosto, mas ignoram-se, por vezes, as do nosso prazer».

(Sully-Prudhomme)

«Vale mais retemperar a nossa alma do que adorná-la».

(Montaigne)

«Toda a felicidade que gozamos vem da felicidade que damos».

(Sully-Prudhomme)

Teste de Inteligência para os teus irmãos mais novos

1)—O Julio conseguiu meter uma moeda de cinquenta centavos dentro de uma garrafa que custara, a sua mãe, vinte escudos. A moeda, que entrara bem recusou-se depois a sair. O primeiro ímpeto do Julio foi quebrar a garrafa para reaver a moeda. Pensando melhor, resignou-se a ficar sem ela. Concordas com o Julio? Porquê?

2)—Qual e quais predicados gostarias tu de encontrar na pessoa que escolheres para companheiro:

Inteligência
Bondade
Sensibilidade
Sinceridade
Espírito de luta.

3)—As avezinhas... Lá vão elas, pelo céu fora, levandas pelo motor das suas asas. E não conhecem obstáculos nem se sujeitam a horários nem pagam bilhete. Depois, deve ser tão bom voar, ver o Mundo lá de cima...

Aposto que já desejaste voar, ser ave. No entanto, isto de ser ave tem, por vezes, inconvenientes. Aponte, pelo menos, três dos perigos que ameaçam as avezinhas.

Hieroglifos comprimidos

Os nossos amigos apreciaram devidamente este género de passatempo — e lamentamos muito não poder apresentar hoje, por falta de espaço, outro problema. Fica para a semana. Resultados do n.º 70: Entre giestas; Sinfonia incompleta; nas entrelinhas; pespontos...

Do n.º 71: testamento; falsa; melo; ilusão; subtil.

DIÁRIO DE BORDO

Esmeralda Maria do Vale Broegas (Amadora): é preciso indicar a idade, para entrar no rol dos Amigos, pois não vai além dos 21 anos.

1281 — Maria Teresa de Sá Cardoso (Lisboa): manda a tua morada.

1034 — António José D. Saraiva (Lisboa): aqui tens o teu numero.

1255 — Ana Maria Sande Silva: aqui tens o numero. Indica-o sempre na correspondência.

1283 — Elisa Esmeralda A. Madeira: quando regressares de férias, manda a morada, sim?

1259 — Saturnino José M. Lopes: aqui tens o teu numero.

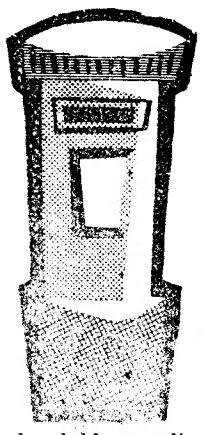
875 — João Carlos Pais Braga: manda a importancia em selos e a morada para onde devem seguir os jornais.

1241 — José Bandeira (Dafundo): tem paciência, Amigo. Os trabalhos são muitos e o espaço... pouco. Têm de esperar vez.

223 — João G. Ventura (Coimbra): recebemos a tua colaboração. Por enquanto, o teu pedido não pode ser atendido, por dificuldades internas. Isso daria um trabalho que não calculas. Talvez um dia lá se chegue. Concretiza esses «nadas» que notas, sim? Pode ser que tenhas razão, não sei. Quanto á falta de assiduidade e «tamanho» das minhas notícias, podes crer que é pura falta de tempo. Porque, por muito que vocês pensem o contrário, eu sou sempre o mesmo amigo.

39 — Carlos Ferreira Braga (Lisboa): quando pedires jornais, não indiques os numeros, mas as datas. Dá menos trabalho e são mais, rápidamente, atendidos. Seguem os três dentro de dias.

1276 — Julia Lopes de Almeida (Cadaval): aqui tens o teu numero.



Vieram devolvidos os livros dos Amigos: Horácio Roberto da Graça Carvalho; Elsa Dulce Ferreira; Maria Ribeiro; Maria Manuela Januário da Costa; Maria Amélia da Costa Lima; Aida Morgado Serrão da Veiga. Por favor, rectifiquem as moradas.

Atenção, Amigo António Jorge de Figueiredo! — manda dizer a morada, para que o prémio possa seguir. Certamente sabes teres sido premiado no concurso mensal de Julho, ficando em 2.º lugar. Os teus livros esperam-te.

904 — Maria Teresa Saturnino de Figueiredo (Lisboa) — deseja corresponder-se com jovem estudante entre os 15 e os 18 anos que goste de jogos escritos (?).

929 — Maria Teresa Monteiro de Oliveira (Lisboa) — Deseja correspondente de 14 a 15 anos.

1283 — Elisa Madeira — Só depois de férias poderemos indicar os nomes dos estudantes estrangeiros. Paciência, pois.

O começo

dum grande movimento

O livro de José Américo de Almeida — «Bagaceira» — foi o inicio de um grande movimento literário, nada mais e nada menos do que o nascimento do romance brasileiro de inspiração nacional. *Trata-se de uma obra para ser lida apenas pelos nossos leitores mais velhos — maiores de 17 anos. Aos que conheceram já alguns dos romances de homens como José Lins do Rego, Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado — terão aqui a oportunidade de surpreender, no seu inicio, a manifestação de uma bela escola literária. Na realidade, o romance brasileiro é já hoje famoso em todo o Mundo e os seus cultores contam-se entre os maiores expoentes no género, em nossos dias.*

O romance de José Américo de Almeida tem como objecto a tremenda seca do interior brasileiro. Aí nos retrata o pungente êxodo das populações em frente aos fantasmas da fome...

Trata-se de uma edição de Livros do Brasil, Ld.ª, que se dedicou a publicar entre nós os grandes mestres brasileiros como Veríssimo e Lins do Rego.

Concurso da semana

As vogais estão de férias

A liberdade a provar
elas estão e estão em falta
Pois nós vamos já provar
que as vogais não fazem falta.

Em carta ou postal então
(recebem livros, depois...)
enviem a solução
até dia vinte e dois.

Alentejo não tem sombra
senão a que vem do céu.
Por isso, se tu lá fores
não te esqueças do CHP.

Nela se apoia o velhinho
que mal ouve, que mal fala
e que segue o seu caminho
graças á humilde BNGL.

Não resistiria ao perigo
de tanto caminho ingrato
o nosso pé, sem o amigo
que tem o nome de SPT.

Tira. Põe. Põe. Despe, veste.
(Se a fazenda não é fraca...)
E a gente não gosta deste
que só muda de CSC...

Há um segredo na aliança
do anelar com o ANL.
Ou é sinal de abastança
ou penhor de amor fiel.

SOLUÇÃO DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 70: I — AS VOGAIS ESTÃO EM FÉRIAS: Coração, Douro, Candeia, Lar, Saudade. II — GIGANTES DA HUMANIDADE: NAPOLEÃO.

Vencedores

1. Amigo n.º 587 — Alexandre Ruben Santos (Amadora).

2. — Amigo n.º 1.286 — Carlos Alberto Cardoso (Torres Vedras).

3. — Amigo n.º 610 — Marília Mendes (Lisboa).

4. — Amigo n.º 1.208 — Emílio Aquiles de Oliveira (Lisboa).

5.—Amigo n.º 1.287 — Raul Fernando Ventura (Almada).

6. — Amigo n.º 1.206 — Virgílio Henriques Roxo (Beja).

7. — Amigo n.º 1.225 — Rosalina Monteiro (Lisboa).

8. — Amigo n.º 1.295 — António Santos (Elvas).

9. — Amigo n.º 1.277 — António Tavares e Castro (Coimbra).

Prémios

1 e 2: «A CASA DO CANAL», por Georges Simenon — Colecção «MINIATURA», Livros do Brasil. Ld.ª.

3. — «PORGY E BESS», por Du Box Heyward — Colecção «MINIATURA».

4 e 5: «OUTRAS TERRAS, OUTRAS GENTES», por Truman Capote — Livros «MINIATURA».

6 e 7: «BIOMBO CHINÊS», por SOMERSET MAUGHAM — Colecção «MINIATURA».

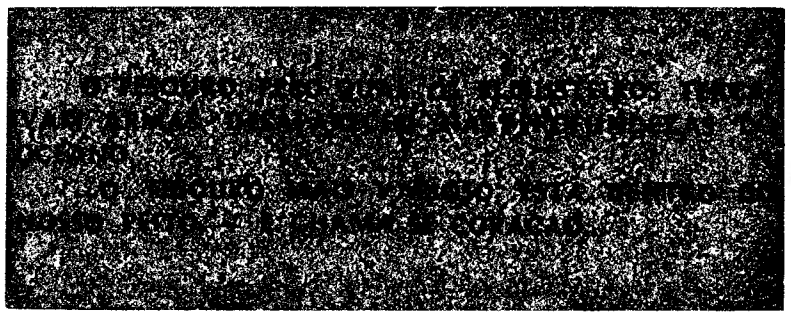
8 e 9: «O VELHO E O MAR», por Ernest Hemingway — Colecção «MINIATURA».

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE NAPOLEÃO

10. — Amigo n.º 1.278 — António Joaquim Carrinho Falcão (Vidigueira).

10. — «UM GOSTO E SEIS VINTÉNS», por Somerset Maugham— Colecção «MINIATURA» — «MUSA CÉRULA», por Augusto Gil— Portugália Editora.

DUELO NO MAR



Ninguém sabia as razões que levaram D. Juan Garcia a ausentar-se da corte espanhola, no dealbar do século XVII, e a refugiar-se em França.

Aí, as suas maravilhosas qualidades de espadachim granjearam-lhe muitas simpatias — e inimizades também. D. Juan tinha o coração muito perto da boca e a espada muito perto da mão. Podia, na verdade, ser tão irreverente quanto quisesse — dado que para dirimir uma questão, com possibilidades de levar nela vantagem, seria preciso encontrar no corpo de D. Juan Garcia um milímetro de carne por onde pudesse entrar uma lamina. E isso nunca ninguém soube como conseguir...

O que não foi possível obter-se pela força das armas foi-o pela astucia. O marquês de Saint Auberne desejava unir a sua casa á do duque de Mont Versailles e para isso, começou a interessar-se vivamente pela menina Louise de Mont Versailles. Esta, no entanto, conheceu D. Juan Garcia durante uma recepção — e o marquês de Saint Auberne viu a sua pretensão sériamente comprometida... Nessa época foi descoberta uma conjura contra o monarca francês. Entre os que participavam nela destacava-se D. Juan Garcia. Pelo menos assim o acreditou o rei, fiando-se na palavra, sempre recta, do seu válido, o nobre marquês de Saint Auberne...

Inocente, embora, o espanhol teve de pôr-se em fuga. Atingiu Bordeus, após algumas peripécias em que a sua coragem e o seu sangue-frio foram postos á prova...

Ali, engajou-se na qualidade de piloto num barco de aspecto duvidoso que pairava ao largo e que largaria na manhã seguinte. Exactamente o que servia a D. Juan que trazia na peugada os sequazes de Saint Auberne...

O barco, «Sagitaire» de seu nome, destinava-se, na realidade, ao corso nos oceanos Atlantico, Indico e Pacífico. D. Juan Garcia, quando o «Sagitaire» alongava as costas portuguesas, pretendeu salvar-se dele, em plena noite. Alcançar terra, a nado, representava, para ele façanha de pouca monta...

Foi surpreendido, porém, pelo capitão, o barbudo e violento Abel Cassin:

—Não sabia — disse ele, com um sorriso zombeteiro — que os Castelhanos amavam tanto os banhos nocturnos...

—Os banhos não, mas as sereias... — respondeu D. Juan Garcia, no mesmo tom.

—Pois tome conta, D. Juan, porque sempre ouvi dizer que o canto das sereias é perigoso...

—Talvez. Eu, porém, gosto de correr o risco. Sobretudo, não gosto que se atravessem no meu caminho. Em guarda!

As duas espadas desembainhadas, tocando-se, despediram faíscas azuis. Ambos os contendores eram mestres naquela difícil arte. O que em D. Juan era agilidade e inventiva, era em Abel Cassin cálculo e fria decisão. A luta manteve-se durante duas longas horas. No fim delas, o capitão achou que um homem daquela estirpe devia ser conservado, a todo o custo.

—Diga-se — exclamou, depois de aparar, com maestria, uma estocada diabólica — é uso em Espanha matar um homem indefeso?

—Nunca! — rosnou o castelhano.

—Pois então ouça-me bem, espanhol de uma figa, esta luta não tem para mim o menor interesse. Vou atirar fora a minha espada... Deixo ao seu carácter a responsabilidade pelo que de indigno fizer... Atenção!

D. Juan Garcia aceitou a trégua. A partir daí, resolveu continuar a fazer parte da tripulação do «Sagitaire». A actividade corsa era a experiência que faltava ao seu enorme cabedal. Assaltada a primeira barcaça que regressava da India, D. Juan Garcia viu-se na posse de um respeitável peculio que só pensou em aumentar. Até aí, D. Juan Garcia sentía bater no peito um coração. Gostava de prestar auxílio aos fracos e desprotegidos — e quanta vez, em nome deles, a sua espada se levantou! Os vastos conhecimentos de medicina que possuía davam-lhe ensejo a abeirar-se, por vezes, dos sofredores e doentes, a dedicar-lhes os melhores cuidados. Após o primeiro assalto, D. Juan Garcia sofreu completa transformação. Ardia-lhe nos olhos um fogo demoníaco. Enriquecer... Ver aumentados o seu poder, a sua grandeza... Voltar a Espanha, sim, não com as vestes de fidalgo arruinado com que partira — mas aureolado com o prestígio que dá a fortuna... Ah, senão fosse o empecilho do capitão! Esse guardava para si o melhor do saque ao que, aliás, se julgava com direito. «Direito? — monologava D. Juan Garcia o direito tenho-o eu na ponta da minha espada!»

Um dia, em pleno Atlantico, interceptaram um lugre que voltava das Américas carregado de ouro e diamantes. Feita a abordagem, os tripulantes dele ofereceram uma resistência simbólica — e as fabulosas riquezas foram transportadas para bordo do «Sagitaire».

Acastelavam-se nuvens de tempestade, o mar erguia ao céu os mil gigantescos braços da sua furia. O rugido do trovão faz-se ouvir, longe ainda, mas já temível...

A' vista do tesouro transportado para bordo do «Sagitário», D. Juan Garcia estremeceu. Chegara a sua hora. Agora — ou nunca. Estivera, demasiado tempo, já, ao serviço de Cassin. Fora até demasiado explorado por ele. Depois não era homem para admitir jugo e superioridade de ninguém.. Por isso, quando o chefe do «Sagitaire» se aproximou, o Castelhano interpôs entre ele e os fardos preciosos, o fio da sua espada:

—Que significa isto? — perguntou, friamente, o corsário gaulês.

—Significa — respondeu Garcia — que quem se atrever a tocar nos fardos terá, primeiro, de atravessar esta linha — e só um louco o tentaria!

—Um louco... — e o capitão sorriu — ou eu...

E o duelo começou, sob os olhares pávidos da restante tripulação. Os dois adversários punham, naquele jogo decisivo, toda a ciência e determinação de que eram capazes. Por dez vezes a frieza calculista de Abel Cassin teve o inimigo ao seu dispor; dez vezes a agilidade felina de Garcia evitou a estocada fatal. Dez vezes também o Castelhano brigão julgou ficar senhor do campo; outras tantas viu o Gaulês, com um sorriso nos lábios, afastar de si o gume que trazia o selo da morte...

No céu desencadeara-se uma violenta tempestade. Ribombavam os trovões e os relampagos cruzavam os ares, como se também eles se dessem a um duelo sem perdão e sem limites. Subitamente, um estrondo que pareceu abalar o próprio céu, estoirou sobre o «Sagitaire». Um relampago — enorme espada de fogo — caiu entre os corsários e «cortou o pesado barco» com a facilidade do gume que rasga um frágil tecido.

Por muito estranho que pareça, a ré, onde se encontrava Juan Garcia, continuou ao lume de água. Mas a outra parte, com todos os flibusteiros e as riquezas tomadas em dois anos de corso, para sempre mergulhou nos abismos insondáveis...

... ...

Deixou nome em Espanha, nos princípios do século XVII, um físico chamado D. Juan Garcia. Deixou nome, não tanto pela ciência, como pelo carinho, pela dedicação que sempre demonstrou possuir, em alto grau, pelos seus doentes mais pobres ou mais infelizes. Impressionava, sobretudo, o seu desapego á fortuna, aos bens materiais que levam tantos homens a perder a vida — e a honra...

—Riquezas? — costumava ele dizer. Está o mar cheio delas — e é tão frio, tão indiferente... os homens não valem pelo dinheiro, que têm cá fora — mas pelo coração que têm lá dentro!

E pelo seu coração D. Juan Garcia demonstrava que era, ele sim, dos «maiores» de Espanha.

●●●●●●●●●●●●●

ESCURIDÃO

Por **Maria Margarida de Carvalho Nascimento** (11 anos)

I

Uma pobre, muito velha, caminhava
Por uma estrada lamacenta e pedregosa
A chuva caía, o vento assobiava,
E a noite ia fechando escura e tenebrosa.

Tudo era tempestade e escuridão
Nem se via uma luz, na estrada
À coz do vento, juntou-se a do trovão
E a velha, por fim, caiu, cansada.

Tentou erguer-se, mas foi tudo em vão
Doía-lhe o corpo e a alma desesperada
Recusava-se a partir na escuridão
Sem saber o caminho que levava.

E quando a manhã raiou
Mostrando o dia sombrio
A vida não encontrou
Naquele corpo já frio.

Colaboração dos leitores

Um dos grandes motivos de justificado orgulho do nosso JUVENIL é este: dar aos nossos leitores e Amigos dedicados possibilidade de verem os seus trabalhos publicados e reconhecido o seu valor literário. Neste numero, por exemplo, pode ler-se colaboração de vários Amigos que mereceu, amplamente, essa honra.

Pois bem, Amigos! Ficamos aguardando poesias, contos, artigos, não ultrapassando 500 700 palavras, de vossa autoria. NÃO É NECESSÁRIO DACTILOGRAFAR. Se o merecerem, publica-lo-emos.

ALMA SÃ EM CORPO LIMPO

XXVI — A SEGUNDA LIÇÃO DE MAX

No dia seguinte ao da conversa que Max entretivera com os jovens sobre as excelências do asseio — a mãe de Margarida disse:

—Mas afinal, Max, você fala tanto dos progressos da limpeza e nada nos diz a nós, donas de casa, sobre tais progressos no que respeita ao lar...

—Que quer você que lhe diga?

—Por exemplo: eu sou professora do liceu, a Maria Antónia está empregada numa Companhia, a Olga é funcionária publica, a Maria Amélia é médica escolar, etc., etc. Ora que fez a ciência para nos auxiliar nas tarefas caseiras, sempre realizadas a correr, pois dispomos de pouco tempo?

—Os problemas do asseio do lar são hoje, na realidade, muito complicados. A mulher deixou de ser a gata borralheira, necessitada de ajudar materialmente a família, trabalhou, no trabalho, por demonstrar que valia tanto como o homem, e dado a sua presença na industria, no ensino, nas ciências, nas artes e nas letras era indispensável á sociedade.

—Claro. Você é justo, mas...

—Espere, minha querida Amiga... Não me pediu que lhe falasse sobre o assunto?

—Pedi.

—Então agora não me deixa falar?...

—Vá, tem razão, continue...

—Pois no mesmo tempo que a mulher trabalhava fora do lar começava a desaparecer uma velhíssima instituição que vinha da Idade Média. Refiro-me á «criada de servir». Eu vi com os meus olhos o que era um servo medieval! Que vida tão miserável e tão

triste!... Estavam sempre na dependência do Senhor, trabalhavam até se esgotar e só um terço do que produziam lhes pertencia. A serva caseira também não tinha horários, não é verdade? Só saía ou só sai uma vez de quinze em quinze dias, aos domingos. Antigamente, no tempo de minha mãe, nem isso sucedia. A serva nem sequer possuia dias de folga... Pois bem: nas grandes cidades a criada está a desaparecer e revindica tantas vantagens que muitas vezes os donos da casa nem a podem sustentar. Falo bem, minhas senhoras? — perguntou Max, fazendo uma careta.

—Que nem um livro aberto.

—Obrigado, muitíssimo obrigado. Mas continuando: entretanto o custo de vida tem-se elevado de ano para ano, cada vez é mais difícil governar uma casa de família. Quando nós, das classes médias, assim falamos, o que não dirão os nossos pobres operários e camponeses!... Minha avó falava-me duns tempos que eu julgava pertencerem á fabulosa época em que as fadas andavam por este Mundo. Sabem o que era? Nunca ouviram recordar os tempos ainda bastante próximos, em que um chefe de família ganhava 15 ou 25 mil reis por mês? Com cinco tostões (quinhentos reis) trazia-se um enorme carregamento da praça... Este aumento gradual do custo da vida obriga a fazer apertadas economias. Antes de comprarmos uma coisa necessitamos de pensar duas vezes.

—Mas quando é que o Max fala na limpeza, não me dirá? — perguntou uma das senhoras.

—Está assim com tanta pressa? Já vai ver a razão por que falei nestes assuntos. Primeiro: o trabalho da Dona de Casa fora do lar exige, exige que as tarefas caseiras se simplifiquem, de modo a que ela tenha tempo (quando eu casar direi: com a ajuda do marido!)...

—Bravo!

—...de modo a que ela tenha tempo para as realizar. A ciência e a técnica, portanto, devem conseguir facilitar os trabalhos caseiros. E conseguiram-no, embora ainda hoje só uma pequena minoria de Donas de Casa possa gozar de tais vantagens. Refiro-me, como calculam, aos frigoríficos, aspiradores, enceradoras, ferros automáticos, máquinas de lavar roupa ou louça, etc. Este ultimo invento já diz respeito ao asseio no lar.

PASSEIA E PRE-HISTÓRIA DO SABÃO

—Mas nada mais se registou de progresso nesse campo?

—Não senhora! Nestes ultimos vinte anos enormes progressos se verificaram no fabrico dos sabões, até se conseguir o que a Dona de Casa necessitava: sabões que lavassem melhor, com maior rapidez e exigindo menos esforço físico, isto é dispensando que a roupa seja muito esfregada.

Por outro lado, estes mesmos sabões possuem uma outra e enormíssima virtude: usam-se em menos doses que os sabões antigos; são por conseguinte mais económicos. Isto é importante, não é verdade?

—Decerto.

—Mas a economia não termina aqui. Com os antigos métodos de lavar, a roupa estragava-se muito, não é verdade? O cloreto, as lixívias, a potassa, a soda — usadas para tirar nódoas — queimavam a roupa, poíam-na. O mesmo sucedia ao esfregar-se e bater-se a roupa na pedra do tanque ou nas pedras da ribeira quando a lavagem se entregava á lavadeira.

A lavadeira podia constituir e muitas vezes constituia um perigo para a nossa saude: ela lavava roupa de pessoas doentes infecciosas juntamente com a de gente sã. As doenças apareciam sem sabermos o motivo. Pois os sabões modernos acabaram com todas estas dificuldades: lavam melhor sem estragar a roupa.

As minhas Amigas ainda se lembram do velho sabão amarelo...

—Pois com certeza... Mas não nos diga que alguém lavava a roupa com ele...

—Não digo, não: pode estar descansada. O sabão amarelo, ou o sabão amêndoa apenas serviam e servem para lavar os soalhos. Sabem que nome lhes dão os fabricantes de sabão? É o de «água em pé».

—Porquê?

—Como sabem a base dos sabões são as matérias gordas — óleos de coco, de palma, de mendobi, sebos, azeites e palmistes. O sabão é tanto melhor quanto maior for a quantidade e qualidade das suas gorduras. Ora os sabões amarelos e de amêndoa apenas possuem respectivamente 25% e 7% de gordura. O resto da sua composição é água e as chamadas «cargas», que apenas têm a função de conseguir segurar a água, de conseguir fornecer alguma consistência ao sabão. Mesmo assim aqueles sabões são muito moles e se os deixamos estar muito tempo em casa, perdem mais de metade do peso, pois a água evapora-se...

O sabão azul e branco, tão vosso conhecido, possui já 47% de gorduras. É por isso um sabão de qualidade muito superior. E sabem a razão das pintas de cor (azul ou rosa)? Este sabão é uma mistura de sabões de alta qualidade (com mais de 60% de gordura) e baixa qualidade (cerca de 20% de gordura). Quando o sabão arrefece, a mistura, porém, não se faz homogeneamente: e as manchas são justamente o sabão de mais baixa qualidade.

Então porque é que umas vezes é azul, outras vezes rosa?

—Você tocou num pormenor muito curioso. O sabão de baixa qualidade tem o condão de arrastar consigo as impurezas; o de alta qualidade, rejeita-as, expulsa-as. Deitando anilina azul ou cor-de-rosa no sabão, estas são absorvidas pela parte de mais baixa qualidade, isto é pelo sabão com 20% de gordura... Porque se fez isto? Antigamente todo o sabão era fraco em cor de gorduras. Não pintava, portanto, pois todo ele fica pintado por igual. Ao misturar-se com sabões muito mais gordos e para defesa do publico, lançou-se mão do expediente de lhe deitar anilina azul ou rosa (conforme o gosto do comprador). As pintas de cor garantiam que o sabão era de melhor qualidade...

—Isso tem muita piada!...

—Claro que se trata hoje de uma tradição sem razão de persistir. Os laboratórios podem determinar com muito maior rigor a quantidade de gordura de sabão. Isto quer dizer que o sabão azul e branco está condenado. De facto, no estrangeiro já não se fabrica outro sabão senão com 62% de gordura. É o chamado sabão-extra. Nessa altura também acabarão os sabões amêndoa e amarelo que o nosso bom povo ainda compra porque é pobrezinho, porque o que ganha mal lhe chega para comer...

(continua no próximo numero)

PROBLEMAS DOS JOVENS

O desporto é, no nosso País, muito mal acarinhado pela juventude. Poucos são os que o praticam. E, no entanto, ele é dos melhores meios de educação, física e moral. O desporto desenvolve o corpo, fortalece-o, protege o organismo de muitas doenças. E' uma força espiritual, uma escola de virtudes que o prepara para a vida, um esplêndido auxiliar na formação do seu carácter. O jovem que perde em qualquer competição desportiva, também encara na vida com estoicismo as possíveis derrotas a que sempre está sujeito. E, naturalmente, como não lhe agrada ser vencido, prepara-se melhor, esforça-se por alcançar o máximo do seu rendimento e, na época seguinte, se trabalhou convenientemente e não lhe faltavam qualidades, poderá transformar o sabor acre da derrota, no orgulho e no entusiasmo da vitória. De outra maneira, nunca ele conseguiria o prazer de ser vencedor. Pois como quer triunfar aquele que desanima? O desporto, desenvolve pois, além das qualidades físicas, qualidades estritamente morais, tais como a lealdade, o respeito e a obediência pelas regras, o espírito de equipa, etc. A prática do desporto une os homens para a obtenção de um unico ideal: a perfeição da humanidade. Acaba com as diferenças raciais e de nascimento (que individuos anticivilizados ainda procuram reavivar), lança amigos para sempre, espalha a solidariedade entre os homens, afasta dos espíritos a lembrança da guerra e outros ódios, aumenta o respeito que cada um deve pelo seu semelhante. Todos conhecem o exemplo histórico de um grande povo que dedicou muita atenção aos jogos desportivos. O povo grego era de índole guerreira, mas, e principalmente em Atenas, o seu regime político, o amor pelas artes e pelas letras, o grande entusiasmo pelo desporto, mostra-nos que se tratava de facto de uma grande e progressiva civilização. Os Gregos chegavam a interromper as suas escaramuças para que os grandes jogos se pudessem realizar. Mensageiros iam anunciá-los ás partes mais remotas da Hélada, cujos habitantes não hesitavam um só momento em ir presenciá-los, tal era o interesse e a fama das competições desportivas. E o vencedor dos jogos era considerado o homem mais forte de toda a Grécia.

E' pena, na verdade, dizer que nós, Portugueses, não soubemos seguir o exemplo grandioso de um povo que viveu há mais de dois mil anos. E' certo que não há em Portugal as instalações necessárias á prática do desporto. Que os responsáveis não sabem ou não querem cuidar da educação física dos Portugueses, não é menos certo. Mas uma boa parte da culpa também nos cabe: acontece que a própria juventude não se importa com este declinio do desporto em Portugal. Infelizmente, é raro o jovem que não prefira ir meter-se no cinema a participar numa bela tarde desportiva. Considero, pois, dever de todos nós, rapazes e raparigas, acabar com esta atitude de desprezo ao desporto. Se cumprissemos a nossa obrigação, o estrangeiro seria levado a reconhecer as qualidades dos jovens de Portugal, e apontando para qualquer de nós diria: «Eis uma alma sã num corpo são».

por **José Carlos Junça de Morais** (15 anos)

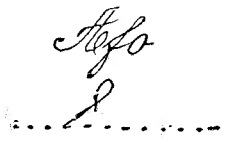
(AMIGO N.º 338)

VISTOS PELOS JOVENS

Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

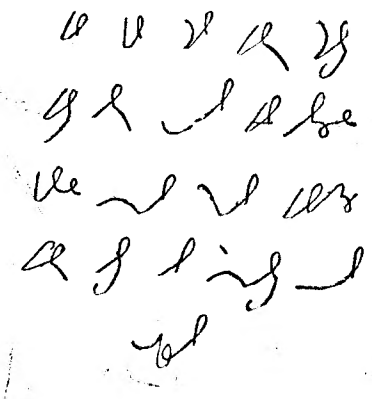
Vamos estudar o som *AFO*. Não há que chamar a atenção dos alunos para quaiquer dificuldade. O som AFO é de traçado muito simples. Basta ter presente que se *escreve de baixo para cima e da esquerda para a direita.*



Representação fonética:

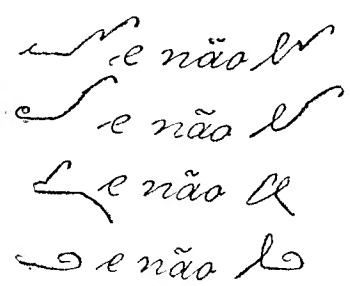
Af. ef, if, of, uf
afo, efo, ifo, ofo, ufo
alfo, elfo, ilfo, olfo, ulfo
anfo, enfo, info, onfo, unfo
arfo, erfo, irfo, orfo, urfo
afro, efro, ifro, ofro, ufro
alfro, elfro, ilfro, olfro, ulfro
asfo, esfo, isfo, osfo, usfo

Exemplo de ligação:



(Tradução: Safo, cofre, golfo, ceifaram, garfar, silfide, ânfora, bafio, sofrimento, africano, cafeína, chefe, tifo, sulfúrico, rafeiro, arfar, esfriou, destrunfar, marfim, balofa).

Não devem esquecer aquilo que dissemos já aqui por várias vezes: Sempre que for possível, *especialmente no início dos vocábulos*, há vantagem em substituir este som geral pela *consoante mestra* (a consoante que dá origem ao som, neste caso o *f*). Tomem conta nos seguintes exemplos:



(Respectivamente: aferir, ofender, referem, ênfase)

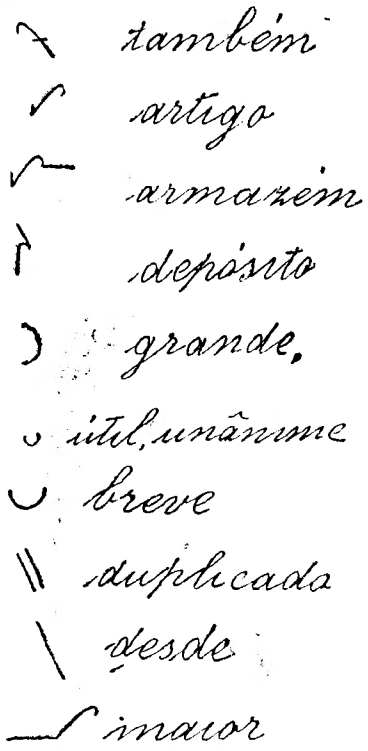
Palavras que os nossos amigos devem estenografar em casa e enviar depois para correcção:

Cafre, café, ráfia, sofrer, cânfora, solfa, golfada, sofrem, sofrido, amarfanhar, arfar, bafejo, afada, golfo, trofa, arfando, africanistar.

E ainda as frases, com os sons já separados, para dar uma pequena ajuda:

O a/l/uno s/ofria por/que não t/inha estu/d/ado con/v/eni/ente /mente a/s l/ições d/aqu/ele d/i/a. O/s c/eif/eiros c/eif/aram o tr/igo sob u/m c/é/u afr/ic/ano. O tr/unfo d(e) q(u)em s/ofre é p/o /d/(e)r a/v/al(i)/ar a d/o/r

E para terminar, algumas abreviaturas que devem saber-se de cor:



Até sábado, meus amigos.

Que venha para todos...

Vimos na História da Limpeza através dos séculos que durante milhares de anos o homem viveu como os animais, imundo e indiferente á imundície. Vimos que, quando surgiu, o asseio foi apenas benefício de uma pequena minoria. Vimos depois que essa minoria foi aumentando com o decorrer dos tempos. Agora é preciso que o asseio chegue a toda a gente. Eis a grande lição que tirámos desta História e Pré-História do Sabão, oferecida aos jovens portugueses pela Companhia União Fabril.